

mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

sesc 75 ANOS

ARTIGO

Haverá futuro para quem vive nas ruas das cidades brasileiras?

ENTREVISTA

Padre Julio Lancellotti

PAINEL DE EXPERIÊNCIAS

Clube de Leitura do Trabalho Social com Idosos (TSI): um convite à leitura!



Sesc São Paulo
Av. Álvaro Ramos, 991
03331-000 São Paulo - SP
Tel.: +55 11 2607-8000
sescsp.org.br

mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

VOLUME
32

NÚMERO
81

DEZEMBRO
2021

ISSN
2358-6362

Produção técnica editada pelo
Sesc – Serviço Social do Comércio

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL

Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

Técnico-Social Joel Naimayer Padula

Comunicação Social Ivan Giannini

Administração Luiz Deoclécio

Massaro Galina Assessoria Técnica e de

Planejamento Sérgio José Battistelli

GERENTES

Estudos e Programas Sociais Cristina Riscalla

Madi Adjunta Cristiane Ferrari Artes Gráficas

Hélcio Magalhães Adjunta Karina Musumeci

COMISSÃO EDITORIAL

Neide Alessandra Périgo Nascimento
(coordenação), André Venancio da Silva,
Adriana Reis Paulics, Adriano Alves Pinto
Campos, Danilo Cymrot, Fabrício Leonardo
Ribeiro, Fernanda Andrade Fava, Flavia
Rejane Prando, Gustavo Nogueira de Paula,
Jair de Souza Moreira Júnior, Juliana Viana
Barbosa, Julio Cesar Pereira Júnior,
Mariana Barbosa Meirelles Ruocco,
Octávio Weber Neto, Rosângela Barbalacco,
Thais Helena Franco

Editoração Thais Helena Franco

Produção Digital Ana Paula Fraay e

Karla Priscila Vieira Carrero

Fotografias Capa, pág. 8, 9, 118, 119, 120, 121,

122, 123, 124 e 125: Marília Marz;

pág. 110, 111, 113, 114 e 117: Matheus José

Maria; pág. 126: Fernanda Silvestre;

Revisão Samantha Arana

Projeto Gráfico Marcio Freitas
e Renato Essenfelder

**Artigos para publicação podem ser
enviados para avaliação da comissão
editorial no seguinte endereço:**

revistamais60@sescsp.org.br

*Mais 60: estudos sobre envelhecimento /
Edição do Serviço Social do Comércio. –
São Paulo: Sesc São Paulo, v. 32, n. 81,
Dezembro 2021 –.*

Quadrimestral.

ISSN 2358-6362

*Continuação de A Terceira Idade: Estudos
sobre Envelhecimento, ano 1, n. 1, set. 1988–
2014. ISSN 1676-0336.*

1. Gerontologia. 2. Terceira idade. 3. Idosos.
4. Envelhecimento. 4. Periódico. I. Título. II.
Subtítulo. III. Serviço Social do Comércio.
CDD 362.604



CAPA

Marília Marz

Ilustradora e quadrinista.
marzmarilia@gmail.com

SUMÁRIO

1 PÁGINAS DE 8 A 31

Destaque da edição

Haverá Futuro para Quem Vive nas Ruas das Cidades Brasileiras?
por Fernanda Almeida

2 PÁGINAS DE 32 A 45

**Envelhecer Vivendo nas Ruas:
A Experiência Radical do Desamparo**

por Jorge Broide

3 PÁGINAS DE 46 A 65

Comparação entre os Benefícios da Dança e do Exercício Físico para Idosos: Uma Revisão Sistemática
por Adriana Cristina Ródio da Silva, Izabel Elizandra da Silva e Tuffy Felipe Brant

4 PÁGINAS DE 66 A 83

Envelhecimento Humano: A Perspectiva de Filósofos e Pintores da Antiguidade

por Marcelo de Maio Nascimento

5 PÁGINAS DE 84 A 97

Conhecimento e Atitudes de Idosos Brasileiros com Relação às Práticas Sexuais

por Luciana Carmo Rocha e Meireluci Costa Ribeiro

6 PÁGINAS DE 98 A 109

A Experiência do Ócio na Velhice: Contribuições Teóricas para Reflexões Sobre Sua Função Social

por Vagner Martins dos Santos Junior

e PÁGINAS DE 110 A 117

ENTREVISTA: Padre Julio Lancellotti

q PÁGINAS DE 118 A 125

QUADRINHOS: Marília Marz

p PÁGINAS DE 126 A 133

**PAINEL DE EXPERIÊNCIAS:
Clube de Leitura do Trabalho Social com Idosos (TSI):
Um Convite à Leitura!**

por Fernanda Silvestre

r PÁGINAS DE 134 A 137

RESENHA: Lembrar e Ser Lembrado

por Danilo Cymrot



Vozes que Vêm das Ruas

Danilo Santos de Miranda

Diretor do Sesc São Paulo



O termo “população em situação de rua” é, geralmente, utilizado para identificar um grupo que apresenta características como a inexistência de moradia convencional e regular, a pobreza extrema e os vínculos familiares fragilizados ou interrompidos.

Heterogêneo, esse grupo pode abranger indivíduos com problemas mentais, com deficiência, negros, imigrantes, egressos do sistema penitenciário, pessoas LGBTQIA+ e tantas outras, às vezes famílias inteiras vivendo nas ruas. Assim, é importante que se evite sua homogeneização, de forma que tanto o trabalho de proteção social quanto a escuta sejam direcionados.

Para quem está envelhecendo nesse cenário, as condições físicas, psicológicas e sociais trazem diversas dificuldades. A expectativa de vida é reduzida. A possibilidade de um local para ser reconhecido como seu, com pertences, vizinhos e referências pessoais torna-se distante. E o cuidado em relação a essas pessoas deixa de existir.

Portanto, fazem-se necessárias políticas públicas que se interessem não apenas pelos grupos, mas pelos sujeitos, portadores de histórias de vida, perdas, ganhos, desejos. Nesse sentido, a escuta, ainda que permeada por contradições, pode oferecer respostas e elementos para a proposição de medidas eficientes e projetos de vida sustentáveis, que deem conta da complexidade e das demandas específicas.

A abertura de espaços de discussão, a partir de diferentes pontos de vista, possibilita a construção de alternativas acolhedoras e humanizadas e pode auxiliar, por exemplo, a dirimir estigmas, preconceitos e atitudes discriminatórias.

O envelhecimento e a longevidade são assuntos tratados de forma transversal no Sesc São Paulo. O programa Trabalho Social com Idosos, com suas ações permanentes e em rede, procura abordar os vários aspectos de uma sociedade que envelhece. E a revista *Mais 60*, ao apresentar-se como um desses espaços, traz nesta edição uma reflexão acerca das pessoas idosas em situação de rua, sob a perspectiva da defesa dos direitos humanos.

Boa leitura! ☺

1

*Artigo
da capa*

Haverá Futuro para Quem Vive nas Ruas das Cidades Brasileiras?

[Artigo 1, páginas de 8 a 31]





Fernanda Almeida

É assistente social e coordena o curso de Pós-Graduação em Serviço Social e Saúde da Faculdade Paulista de Assistência Social (FAPSS/SP). Atua na rede pública de saúde (SUS) no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (Caps/AD). Psicanalista em formação, é aluna do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

fernandaaraujodealmeida@gmail.com



O Bicho

*Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.*

*Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.*

*O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.*

O bicho, meu Deus, era um homem.

Manuel Bandeira, 1947

1. ESCUTAR AS RUAS

Quem, como eu, vive nas grandes e médias cidades brasileiras já deve ter notado e indagado sobre o aumento significativo da população em situação de rua na última década. A percepção é real e traz preocupações de ordem política, econômica e social. Embora existam pesquisas e estimativas regionalizadas não há, no Brasil, um levantamento censitário nacional atualizado. A insuficiência de dados confiáveis é um dos grandes entraves para a construção e consolidação de políticas públicas, assim como para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento deste que é, indubitavelmente, um dos maiores e mais complexos desafios para a gestão pública nos municípios.

Para se ter uma ideia da magnitude do desafio, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) publicou, por meio de uma nota técnica (73), o estudo que aponta o aumento de 140% da população em situação de rua no período de setembro de 2012 a março de 2020, chegando a quase 222 mil pessoas¹. Só na cidade de São Paulo, como maior exemplo, de acordo com o último levantamento realizado pela prefeitura em 2019², existiam 24.344 pessoas nesta condição³. Destes, 2.211 têm mais de 60 anos, isto é, são considerados idosos. Já os adultos na faixa etária entre 50 e 59 anos somam 2.878 pessoas, com isso, o percentual de pessoas com mais de 50 anos vivendo em situação de rua corresponde a 20,9%. Isso significa que as pessoas em situação de rua estão envelhecendo e, com o aumento desta população em decorrência da pandemia, os mais idosos e frágeis ficam ainda mais vulneráveis.

O dado convoca algumas reflexões primordiais: se a vida urbana é centralmente organizada a partir do mundo do trabalho, é possível considerar que, no cenário da crise atual de emprego, o mercado de trabalho absorverá esta mão de obra que está envelhecendo em situação precária? Em outras palavras, quais são as condições concretas de vida desses homens e mulheres, em especial dos idosos, e quais são as perspectivas reais de envelhecimento com dignidade para essa população? Se há o consenso de que a longevidade tem relação direta com as condições materiais e imateriais que garantem a qualidade de vida, a população em situação de rua é a representação imediata da negação deste direito humano? Se o futuro é o intervalo de tempo que se inicia após o presente, como é possível pensar em um futuro digno para a população em situação de rua? E mais, que futuro terão as grandes e médias cidades com taxas de urbanização e desemprego cada vez mais expressivas e, consequentemente, com o envelhecimento da população em situação de rua?

¹ Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35812. Acesso em: 26 out. 2021.

² Outros dados censitários serão abordados mais adiante.

³ Os movimentos sociais e a sociedade civil organizada contestam esses dados e afirmam que são mais de 30 mil pessoas. Parece haver consenso entre os especialistas de que a pandemia agravou ainda mais a situação. Com o aumento do desemprego e o crescimento da inflação e miséria, a fome volta a fazer parte da vida de muitos brasileiros. A Comissão Econômica para a América Latina e Caribe da Organização das Nações Unidas (Cepal/ONU) publicou novo relatório e estima que o total de pessoas pobres aumentou para 209 milhões no final de 2020, 22 milhões de pessoas a mais do que no ano anterior. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/comunicados/pandemia-provoca-aumento-niveis-pobreza-sem-precedentes-ultimas-decadas-tem-forte>. Acesso em: 26 out. 2021.

Artigo 1

Haverá Futuro para Quem Vive
nas Ruas das Cidades Brasileiras?

Como se pode notar, as questões não são simples e exigem políticas públicas estruturais. Diferentemente daquilo que supõe o campo mais tradicional, as respostas meramente assistenciais são insuficientes, pois não se trata de simplesmente acolher e garantir a subsistência para as pessoas, como afirmei em outro artigo sobre o tema:

O aumento da população em situação de rua nas cidades brasileiras é a evidência real de que a política econômica pautada exclusivamente pelas demandas do capital financeiro resulta no aumento da miséria e no aprofundamento da desigualdade social. Os milhares de homens, mulheres e crianças vivendo de maneira sub-humana nas ruas, em sua maioria trabalhadores desempregados e suas famílias, expõe as vísceras da profunda crise política, social e ética⁴.

(ALMEIDA, 2019)

Somente em 2009, por meio do decreto nº 7.053/2009, é que foi instituída a primeira Política Nacional para a População em Situação de Rua e o Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento no âmbito federal. Mesmo que seja consensual a dificuldade de caracterização do fenômeno, o decreto buscou uma definição unívoca, e assim o define:

(...) considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória. (BRASIL, 2009)

Embora seja possível contabilizar avanços institucionais a partir deste ato, de lá para cá as políticas públicas para esta população continuam focalizadas, pontuais e, mais recentemente, após 2016, sofrem com as agruras da agenda ultraneoliberal, pautada na austeridade como modelo de gestão pública, que intensifica as desigualdades sociais e fragiliza ainda mais as pessoas mais vulneráveis.

Escrito em primeira pessoa, o presente texto apresenta reflexões, indagações e relatos a partir da minha experiência profissional⁵ tanto na formulação como na gestão e execução de políticas públicas para esta população na cidade de São Paulo. Embora eu não possa falar em

4 ALMEIDA, F. 19 de agosto:
um dia memória, luta por
justiça e resistência da
população em situação de rua.
2019. Disponível em: <https://jornalgn.com.br/artigos/19-de-agosto-um-dia-memoria-luta-por-justica-e-resistencia-da-populacao-em-situacao-de-rua-por-fernanda-almeida/>. Acesso em: 26 out. 2021.

5 Integrei a primeira equipe
da Coordenação de Políticas
para População em Situação
de Rua (PopRua), entre
2013 e 2016, na Secretaria
Municipal de Direitos Humanos
e Cidadania de São Paulo.
Este período coincidiu com a
criação do primeiro Comitê-
PopRua, órgão colegiado de
composição paritária entre
governo e sociedade civil, que
visa construir, acompanhar
e avaliar a política municipal
para a população em situação
de rua da cidade de São Paulo.
Atualmente sou membro da
Rede Rua Pinheiros.

nome destes sujeitos, o propósito aqui é transmitir através das minhas lembranças e memórias – relações tecidas a partir da vivência cotidiana com homens e mulheres em situação de extrema vulnerabilidade – a complexidade e ambivalências dos múltiplos significados do viver nas ruas e praças da cidade. Ainda sobre a forma de exposição, por sua natureza “ensaística”, anuncio de antemão as lacunas deste escrito, os possíveis excessos subjetivos e as prováveis afirmações eloquentes.

Escrever talvez seja uma das formas mais intensas de elaboração, mas não é exclusiva, há outras, sem sombra de dúvidas. Aos intérpretes, por exemplo, cabe desmesurada missão de reconhecer e expor virtudes e vícios humanos através do teatro, do cinema, das novelas etc. A mim coube, neste caso, a tarefa de transmitir através das palavras o relato de experiências que reconhecem a dramaticidade daqueles que sobrevivem à margem. Em razão disso, penso ser imprescindível o resgate das biografias, é fundamental recuperar as histórias de vida, é preciso abrir a escuta para os desejos. Escutar as ruas e acolher corpos e modos de vida que desconcertam e subvertem a lógica higienista e anticéptica do ideário da sociedade contemporânea.

Foi no momento de escrita deste texto que eu me recordei da Nina, uma mulher velha, negra, magricela, desdentada e com transtornos mentais visíveis. Na minha infância eu passava os dias com a minha avó paterna, uma prática comum entre as famílias trabalhadoras. Foi entre banhos de mangueira e brincadeiras com os cachorros no quintal da minha avó que me foi apresentada a Nina. Minha avó não me dizia exatamente quem ela era, eu entendia ser uma de suas amigas. Mas ao mesmo tempo, achava estranho, pois a Nina aparecia sempre de surpresa, e causando alvoroço. Era diferente das outras amigas da minha avó, antes de engatarem na conversa, Nina sempre pedia para tomar um banho. Minha avó lhe dava roupas limpas e um bom prato de comida, indiferente ao horário.

Enquanto Nina narrava as histórias das suas andanças, eu fingia que brincava com o cachorro, mas em verdade eu ouvia tudo com muita atenção, concentrada em cada detalhe. Me lembro que ela contava dos fuzuês de quando dormia nas praças e também das encrencas quando exagerava nas doses de cachaça. Ela se mostrava mais contente ao narrar do que minha avó ao ouvir. Minha avó lhe dava conselhos e parecia mais preocupada com o futuro da Nina do que a própria Nina.

A vida tem desses fascínios, percebo agora que o interesse e envolvimento com que escuto cotidianamente as histórias das muitas pessoas em situação de rua, que passam e passaram em meus plantões,

Artigo 1

Haverá Futuro para Quem Vive
nas Ruas das Cidades Brasileiras?

6 Antonio Lancetti, no livro *Contrafissura e plasticidade psíquica*, apresenta uma proposta de intervenção profissional a partir das concepções de “plasticidade psíquica e atletismo afetivo”. Para o autor, os terapeutas dos serviços de saúde e assistência social que acolhem essa população precisam, “(...) para suportar paixões violentas (...) ou mergulhar na biografia de pessoas silenciadas carcerariamente, além de plasticidade psíquica, os terapeutas (...) exercitam uma espécie de atletismo afetivo” (LANCETTI, 2015, p. 62). Tal elaboração já havia estruturado sua proposta de clínica peripatética.

7 Para discussão da gênese e multiplicidade de fatores que constituem as determinações do fenômeno população em situação de rua, buscar: SILVA (2009); RODRIGUES et al. (2020); VIEIRA et al. (2004).

têm um tanto dessas memórias e afetos. Tem técnica, evidentemente. Tem consolidação e formação profissional, obviamente. Tem, sobretudo, a estruturação da política pública que viabiliza, indiscutivelmente, o acesso deste público aos serviços de assistência e saúde. Mas hoje reconheço que é preciso ter, por parte dos profissionais, uma espécie de despojamento afetivo. Uma disponibilidade que sustenta a base daquilo que chamamos de *ética do cuidado*, ou seja: o respeito às diferenças e à humanidade no acolhimento⁶.

Dedico este texto à minha avó e, em especial à Nina, a primeira mulher em situação de rua que conheci. Naquelas tardes dos anos 1980, regadas a xícaras de café e contação de história, elas não tinham a menor ideia do significado e do impacto daqueles encontros na minha constituição como sujeito, assim como da possível influência nos desdobramentos das minhas escolhas na vida profissional. Eu também não sabia disso, até contar essa história.

2.DIREITO À CIDADE E COTIDIANO: A HETEROGENEIDADE NAS RUAS

São múltiplas as determinações⁷ que constituem o fenômeno população em situação de rua, assim como são heterogêneas suas características e os motivos que levam milhares de pessoas a utilizarem as calçadas e praças como espaço de moradia e sustento. As formas de abordagem e estudos também são diversas. Cada vez mais os grupos de pesquisa das diversas áreas das ciências humanas se desdobram em tentar compreender e construir propostas alternativas que qualifiquem as ações governamentais, da mesma maneira que as iniciativas populares e assistenciais. Sabe-se que o fenômeno não é recente, ao mesmo tempo, é na virada do século XX para o XXI que o acréscimo de pessoas em situação de rua em todo o mundo explode. É nos grandes centros urbanos que se aglomeram as massas de pessoas empobrecidas e fragilizadas pela condição de vida e por sua saúde precarizada.

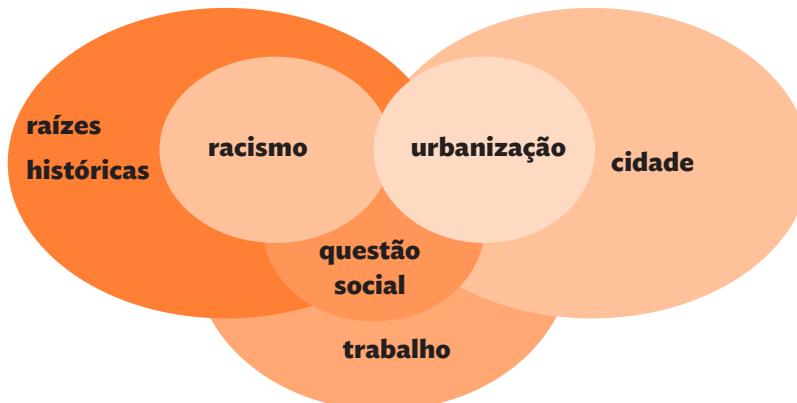
Por outro lado, é costumeiro que a sociedade seja capturada pelo senso comum e tenha as mais ambivalentes opiniões sobre o tema, em geral são simplificações que reduzem ou escamoteiam os problemas estruturais, enaltecendo as histórias singulares de vida e subtraindo destas as determinações sociais. A questão é que essas duas dimensões – estrutural e singular – são reais e precisam estar articuladas, sendo ambas, inclusive, que constituem a heterogeneidade, mas a sobreposição das singularidades pode, por vezes, sombrear e naturalizar as múltiplas determinações do fenômeno, fazendo com que os problemas estruturais (econômicos e políticos) não sejam denuncia-

dos, tampouco enfrentados. A visão simplificadora dá suporte às narrativas ideológicas que buscam a massificação e homogeneização desses sujeitos e que têm por finalidade subsidiar projetos e propostas políticas higienistas e carcerárias.

Por esse ângulo, o primeiro passo no sentido de construir balizas que possibilitem uma interpretação mais abrangente parece ser compreender a multiplicidade de determinantes – históricos, econômicos e sociopolíticos –, que levam à desestruturação econômica e psicossocial. Para que, em seguida, de posse de um referencial analítico consistente, seja possível construir nexos e reflexões a partir das expressões heterogêneas e territoriais que marcam a vida dos sujeitos que habitam calçadas e praças da cidade e, aí sim, restituir suas biografias. Com isso, busco explicar que há um processo dialético articulado e necessário para que haja compreensão, pois do contrário corre-se o risco de análises e conclusões reducionistas que resultarão, com demasia freqüência, em práticas imediatistas, asilares e tuteladas.

Maria Lúcia Lopes Silva (2009, p. 105) confirma a complexidade e o esforço analítico necessário para identificar o fenômeno população em situação de rua. Ela constrói e analisa seis aspectos característicos que contribuem para uma investigação mais apurada sobre o assunto, assim ela os apresenta: 1 – as múltiplas determinações; 2 – como uma expressão radical da questão social na contemporaneidade; 3 – a localização nos grandes centros urbanos; 4 – o preconceito como marca do grau de dignidade moral atribuído pela sociedade às pessoas atingidas pelo fenômeno; 5 – as particularidades vinculadas ao território em que se manifesta; e ainda, 6 – a tendência à naturalização do fenômeno. Tendo como âncora analítica a classificação de Silva, proponho um rearranjo dos aspectos por ela apresentados.

Para a reflexão que proponho fazer, sugiro tomarmos como referência para pensar as determinações estruturais do fenômeno população em situação de rua a interseção:



Artigo 1

Haverá Futuro para Quem Vive
nas Ruas das Cidades Brasileiras?

8 O termo “mendigo” é pejorativo e carregado de estigma, embora, lamentavelmente ainda usual no na linguagem comum. Referir-se às pessoas em situação de rua como “mendigos” ou “moradores de rua” é reduzir a existência e permanência destes sujeitos à sua condição de pobreza extrema e vulnerabilidade. Mendigar ou morar na rua é uma condição transitória dos sujeitos, e devem ser superadas por meio de políticas públicas e engajamento individual e coletivo da sociedade, por isso, o termo correto é pessoa em situação de rua. Mais recentemente, os movimentos sociais de apoio a esta população utilizam também as expressões: “situação de calçada” ou “situação de praça”. Portanto, neste texto os termos “mendigo” ou “morador de rua” estarão sempre entre aspas e serão utilizados como forma de denúncia da estigmatização da população em situação de rua.

9 Maria Salete Machado Rodrigues (2007, p. 84) descreve a delicada abordagem multiprofissional de uma Equipe de Saúde da Família (ESF/SUS) com um paciente com transtornos psiquiátricos. No território onde morava ele era identificado como o “homem do saco”. O trabalho da agente comunitária foi o diferencial na vida desse sujeito. Rodrigues sintetiza a potência da intervenção: “Pode parecer banal, mas não é. Ela é só uma das 89 agentes da área, esta é uma das 22 equipes de médicos da família. É uma pessoa comum, com preconceitos, dificuldades, limites e tudo mais, mas junto com sua equipe pode transformar o medo do ‘Homem do Saco’, em solidariedade ao ‘Homem do Saco’. Transformou ‘Homem do Saco’ em ‘seu Francisco’, e ‘seu’ Francisco em ‘nossa’ Francisco”.

2.1. HOMEM DO SACO, VADIO, MENDIGO, VAGABUNDO, DESOCUPADO, NÓIA: MUDAM-SE OS TERMOS, MANTEM-SE O ESTIGMA

Existe uma figura folclórica que povoa o imaginário infantil, refiro-me ao homem do saco. Um sujeito velho, sujo, maltrapilho e que carrega um saco nas costas. Ele é um andarilho. Não há voz, apenas murmurários e resmungos. Ninguém sabe onde ele mora e o conteúdo do seu saco. As crianças da minha idade sabiam bem o significado da frase: “Cuidado, o homem do saco vai te pegar”. Essa era a ameaça mais terrificante à qual a garotada podia ser exposta quando fazia alguma traquinagem ou malcriação. A intimidação oriunda da sinistra figura do homem do saco também era utilizada em outras situações, tais como esquivar-se dos brócolis, do espinafre, da rúcula ou de qualquer outra criatura verde que assentasse no prato. Ser flagrado brigando com os irmãos, ou ainda, arrumando confusão nas ruas, tinha quase sempre a mesma intimidação: “Vou te entregar para o homem do saco!”. Enfim, o temor que tínhamos desse sujeito era justificado, dada sua imagem tenebrosa, misteriosa e sua precariedade. A figura mitológica do homem do saco é diversa na cultura internacional, possui algumas explicações e nomenclaturas variadas. No folclore brasileiro ele pode ser identificado como: homem do saco, velho do saco, ou ainda, papa-figo. O objetivo aqui não é discorrer sobre as raízes folclóricas dessa figura, mas me interessa recuperar a representação imagética desse sujeito na vida contemporânea e cotidiana das cidades. Afinal, quem nunca sentiu medo do homem do saco? Quem nunca associou o homem do saco a um “mendigo”⁸ ou a uma pessoa com transtornos mentais perceptíveis⁹?

O homem do saco contribui para a formação histórica do estigma das pessoas em situação de rua no Brasil. Rodrigues et al. (2020, p. 30-34) traça um panorama histórico das raízes etiológicas da figura do homem do saco e da sua relação com a vadiagem e a mendicância do Brasil Colônia até os tempos atuais. Os autores demonstram como a disputa de narrativas em torno do “nomear” tem múltiplos significados históricos e ideológicos. Ao discorrer sobre as tramas do como as várias “caracterizações” foram acompanhando os momentos de estruturação da política pública no país, é possível notar que a criminalização da pobreza parece estruturar a gênese da compreensão que a sociedade tem sobre o fenômeno população em situação de rua.

E ainda, ao recuperar documentos históricos, os autores (RODRIGUES et al., 2020) demonstram como as estruturas escravocratas possuem relação direta com a gênese do fenômeno população em

situação de rua. Em razão disso, é possível afirmar que a “condição de rua” sempre foi preta! De acordo com os dados do último Censo Rua realizado pela Prefeitura de São Paulo em 2019, por exemplo, 70% das pessoas em situação de rua são negras, portanto, o escravismo e o racismo se reatualizam nas ruas da cidade. Silvio Almeida (2019), no livro *Racismo estrutural*, demonstra a necessidade de um conhecimento consistente da teoria social para a compreensão do racismo. Para ele o fenômeno do racismo não é atípico ou patológico na sociedade contemporânea, mas parte da engrenagem política e econômica fundante do tecido social que ordena a sociedade capitalista. Para o referido autor:

A superexploração do trabalho ocorre especialmente na chamada periferia do capitalismo, onde em geral se instalou a lógica colonialista. O racismo, certamente, não é estranho à expansão colonial e à violência dos processos de acumulação primitiva de capital que liberam os elementos constitutivos da sociedade capitalista.
(ALMEIDA, 2019, p. 172)

Assim, as consequências do racismo como condição estrutural na constituição do fenômeno da população em situação de rua são flagrantes, sendo inadmissível qualquer conciliação reducionista. Na mesma direção, há 30 anos, de maneira inaugural Florestan Fernandes estabeleceu em sua obra o *Significado do protesto negro*:

A democracia só será uma realidade quando houver, de fato, igualdade racial no Brasil e o negro não sofrer nenhuma espécie de discriminação, de preconceito, de estigmatização e de segregação, seja em termos de classe, seja em termos de raça. (FERNANDES, 2017)

Descolonizar é olhar para este fato ou, nos termos de Frantz Fanon em *Pele negra, máscaras brancas* (2020), esses corpos são corpos negros. A naturalização e homogeneização da condição de rua reproduz os piores e mais hostis estigmas e preconceitos impregnados na sociedade brasileira. Ao mesmo tempo, a condição de rua, como se pode notar, é também resultado da organização política e social do mundo do trabalho, como buscamos afirmar até aqui.

É bem verdade que, com o aumento significativo de pessoas habitando as calçadas e as praças, a figura do homem do saco se diluiu no imaginário popular, principalmente nas metrópoles, dando espaço cada vez mais para noção de mendicância. Hoje quem ocupa esse espaço

Artigo 1

Haverá Futuro para Quem Vive
nas Ruas das Cidades Brasileiras?

10 Para saber mais sobre o uso de substâncias psicoativas, acesse o texto: ALMEIDA, F. Não existe porta de entrada para menino de rua. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/15315_NAO+EXISTE+PORTA+-DE+ENTRADA+PARA+MENINO+DE+RUA. Acesso em: 26 out. 2021.

11 O trabalho de Tanieli Rui, antropóloga e pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos, reúne os aspectos que articulam o uso de substâncias psicoativas com a condição de rua. Por meio de investigações etnográficas, ela percorre as entranhas da vida nas ruas e alia a uma perspectiva crítica sobre o papel político da guerra às drogas nas estratégias higienistas de controles dos corpos.

no imaginário coletivo é o “nóia” ou o “zumbi”. Em geral usuários de substâncias psicoativas que vagueiam pelas ruas da cidade¹⁰. Neste caso, tanto a criminalização quanto a higienização têm a tônica das repositas institucionais¹¹.

2.2. DIREITO À CIDADE

Até aqui busquei mostrar que para compreender o fenômeno população em situação de rua é preciso estabelecer os nexos entre: cidade, com seu processo de urbanização na era capitalista; questão social, compreendida como categoria que condensa as contradições na relação entre o capital e o trabalho e; nossas raízes coloniais, escravocratas, com todas suas consequências no processo de formação sócio-histórica do Brasil até os dias de hoje.

Nessa perspectiva, de acordo com Maricato (2015), a cidade é o palco dos conflitos entre as classes sociais. Não é palco estático, frio e distante, é terreno de contradições. É como o teatro de arena, dinâmico e vivo – atores e público em proximidade. As cidades delimitam historicamente um ou mais modos de viver, e há anos temos vivido um tempo insustentável e insuportável nas grandes e médias cidades brasileiras. No livro *Para entender a crise urbana*, Maricato (2015) traça um quadro esquemático no qual delineia a extensão da crise. Ela mostra que, mais que os direitos individuais, é preciso que a sociedade assuma o pertencimento da cidade como direito fundamental.

Com base na tradição marxista, ela dialoga com o pensamento de Henri Lefebvre e David Harvey, e mostra que a cidade “(...) é o lugar por excelência da reprodução da força de trabalho” (MARICATO, 2015, p. 22). Para ela, o simples aumento de salário – isoladamente – não resolve os problemas sociais e estruturais da população, pois os recursos advindos dos salários são rapidamente absorvidos pelo custo do transporte, dos serviços (água, energia, comunicação) e da moradia, por exemplo. Com isso, a autora aponta que uma das alternativas à crise urbana reside na gênese da disputa pelo fundo público, ou seja, na luta entre as classes, por isso ela propõe alternativas de organização política em torno das pautas como a da reforma urbana, que tem um caráter mais estrutural.

David Harvey (2014), ao revisitar a tese de Lefebvre sobre *O direito à cidade* expõe a interpretação dos fundamentos éticos e políticos dessa concepção, pois para ele, “(...) o tipo de cidade que queremos não se separa da questão do tipo de pessoas que queremos ser” (HARVEY,

2014, p. 28). Assim, mais que o acesso aos bens e serviços produzidos nas cidades, o fenômeno do pauperismo contemporâneo, e consequentemente da população em situação de rua, convoca a todos para o debate sobre o direito à cidade, pois expõe a engrenagem da gigantesca desigualdade social e escancara a concentração de renda. Para Harvey:

O direito à cidade é, portanto, muito mais do que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos profundos desejos. Além disso, é um direito mais coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização. A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e a nossas cidades, como pretendo argumentar, é um dos nossos direitos humanos mais preciosos, ainda que seja dos mais menosprezados.

(HARVEY, 2014, p. 28)

2.3. COTIDIANO E HETEROGENEIDADE NAS RUAS

Como afirmei no início, o decreto 7.053/2009 representa um avanço. Ao tratar da heterogeneidade o documento tipifica que a população em situação de rua possui em comum: a) pobreza extrema; b) vínculos familiares interrompidos ou fragilizados; e c) inexistência de moradia convencional regular.

Tenho trabalhado com a hipótese de que cidade e cotidiano – como categorias de análise – estabelecem o elo que articula concretamente um conjunto de determinações sociais do qual resulta a heterogeneidade da população em situação de rua. As cidades, como espaço de produção e reprodução da vida social de mulheres e homens, têm suas formas de uso marcadas pela cultura e pelo tempo histórico. Ao mesmo tempo, o cotidiano é a dimensão insuprimível da vida. É nele que produzimos e reproduzimos culturalmente nossos valores morais, éticos e estéticos. É na vida cotidiana que nos constituímos como sujeitos singulares.

Como busquei apresentar acima, é na cidade, formada por relações sociais, com seus conflitos e contradições, que aparecem e são vividas as expressões da desigualdade social, sobretudo publicamente, e no cotidiano – que tanto forma a cidade como nela é formado – que os sujeitos realizam as atividades fundamentais que marcam a (re) produção de sua singularidade¹², o que inclui também, e talvez especialmente, sua própria construção subjetiva, suas vinculações afetivas, sua condição psíquica, uma vez que a singularidade implica em

¹² Para Heller (1991, p. 19, grifos nossos): “Para reproduzir a sociedade é necessário que os homens particulares se reproduzam a si mesmos como homens particulares. A vida cotidiana é o conjunto de atividades que caracterizam a reprodução dos homens particulares, os quais, por sua vez, criam a possibilidade da reprodução social.” Ou seja, o cotidiano consiste naquelas atividades que compõem e garantem a manutenção da singularidade dos sujeitos sociais.

Artigo 1

Haverá Futuro para Quem Vive nas Ruas das Cidades Brasileiras?

impressões digitais únicas e irrepetíveis, dotadas de marcas objetivas e subjetivas que se fazem em relação e que são necessariamente tecidas socialmente.

Para compreender a heterogeneidade é preciso um mergulho no *desvendamento do cotidiano de quem vive nas ruas* nos seus múltiplos componentes – o uso de “drogas”, as formas arranjadas para a garantia da sobrevivência, a saúde física e mental, as particularidades de gênero e de raça, a orientação sexual e idade, as dificuldades para conseguir um emprego, as rupturas dos vínculos afetivos, entre tantos outros – com os quais se deparam intensamente os/as trabalhadores/as dos serviços que atendem a esse público. Lancetti (2015) testemunha a importância da plasticidade psíquica como componente imprescindível para profissionais da saúde que acolhem a população vulnerabilizada pela condição de rua, sobretudo aquela que faz uso abusivo de substâncias psicoativas, em suas palavras:

Mas a constante mudança de situações, ora repetitivas, ora explosivas, as diversas crises que os profissionais acolhem, o encontro com histórias de vidas terrificantes ou situações de horror tornadas habituais ou banalizadas exigem plasticidade psíquica e um outro olhar. (LANCETTI, 2015, p. 62)

Há momentos no atendimento das pessoas em situação rua em que a gente se pergunta: Como suportam? Como aguentam viver dessa maneira? O padre Julio Lancelotti¹³, em uma das muitas entrevistas que concedeu, ao falar sobre sua experiência de vivência diária com a população em situação de rua, afirmou “(...) nem demonizar, nem idealizar”, e eu acrescentaria: trate-os como pessoas que têm seus vícios e suas virtudes, trate-os como sujeitos de direitos. Quando abrimos a escuta para as pessoas em situação de rua, temos a convicção de que o padre tem toda a razão.

Já ouvi muitas histórias. Já senti raiva, medo e compaixão. O trabalho com pessoas em situação de rua mobiliza muitos afetos. Vibramos com as suas conquistas, lamentamos as suas recaídas, nos insurgimos contra as violações de direitos a que estão cotidianamente submetidos.

É na convivência cotidiana que notamos a importância das políticas públicas estruturais e o impacto da ausência delas, mas, também, é no trabalho do dia a dia que notamos a magnitude das pequenas ações profissionais, a importância da delicadeza no atendimento. Fazer um simples currículo, por exemplo, pode mobilizar tantas exigências, tan-

¹³ Pároco da paróquia de São Miguel Arcanjo no bairro da Mooca, na cidade de São Paulo.



Fragments

Naquele dia L. estava transtornado. Com os olhos esbugalhados ele me inqueria. “Eu sou louco, eu sou louco... eu não devia ser louco! É possível, me diga? Uma escola de playboy com nome de quilombo, lá dentro só tem criança branca? Isso mesmo, fiquei gritando na porta. Xinguei todo mundo... Os policiais quase me levaram. Mostrei minha carteirinha do Caps. Paguei de louco, paguei do louco. Sinto muito ódio de tudo isso. Você acha mesmo que eu estou ficando louco?”

38 anos, negro, formação de nível superior. Foi morar na rua depois de ser exonerado de cargo público. Esteve em condição de rua por quatro anos. Retornou para casa da mãe durante a pandemia.

tas camadas de ausência, que a angústia passa a determinar a subjetividade desses sujeitos. Não ter um telefone de contato, se sentir inseguro ao colocar o endereço do centro de acolhida, lembrar-se que perdeu todos os comprovantes, pensar nas lacunas de tempo entre trabalhos, além das demais perdas. Em geral, são nessas lacunas de tempo que a vida foi se esvaindo. Entrar em contato com tudo isso cobra um preço, movimenta afetos construtivos e destrutivos. Como se pode ver, para conseguir o trabalho não é necessário apenas desejo e vontade: são necessárias condições objetivas e subjetivas para se lançar competitivo no mercado de trabalho. Por outro lado, a própria reestruturação produtiva neoliberal ampliou e modificou radicalmente as condições de trabalho e de sua reprodução e, com isso, parcelas da população ficaram à mercê da violência do capital para extrair mais valor. O trabalho é uma das dimensões, e são tantas.

Na cidade do São Paulo o Censo Rua vem sendo realizado com alguma regularidade – 2000, 2003, 2006, 2007, 2009, 2011, 2015, 2019¹⁴ – segundo informações da prefeitura, e o próximo será antecipado em virtude da crise pandêmica e do aumento do número de pessoas em situação rua¹⁵. Além das principais variáveis censitárias, tais como idade, sexo/gênero, raça/cor, localização e tempo de rua, como anteriormente, se fará uma pesquisa amostral qualitativa e desenvolvida com um grupo menor. É por meio desses dados que se chega a informações mais precisas sobre o perfil heterogêneo dessa população.

O último senso revelou, por exemplo, que 386 pessoas que estão em situação de rua são transexuais. Quais políticas estão sendo pensadas para este público a partir das suas necessidades singulares? Sabe-se que a intolerância, a violência e o preconceito são constantes

14 Para mais informações sobre o censo, consultar: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/observatorio_social/pesquisas/index.php?p=18626. Acesso em: 26 out. 2021.

15 Com pandemia, Prefeitura de SP antecipa Censo da População de Rua e nova estimativa deve sair até maio de 2022. Veja matéria em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/19/com-pandemia-prefeitura-de-sp-antecipa-censo-da-populacao-de-rua-e-nova-estimativa-deve-sair-ate-maio-de-2022.ghtml>. Acesso em 26 out. 2021.

Artigo 1

Haverá Futuro para Quem Vive
nas Ruas das Cidades Brasileiras?

16 Mulheres Invisíveis. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/humilhadas-e-ofendidas/#page5>. Acesso em: 28 out. 2021.

17 O jornalista Chico Felitti, publicou no Buzz Feed, em 2017, uma reportagem contando a história do Ricardo, um homem gay que teve uma vida marcada por excentricidades e rupturas. Ricardo era conhecido como Fofão da Augusta, viveu uma intensa história de amor com Vânia, uma mulher trans. Ricardo teve longos períodos em situação de rua. O livro publicado pela editora Todavia é um bom exemplo de como, ao resgatar biografias, é possível garantir humanidade para esses sujeitos.

18 No relatório final da Pesquisa Amostral do Perfil Socioeconômico, no item “motivos de estar em situação de rua” trabalhei com os cinco primeiros indicadores. Aparecem ainda neste quesito: separação do marido/mulher; problemas de saúde; falecimento de mãe/pai; egresso do sistema prisional; imigração; migração; estava internado na rede de saúde; egresso do sistema socioeducativo; outros; não sabe; não respondeu.

19 Qualitest Inteligência em Pesquisa foi a empresa contratada pela Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social para executar a pesquisa censitária da população em situação de rua.

em suas existências. O site *Universa UOL*¹⁶ resgatou a história de vida de algumas dessas mulheres trans que estão em situação de rua. Em sua maioria, a intolerância da família foi o principal motivo que as levou para a condição de rua¹⁷.

Ainda no tocante à heterogeneidade, gostaria de chamar atenção para os dados do Censo Rua (2019) que apontam “os motivos” pelos quais as pessoas encontram-se em situação de rua. Dos entrevistados na Pesquisa Amostral do Perfil Socioeconômico: 40,3% indicam conflitos familiares como principal motivo; seguido de 23,1% que declararam perda do trabalho; 19% disseram que foi em decorrência do uso de drogas ilícitas; 14,3% disseram que a dependência do álcool ocasionou a ida para as ruas; e somente 12,9% afirmaram que foi ausência de moradia¹⁸. Como se pode notar, não há uma distinção entre os motivos materiais (emprego, moradia) e os motivos imateriais (relações interpessoais, condição subjetiva).

Por esta razão, é interessante olhar para esses dados criticamente. O maior índice, isoladamente, corresponde aos “conflitos familiares”, 40,3%. Se somarmos o “uso de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas” – que no gráfico do relatório aparecem separadas – o percentual é de 33,3%. Agora, se somarmos a “perda do trabalho” com a “ausência de moradia” o percentual é de 36%.

Ainda que o relatório produzido pela Qualitest¹⁹ desenvolva e problematize o item “vínculos familiares”, trazendo dados sobre as relações interpessoais anteriores à condição de rua, eu quero dar destaque para dois aspectos que tomo como fundamentais e que expressam o quanto o perfil heterogêneo da população em situação de rua é complexo, do mesmo modo que o principal motivo aludido – conflitos familiares – pode ser evasivo se for melhor analisado.

O primeiro aspecto corresponde à fragmentação dos dados, são 16 itens no campo “motivos”, ainda que eu reconheça a importância de dar visibilidade às razões dadas pelas pessoas em situação de rua, ressentindo a ausência de uma leitura mais articulada por parte dos pesquisadores, pois os dados materiais e imateriais são tratados da mesma maneira. O segundo aspecto ao qual quero dar destaque é um desdobramento deste primeiro, 36% disseram que estão nas ruas por “perda de trabalho” ou “ausência de moradia”, isso significa que essas pessoas sabem, objetivamente, que sua condição social é determinante para a estabilidade ou a precariedade em suas vidas.

Com isso, defendo a hipótese de que se a ausência de trabalho formal, a falta de moradia e os conflitos familiares estão entre os principais motivos declarados por essa população como razões que a leva a permanecer nas ruas, o fenômeno população em situação de rua tem suas raízes no aprofundamento da pobreza, fruto da profunda desigualdade econômica e social, como mostrei anteriormente. Por isso, é necessária e urgente sua “desnaturalização”. E mais, houvesse condições estruturais, por meio de uma diversificação da oferta de moradia e um incremento de políticas públicas estruturantes (trabalho, renda, saúde, educação, assistência social), ainda que as pessoas tivessem seus conflitos interpessoais ou problemas relacionados ao uso abusivo de substâncias psicoativas, por exemplo, elas não precisariam viver na indigência. Por essa razão, o *não ter onde morar* está no centro da discussão. Se os motivos são diversos e as pessoas diversas, a oferta e os modos de morar também deveriam ser diversos. Por isso, a massificação e homogeneização das alternativas de abrigamento da população em situação de rua são um caminho estéril que reproduz violências e traumas. Como afirmei em outro artigo sobre o tema:

Essa população expõe as vísceras do sistema; revela toda a crueldade da concentração de renda; expõe a insustentabilidade do capitalismo financeirizado e, por fim, revela a desumanidade e frieza da sociedade brasileira, tradicionalmente retratada pela ideologia oficial como “gentil” e “hospitaleira”. (ALMEIDA, 2019)

Por esse ângulo, é preciso que a população em situação de rua deixe de ser uma “personagem” que compõe a paisagem da cidade, é urgente denunciar o “mito” de que as pessoas estão nessa situação por contingências exclusivamente pessoais. Em momentos de múltiplas crises agudas, como a que estamos vivendo agora, em virtude da pandemia da covid-19, em que temos um contingente cada vez maior de pessoas caídas pelas calçadas, a sociedade precisa cobrar respostas dos governos.



Logo no primeiro atendimento, A. me conta que saiu de casa aos 20 anos e nunca mais voltou. Fazia uso abusivo de álcool e outras drogas. Dizia que seu maior remorso na vida foi dar desgosto à sua mãe, pois adquirira os mesmos vícios do seu pai violento. Com semblante evasivo ele me contou que, por vezes, ficava de espreita no ponto de ônibus tentando ver se reconhecia o rosto da mãe. Seu maior medo era pensar que ela poderia estar morta. Afinal já se passaram 20 anos desde que saíra de casa.

40 anos, negro, faz de tudo um pouco. Foi morar na rua depois de uma briga com a mãe. Ficou por 20 anos na rua. Em 2020, finalmente teve “coragem” de retornar para a casa da família.

20 No ano de 2020, em parceria com Sesc Carmo, coordenei e produzi a série Direito à Cidade e Cotidiano: População em Situação de Rua em Tempos de Pandemia. Trata-se de uma websérie com quatro entrevistas, nas quais dialoguei com especialistas e representantes da população em situação de rua. O objetivo da websérie é evidenciar a importância do desvendamento do cotidiano de quem vive nas ruas no contexto da pandemia nos seus múltiplos componentes, além disso, é um registro histórico das estratégias de enfrentamento da crise sanitária e social para essa população em decorrência da pandemia de covid-19. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/15116_DIREITO+A+CIDADE+E+COTIDIANO+POPULACAO+EM+SITUACAO+DE+RUA+EM+TEMPOS+DE+PANDEMIA. Acesso em: 26 out. 2021.

21 “O consultório na rua efetivamente produziu acesso: o psicólogo Marcelo Pedra fala sobre os 10 anos das equipes que levam o SUS às pessoas em situação de rua”. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/intervista/o-consultorio-na-rua-efetivamente-produziu-acesso>. Acesso em: 26 out. 2021.

Artigo 1

Haverá Futuro para Quem Vive nas Ruas das Cidades Brasileiras?

2.4. NÃO TENHO CASA PARA FICAR EM CASA: PANDEMIA E MISÉRIA²⁰

Como busquei mostrar até aqui é urgente explicitar as raízes do fenômeno população em situação de rua, e penso ser imprescindível, para todos aqueles que buscam compreender as razões que levam milhares de pessoas a viverem de maneira precária e degradante, uma análise que faça a articulação entre as dimensões objetivas e subjetivas. Nessa perspectiva, é preciso compreender que tal fenômeno é resultado da organização econômica, política e social do capitalismo. Portanto, trabalho e moradia são elementos prioritários. A experiência cotidiana revela que é preciso diversificar as formas e os arranjos produtivos, assim como as formas de morar.

De maneira mais direta, a pessoa em situação de rua é, por definição, uma pessoa que não tem onde morar. O esvaziamento político e ideológico do sentido – estar na rua – provoca uma cortina de fumaça que impede a sociedade de pensar no óbvio, ou seja, se está morando na rua é porque não tem onde morar. Por isso, é necessário diversificar os sentidos e as formas do morar, como por exemplo: aluguel social, república, moradia assistida, entre outros.

Historicamente as alternativas para o acolhimento da população em situação de rua têm sido os “abrigos” ou “centros de acolhida”. Em geral, são locais que recebem um enorme contingente de pessoas. Lamentavelmente, alguns assumem as características de verdadeiros depósitos de gente. Em sua grande maioria, esses espaços não estão estruturados para execução de um trabalho social pormenorizado e individualizado, que leve em consideração, por exemplo, o resgate de projetos de vida de maneira singular.

Como afirmei anteriormente, a aprovação do decreto que institui a Política Nacional da População em Situação de Rua trouxe avanços inexoráveis, mas lamentavelmente acompanha um conjunto de outras políticas sociais que não são implementadas na sua totalidade.

O Sistema Único de Saúde (SUS) e o Sistema Único de Assistência Social (Suas)²¹ possuem em suas estruturas e tipificações um conjunto considerável de serviços específicos para o atendimento da população em situação de rua, no entanto, a lógica asilar e manicomial ainda são entraves ideopolíticos.

Na atual conjuntura, as políticas hegemônicas para a população em situação de rua que faz uso abusivo de substâncias psicoativas são um bom exemplo disto. Amparados pelo dado de que 33,3% desta população declara estar na rua por fazer uso de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas, constroem-se respostas em que o aspecto “drogadi-

ção” é isolado dos demais²². Ou seja, o modelo conservador, atualmente entronizado no comando do país, se reatualiza e a velha política higienista de confinamento, pautada pela lógica asilar e manicomial ganha destaque, justificando e legitimando a internação compulsória como principal alternativa. Com isso, temos visto a massificação dos investimentos públicos em comunidades terapêuticas religiosas em detrimento do investimento financeiro nos equipamentos públicos estatais do SUS e do Suas.

O Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR), assim como outras entidades sociais de apoio, têm avançado nesta direção e assumiram como principal reivindicação a concepção do *housing first*, ou na tradução em português, “casa primeiro”.

A proposta tem como núcleo central a ideia de que primeiramente é necessário acessar uma moradia estável e que, a partir disso, as demais demandas e necessidades da vida social podem ser organizadas de maneira mais estruturada. Em 2019, foi divulgada a importante publicação: *É possível Housing First no Brasil?: experiências de moradia para população em situação de rua na Europa e no Brasil*, cujos autores Luiz Tokuzi Kohara, Maria Teresa Duarte e Marina Moreto tratam de um estudo iniciado em 2013 e finalizado em 2018 que teve como objetivo:

(...) observar mais atentamente o funcionamento do *Housing First* europeu, reconhecer as iniciativas brasileiras que seguem estas ideias e difundi-las em âmbito nacional, incentivando uma transição do modelo em que, em geral, a moradia é o último “degrau” do atendimento da população em situação de rua para um modelo onde a habitação, o trabalho e a emancipação das pessoas passam a ser o foco das políticas públicas para esta população. (BRASIL, 2019, p. 20)

A pandemia da covid-19 adensou os históricos, complexos e difíceis desafios de estruturação de políticas públicas para a população em situação de rua. A ampliação da miséria é alarmante e o retorno da fome é hoje uma realidade em todo país. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou, em agosto de 2021, o impressionante dado de que o desemprego atinge 14,4 milhões de brasileiros e que a renda média caiu 6,6%. Em muitas cidades é possível notar o empobrecimento em massa.

22 O Sesc São Paulo criou uma ação denominada Questão Social das Drogas, na qual busca acolher o debate crítico sobre a temática. “Como instituição sociocultural o Sesc São Paulo busca uma reflexão constante sobre as contradições sociais que permeiam as cidades e promove o debate crítico a respeito delas, buscando reduzir as violências e sofrimentos, e reiterando a importância da autonomia e dos diversos direitos humanos e sociais. Nesta perspectiva é fundamental o aprofundamento sobre o universo social e os conflitos psicológicos e físicos que cercam o uso de drogas em sua expressão nos centros urbanos. A partir da ação Questão Social das Drogas cria-se um espaço de escuta, diálogo e construção acerca das muitas dimensões em torno da temática das drogas. Ao público, fica o convite de participar ativamente deste diálogo para que possamos, juntos, imaginar maneiras de reduzir sofrimentos e garantir direitos, construindo uma sociedade mais tolerante”. Para mais informações acesse: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/15075_POR+QUE+FALAR+EM+DROGAS. Acesso em: 26 out. 2021.

Artigo 1

Haverá Futuro para Quem Vive
nas Ruas das Cidades Brasileiras?

23 Em 8 de junho de 2021 a Fiocruz fez o relato sobre a audiência pública realizada na câmara dos deputados no dia anterior. Neste encontro, movimentos sociais, assim como especialistas no assunto debateram sobre o aumento e as previsões de mudanças no “perfil” da população em situação de rua no contexto da pandemia. O desemprego, o aumento dos aluguéis, as altas taxas dos serviços têm levado um grande contingente de pessoas a viverem nas ruas. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasilia.fiocruz.br/populacao-em-situacao-de-rua-aumentou-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 26 out. 2021.

24 Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200610_nt_74_diset.pdf. Acesso em: 26 out. 2021.

25 De acordo com o jornalista Leonardo Sakamoto: “O princípio da insignificância pode ser aplicado quando o caso não representa riscos à sociedade e não tenha causado lesão ou ofensa grave. Por exemplo, roubar miojo para aplacar a fome. Tipo de coisa que não deveria levar à cadeia. Seja pela inutilidade da punição, pelo seu custo ou mesmo pelo déficit de humanidade que isso representa”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/columnas/leonardo-sakamoto/2021/10/13/roubou-miojo-por-fome-ladra-permitiu-600-mil-mortes-por-covid-19-mito.htm>. Acesso em: 26 out. 2021.

26 Disponível em: <https://agorarn.com.br/ultimas/meu-sonho-e-ser-gente-diz-mae-que-furtou-miojo-para-alimentar-os-filhos/>. Acesso em: 26 out. 2021.

A partir disso, o Ipea demonstra através de dados que o aumento significativo de pessoas²³ em situação de rua exigirá dos governos respostas rápidas. Por meio da nota técnica nº 74²⁴, de junho de 2020, elaborou um texto com o seguinte objetivo:

(...) identificar as principais iniciativas municipais em curso para o enfrentamento dessa realidade, discorrer sobre a qualidade, quantidade e oportunidade das ações realizadas, bem como sugerir recomendações para sua implementação ou aprimoramento. Para tanto, foi realizada pesquisa documental em sites governamentais sobre tais iniciativas tendo como escopo de análise as capitais das regiões Nordeste e Sudeste. (Ipea, 2020)

Ao mesmo tempo, a sociedade brasileira assiste ao aumento da miséria e ao retorno da fome em todo o país. Enquanto eu redijo esse texto um fato emblemático ganha destaque na mídia. Uma mulher de 41 anos, mãe de cinco filhos é presa por furtar Coca-Cola, Miojo e suco em pó de um supermercado na zona sul de São Paulo. Ao ser presa ela declarou: “Roubei porque estava com fome”. O debate judicial girou em torno do conceito de “princípio da insignificância”²⁵. A sociedade respondeu de maneira incrédula à severidade da lei diante de um crime de tão baixa periculosidade. A mulher ficou presa por 18 dias. Os itens furtados somam o valor de R\$ 21,69. No dia em que saiu da prisão ela declarou: “Meu grande sonho é ser gente. Eu ainda não sei o que é isso, não sei o que é ser mãe, filha, irmã”²⁶. Rosângela Sibebe é uma pessoa que está há dez anos em situação de rua, está desempregada, faz tratamento em um Centro de Atenção Psicossocial (Caps/AD). Na entrevista concedida ela declara: “Eu não queria, não estou acostumada, não queria fazer. Eu só estava com muita fome, queria muito comer um miojo, estava doida para tomar um leite condensado e um refrigerante gelado. Não tenho dinheiro para isso”.

Assim, a crise sanitária mundial tem evidenciado a insustentabilidade do modo de vida constituído pela racionalidade neoliberal, que se impõe como sociabilidade e imprime o mal-estar do nosso tempo. Os sintomas sociais desse processo são vivenciados cotidianamente: a profunda e estruturante desigualdade social, as condições de vida e trabalho precários e a radicalização do ódio ideológico conflitam com a necessidade imperiosa de atitudes fundamentalmente éticas, coleti-

vas, altruistas, solidárias e radicalmente humanitárias para enfrentar o período pós- pandêmico e, também, os desdobramentos das lutas políticas e econômicas contra os direitos sociais.

3. POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA E ENVELHECIMENTO: ALGUNS APONTAMENTOS

Como se pôde notar até aqui, não há respostas simples para problemas complexos. O fenômeno população em situação de rua desafia os poderes públicos, assim como convoca e mobiliza a sociedade a pensar sobre o futuro da sociabilidade nas cidades brasileiras. Além de suportar condições de vida completamente incertas, a população em situação de rua convive com o “despreparo” e o “desconhecimento” por parte dos poderes municipais.

Fruto de constantes análises e intervenções generalizadoras, a característica mais acentuada dessa população, qual seja, sua heterogeneidade, é ignorada. Ao elaborar políticas públicas para a população em situação de rua é necessária uma profunda articulação entre as dimensões individuais e coletivas que se reproduzem no cotidiano das cidades. Quero reafirmar com isso que os sujeitos são únicos, portadores de histórias singulares. Portanto, qualquer política pública massificada, que não articule as dimensões coletivas e singulares e, ainda, que tenha um caráter imediatista está fadada ao fracasso.

No tocante à condição de vida dos idosos é imprescindível acender o alerta. A questão mobiliza a seguinte pergunta: é possível envelhecer nas ruas? Sabe-se que o estado de saúde da população em situação é muito precário. Mendes, Chagas e Penna (2020), com base em dados epidemiológicos, revelam como os marcadores sociais são determinantes no processo saúde-doença da população em situação de rua.

No que se refere às questões do envelhecimento nas ruas, ainda são incipientes os materiais técnicos que tratam do assunto. Se a população em situação de rua de maneira geral é invisibilizada, sua população idosa o é duplamente. Em 2012, o Ministério da Saúde lançou o Manual sobre Cuidado à Saúde junto à População em Situação de Rua, nesta publicação não há qualquer menção às particularidades da condição de saúde das pessoas idosas. Em 2014, um outro documento foi publicado pelo mesmo ministério: Saúde da População em Situação de Rua: um Direito Humano, neste, a palavra “ímparo” sequer foi mencionada. O fato revela a necessidade de ampliar o campo de pesquisa sobre o tema.

Artigo 1

Haverá Futuro para Quem Vive
nas Ruas das Cidades Brasileiras?

Ainda que esteja desatualizado, o último Censo Rua de São Paulo (2019) constatou que das 24.344 pessoas em situação de rua, 2.211 tinham mais de 60 anos, destas 1.801 estavam em centros de acolhida e 410 viviam na rua. Do total de idosos em situação de rua, 1.943 eram homens e 266 eram mulheres, destas, 9 identificaram-se como pessoas transexuais. O número de mulheres idosas acolhidas era de 214, e 51 estavam na rua. Um outro fator merece destaque, a população idosa em situação de rua é preta. Do total de 2.211 idosos, 1.221 declararam-se negros ou pardos, 768 se declararam brancos, 310 são indígenas e 165 declararam-se amarelos.

Embora os dados dos idosos acompanhem os marcadores da situação geral da população em situação de rua, é intolerável não pensar nas particularidades e singularidades desses sujeitos. Todo trabalho teórico e científico produzido até hoje por esta revista, por exemplo, tratou da fundamental importância em discutir a problemática do envelhecimento, e de como a longevidade está diretamente associada à qualidade vida, nesse sentido, como não pensar na negligência do Estado com essa população que deveria ter seus direitos assegurados por meio da lei que regulamenta o Estatuto do Idoso?

O Benefício de Prestação Continuada (BPC) é garantido aos idosos carentes acima de 65 anos. As Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) são garantidas àqueles com idade acima de 60 anos. A população em situação de rua tem acesso e igual condição de oportunidades que a população que não está em situação de rua?

No Brasil, as pessoas acima de 60 anos são consideradas pessoas idosas. Já a População Economicamente Ativa (PEA) é a parcela entre 15 e 65 anos. Em minha experiência cotidiana tenho acolhido pessoas em situação de rua que “envelhecem” – no sentido depreciativo da palavra – antes mesmo de completarem 55 anos. Muitas dessas pessoas possuem uma saúde tão debilitada que a expectativa de vida é muita reduzida. Por esse ângulo, não acolher as especificidades e vicissitudes da condição de rua é não garantir o direito ao envelhecimento saudável.

Conheci uma senhora de 64 anos que experimentou crack pela primeira vez aos 52 anos, durante um surto psicótico. Aos 57 anos, muito fragilizada, ela foi morar na rua. O vínculo afetivo com os filhos e com os demais membros da família, que por sua trajetória já eram muito

fragilizados, foram deveras interrompidos. Emagrecida, psicótica e sozinha ela contava apenas com o apoio dos trabalhadores da saúde e da assistência social. Assim como a família a desprezara, ela também não nutria nenhum desejo de estar com eles. Durante os atendimentos era sempre muito prestativa e cuidadosa com as relações constituídas institucionalmente. Ela não teve empregos formais, portanto direitos previdenciários não lhe eram assegurados. Não cultivava nenhuma amizade antiga. Parecia ter cindido definitivamente quando foi morar na rua. Essa mulher não era idosa “formalmente”, mas vivia como tal. Sua precariedade simbólica e material eram expressivas. Um dia ela me disse que antes de dormir sempre pensava que talvez não houvesse na cidade nenhum lugar para ela. A sensação de inadequação dessa mulher idosa é o flagrante de como “a cisão” pode ser representada por essa cidade que não ampara e não acolhe os seus filhos. Haverá futuro para quem vive nas ruas das cidades brasileiras?



A. morava com o marido, uma amiga e dois gatinhos em uma praça da cidade. Após uma crise convulsiva ela opta por iniciar seu tratamento para desintoxicação do álcool. Depois de abstinente, a convivência com o marido torna-se insuportável, pois ele continua com o uso abusivo e cada vez mais violento. Em uma oficina de elaboração de texto A. narra a história da sua personagem: “Suzi gosta muito de brincar, ela mora na praça, ela tem condição de rua, ela tem muitos amigos que gostam dela. Ela ganha vestidos, mas não pode usar, porque não tem nenhum lugar para vestir e, na rua, não tem condições para a Suzi se arrumar. Ela vai brincar com os gatinhos dela, que ajudam ela a viver a vida, e o tempo vai passando. Depois ela faz a comida dela”.

45 anos, negra, passava o dia na praça cuidando das coisas da barraca. Foi morar na rua depois de uma briga com o pai. Entre idas e vindas, passou 12 anos na rua. Em 2019, retornou para a casa do pai. A amiga e os gatinhos foram junto. O marido aceitou tratamento.

Artigo 1

Haverá Futuro para Quem Vive
nas Ruas das Cidades Brasileiras?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

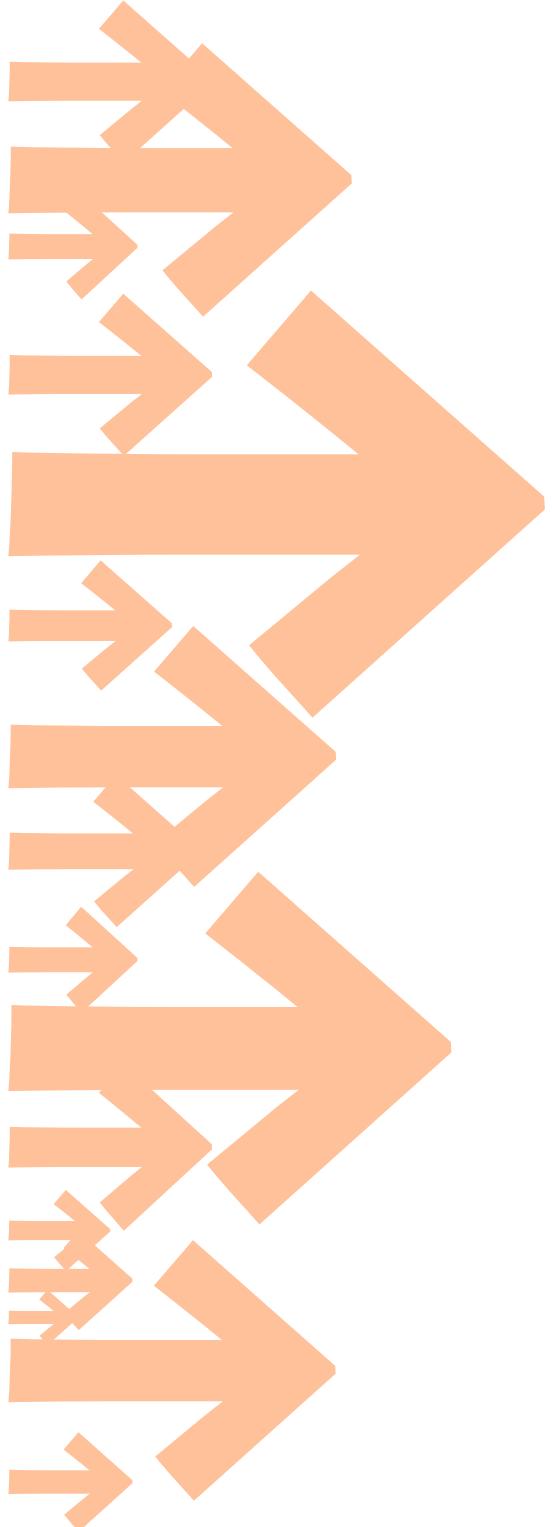
- ALMEIDA, Fernanda A. Mulheres e o uso problemático de álcool e outras drogas: desmontando estigmas e colhendo sonhos. In: *Direito à cidade: uma outra visão de gênero*. São Paulo: IBDU, 2017.
- ALMEIDA, Fernanda A. 19 de agosto: um dia memória, luta por justiça e resistência da população em situação de rua. *GGN*, 2019. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/artigos/19-de-agosto-um-dia-memoria-luta-por-justica-e-resistencia-da-populacao-em-situacao-de-rua-por-fernanda-almeida/>. Acesso em: 09 out. 2021.
- ALMEIDA, Fernanda A. Não existe porta de entrada para menino de rua: o uso de drogas como uma expressão da questão social. *E On Line*, 2021. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/online/artigo/15315-NAO+EXISTE+PORTA+DE+ENTRADA+PARA+MENINO+DE+RUA>. Acesso em: 11 out. 2021
- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- BRASIL. Decreto n. 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Brasília, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Manual sobre o cuidado à saúde junto a população em situação de rua. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.
- BROIDE, J.; BROIDE, E. E. *A psicanálise em situações sociais críticas*. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2016.
- FELITTI, C. *Ricardo e Vânia: o maquiador, a garota de programa, o silicone e uma história de amor*. São Paulo: Todavia, 2019.

- FERNANDES, F. *Significado do protesto negro*. São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- HARVEY, D. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- HELLER, A. *Sociología de la vida cotidiana*. Barcelona: Península, 1991.
- LANCETTI, A. *Contrafissura e plasticidade psíquica*. São Paulo: Hucitec, 2015, (Políticas do Desejo).
- LANCETTI, A. *Clínica peripatética*. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2016 (Políticas do Desejo).
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- MARICATO, E. *Para entender a crise urbana*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- MENDES, K. T.; CHAGAS, D. P.; PENNA, L. H. G. Saúde, cidadania, drogas e situação de rua: reflexões e caminhos para novas concepções. In: RODRIGUES, I. S.; FERNANDES, D. C. (org.) *Cidadãos em situação de rua: dossiê Brasil – grandes cidades*. Curitiba: CRV, 2020.
- RODRIGUES, I. S. et al. A gênese social da situação de rua no Brasil. In: RODRIGUES, I. S. ; FERNANDES, D. C. (org.). *Cidadãos em situação de rua: dossiê Brasil – grandes cidades*. Curitiba: CRV, 2020.
- RODRIGUES, M. S. M. O homem do saco e os novos mentaleiros. In: LANCETTI, A. (org.). *SAÚDELOUCURA 7: saúde mental e saúde da família*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.
- SILVA, M. L. L. *Trabalho e população em situação de rua no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2009.



Envelhecer Vivendo nas Ruas: A Experiência Radical do Desamparo

[Artigo 2, páginas de 32 a 45]



Jorge Broide

Psicanalista, analista institucional, mestre em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/Campinas), doutor em psicologia social pela PUC/SP. Professor do curso de psicologia da PUC/SP, coordenador do curso de especialização Psicanálise nas Situações Sociais Críticas no Cogae da PUC/SP. Professor-convidado do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade de São Paulo (USP). Tem vários livros e artigos publicados no Brasil e na Argentina.

jorgebro@uol.com.br

RESUMO

O problema da população em situação de rua tem-se agravado sobremaneira nos últimos anos e é uma das maiores chagas de nosso tempo. O idoso em situação de rua representa a radicalidade do desamparo diante da carência econômica, física e psíquica, e coloca a céu aberto aquilo que é negado por uma parte significativa de nossa sociedade. Este artigo faz uma análise da questão com base na psicanálise e na inclusão do sujeito nas redes de sustentação social geradas pelas diferentes inserções econômicas na sociedade. Outro aspecto abordado é como a situação de desamparo radical do idoso tem forte impacto nas equipes responsáveis pelo atendimento, já que também elas estão sem apoio e desamparadas diante de tão grave problema social.

Palavras-chave: idoso em situação de rua; desamparo; psicanálise; rede social; exclusão econômica.

ABSTRACT

The problem of the homeless population has become extremely aggravated in recent years and is one of the greatest problems of our time. The homeless elderly person represents the radicality of helplessness in the face of economic, physical, and psychological need, and shows what is denied by a significant part of our society. This article analyzes the issue based on psychoanalysis and the inclusion of the subject in social support networks generated by different economic insertions in society. Another aspect addressed is how the situation of radical helplessness of the elderly has a strong impact on the teams responsible for providing care, as they too are unsupported and helpless in the face of such a serious social problem.

Keywords: chomeless elderly; helplessness; psychoanalysis; social network; economic exclusion.

UMA VISÃO GERAL DA SITUAÇÃO ATUAL DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO BRASIL E NA CIDADE DE SÃO PAULO

Atualmente há um consenso acerca do aumento da população de rua na cidade de São Paulo, assim como em todo o Brasil. Segundo a última nota técnica do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) sobre o tema, em 2020, 221.869 pessoas viviam em situação de rua no país, distribuídas sobretudo nas grandes cidades, população essa que cresceu 140% entre os anos de 2012 e 2020. O Movimento Estadual de População em Situação de Rua (MEPSR) avalia em 66 mil o número de pessoas vivendo nessas condições na cidade de São Paulo.

Os dados sobre a população idosa (com mais de 60 anos) em situação de rua são, em geral, anteriores à pandemia de covid-19. No entanto, dão-nos um certo panorama quantitativo que deve ser atualizado, ampliado e aprofundado: São Paulo 11%¹, Rio de Janeiro 9%², Diadema 7%³, Porto Alegre 7%⁴, Salvador 8%⁵. Podemos falar, portanto em uma média muito aproximada de 8,4% da população total. Tomando como referência a nota técnica do Ipea, teríamos então cerca de 18.636 idosos em situação de rua no Brasil.

A vida da população em situação de rua nas cidades é complexa e multifacetada, tendo em vista que abrange diferentes grupos vivendo em grande precariedade e relacionando-se de diversas formas no território urbano. Temos o grupo com transtornos mentais, pessoas sozinhas, casais, famílias, migrantes, imigrantes, egressos do sistema penal, uma população flutuante que vive e é expulsa das ocupações, além dos que seguem habitando áreas empobrecidas da cidade e indo ao centro em busca de alimentos, brinquedos, roupas etc. Temos ainda, nessas condições, crianças e adolescentes, além dos idosos, que são o tema deste artigo. No caso da cidade de São Paulo, metade utiliza os abrigos da prefeitura enquanto outra vive diretamente nas ruas.

O movimento dos diferentes grupos em situação de rua nas cidades se dá em função da circulação do dinheiro e da possibilidade de utilização de diferentes bens sociais, tais como saúde, assistência social, espaços culturais ou de locomoção e construção de redes comunitárias e afetivas, além de, obviamente, algum tipo de trabalho e renda.

Todos esses grupos têm algo em comum: uma ruptura profunda dos laços fundamentais de sua vida (BROIDE, 2021). Os psicóticos perderam os vínculos com a família em decorrência das crises e da ausência de tratamento adequado. As famílias empobrecidas foram atingidas em cheio pela miséria econômica e seus múltiplos impactos. Os migrantes e imigrantes romperam ou tiveram laços rompidos com seu entorno

1 Pesquisa censitária da população em situação de rua, caracterização socioeconômica da população em situação de rua e relatório temático de identificação das necessidades desta população na cidade de São Paulo – Relatório final. São Paulo, 2019, SMDS.

2 Censo da população em situação de rua 2020, Prefeitura do Rio de Janeiro.

3 Censo da população em situação de rua no Município de Diadema – Secretaria de Assistência Social e Cidadania, 2021.

4 Cadastro e mundo da população em situação de rua em Porto Alegre, RS. UFGRS, 2016.

5 Projeto Axé, Salvador, BA, 2017.

Artigo 2

Envelhecer Vivendo nas Ruas:
A Experiência Radical do Desamparo

e sua cultura na busca pela sobrevivência ou por uma vida melhor. Os egressos do sistema penal saem das prisões sem documentos, sem capacitação profissional, tendo os vínculos com o território fraturados e com um forte estigma social.

Essa ruptura abrange tanto os laços mais íntimos e próximos quanto aqueles com os quais o sujeito se articula no mundo de uma forma mais ampla (BROIDE; ESTIVALET BROIDE, 2018), ou seja, em sua relação com o outro, que é a família, o território onde vive, as diferentes instituições e o ambiente próximo. É através dessas relações, por sua vez, que são introjetadas as relações econômicas, históricas, culturais, que se dão de forma transgeracional no território da cidade e que constituem o grande outro. Segundo Lacan (1949), o inconsciente é esse grande outro que está dentro de nós e do qual não temos notícia, mas que age de forma direta e material na medida em que dirige nossas relações. Os laços rompidos, que levam os sujeitos para as ruas, são fundamentais para a sobrevivência psíquica e material e, portanto, se refazem nas calçadas. Para sobreviver nas ruas é necessário que ali se ganhe dinheiro, se ame, se integre a uma nova comunidade, se aprenda sobre o mundo. Os laços que se constituíram ao longo da vida em diferentes lugares e situações agora são reconstituídos no mesmo espaço e tempo na rua. Na calçada os laços se misturam, se condensam e se deslocam, como dizemos na psicanálise.

Esse processo, decorrente da vida nas ruas, leva o sujeito a uma forte regressão material e psíquica. Dizemos que é uma regressão porque o bebê recém-nascido depende inteiramente da mãe ou do cuidador e vai, pouco a pouco, estabelecendo outros laços com diferentes pessoas, instituições e comunidades. Quanto mais avança em seu desenvolvimento, maior expansão e diversidade de seus laços com o mundo. Quando esses se rompem e as necessidades e desejos são condensados e deslocados para as ruas, o sujeito, agora adulto, ou mesmo criança e adolescente, é impelido a repetir a dependência do bebê com a mãe ou com o indivíduo cuidador. A rua torna-se a única fonte de satisfação e proteção. A rua, no entanto, não é a mãe. É violência, desespero, desamparo, miséria.

Entendemos que ir para as ruas é uma queda no abismo da pobreza, violência e desamparo, e faz com que tudo o que é importante e significativo seja depositado no espaço urbano. Essa é a razão pela qual a população em situação de rua tem uma ligação tão forte com a calçada e o que ela significa. A compreensão desse processo explica a grande dificuldade das políticas públicas na resolução do proble-

ma, na criação de alternativas de vida para aqueles que estão nas ruas. É muito comum que a construção de programas de atendimento e políticas públicas fracassem ao proporcionar a esses indivíduos um lugar de moradia. Os gestores e técnicos não entendem por que eles retornam à rua, para o mesmo lugar e situação em que se encontravam. A primeira razão é que, se a moradia é em alguma região periférica, eles perdem todos os bens sociais das áreas centrais, onde esses circulam, juntamente com o dinheiro, como já falamos. A segunda é que o abandono de todos os laços conscientes e inconscientes que foram depositados nas ruas significa uma nova e traumática ruptura. Eles retornam a esses lugares porque é ali que estão seus laços verdadeiramente significativos.

Com isso, comumente o Estado se vê impotente diante da população em situação de rua, não consegue implementar políticas públicas criativas e transformadoras e adota medidas assistencialistas e, muitas vezes, repressivas. Os diferentes setores públicos têm dificuldade de diálogo entre si e de implementação de políticas integradas, e geralmente não conseguem entender o efeito de suas ações sobre as ruas da cidade e a qualidade de vida dos cidadãos.

A assistência social prestada pelo Sistema Único de Assistência Social (Suas) e pelo Sistema Único de Saúde (SUS) tem enfrentado importantes dificuldades no atendimento à população em situação de rua. O Suas tem carências financeiras, de gestão e de recursos humanos, com equipes muito reduzidas e submetidas a uma forte pressão, tanto por parte dos gestores quanto dos usuários que não conseguem um atendimento adequado e dos cidadãos em geral. Mesmo que em muitos casos haja vagas em abrigos, essas geralmente são de baixa qualidade de serviço, fazendo com que muitos prefiram as ruas aos equipamentos disponibilizados pela assistência. O SUS, por sua vez, também sofre grande pressão em geral, agravada pela covid-19, e os serviços para o atendimento à população em situação de rua se encontram precarizados.

Outro aspecto significativo a ser levantado aqui é que o trabalho com a população em situação de rua tem, em grande parte, uma visão e ação “familiaristas”. A maioria das ações é voltada para um retorno à família, o que significa, geralmente, uma retraumatização e uma nova vivência de fracasso. Se o sujeito caiu nas ruas é porque a ruptura familiar foi muito profunda e traumática. O retorno à família, não sempre, mas muitas vezes, significa a mobilização aguda desses traumas que não puderam ser elaborados (BROIDE; ESTIVALET BROIDE, 2018).

Uma outra visão que temos desenvolvido ao longo dos anos de tra-



Os laços que se constituíram ao longo da vida em diferentes lugares e situações agora são reconstituídos no mesmo espaço e tempo na rua. Na calçada os laços se misturam, se condensam e se deslocam, como dizemos na psicanálise.

balho envolve o conceito de *ancoragens* (BROIDE; ESTIVALET BROIDE, 2020), construído a partir de nossa experiência clínica no atendimento a essa população, adolescentes em conflito com a lei e outras áreas sociais críticas. É muito comum que pessoas que trabalham nesse campo se encontrem com situações de escuta em que é inevitável a pergunta: como esse sujeito ainda está vivo depois de tudo o que viveu e está vivendo? Fomos descobrindo, a partir da escuta clínica, que nesses casos sempre existem fios invisíveis que amarram o sujeito à vida. Esses fios são relações, laços que nem ele nem nós podemos observar em um primeiro momento. É no trabalho de escuta que aparecem as situações e as pessoas que mantêm o sujeito vivo, que realmente desejam que ele viva e sobreviva. Essas ancoragens podem ou não ser membros da família. Pode ser um comerciante, os amigos, o tio, a mãe, o pai, o cachorro, que aliás é fundamental para quem está na rua, por ser o companheiro mais fiel e mais leal. Como dizemos, é a Baleia de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos (RAMOS, 2019). Para nós, em vez do trabalho automático com a família, devemos buscar entender quais são as principais ancoragens e estruturar o trabalho em aliança com elas. Esse é o caminho para a construção de políticas públicas, programas de atendimento e atendimento grupal e individual. Devemos encontrar as ancoragens do sujeito e construir o plano de trabalho que, com adolescentes em conflito com a lei, se chama Plano Individual de Atendimento (PIA) (BROIDE et al., 2016) ou, na saúde mental, Plano Terapêutico Singular (PTS).

Enfim, temos uma situação social de extrema gravidade e sem perspectivas de políticas transformadoras a curto prazo.

O IDOSO EM SITUAÇÃO DE RUA

A vida após os 60 anos entra no processo de senescênci, ou seja, de envelhecimento (MORAIS, MORAIS E LIMA, 2010; KALACHE, 2021), período em que o corpo, pouco a pouco, vai perdendo as reservas que protegem um corpo jovem. Com isso, as reações de defesa de nossos órgãos às agressões do meio externo tornam-se mais lentas e menos eficazes. A fragilidade vai aumentando, o que gera processos de dependência física e psíquica cada vez mais intensos em relação aos outros e ao ambiente. Para que esse processo seja retardado ao máximo, é necessário uma série de cuidados que envolvem a saúde física e mental, o entorno ambiental, familiar e comunitário.

Obviamente, a fragilidade do idoso em situação de rua está seriamente agravada por sua condição e tende a aumentar exponencialmente. Dormir ao relento, em abrigos ou mesmo em equipamentos para idosos é estar em contato direto com a violência, com a tuberculose, com o “rapa” (ações da prefeitura que limpam as ruas, retiram objetos e documentos das malocas e jogam água para limpar as calçadas onde vivem os moradores de rua). Com isso, no caso dos idosos em situação de rua, temos uma dupla dependência: projetar nas calçadas e abrigos os laços conscientes e inconscientes anteriores à vida nas ruas, e que foram rompidos; e a fragilidade física e psíquica decorrente do envelhecimento. Ambas as situações se potencializam, aumentando o desamparo vivido pelo sujeito.

Temos agora um terceiro fator de exclusão e desamparo que é a pandemia de covid-19. Além da exposição física ao vírus, a ausência e/ou demora na vacinação, o idoso que podia estar nas ruas em locais de circulação de dinheiro, bens e comida, deparou-se com a cidade fechada, dependendo exclusivamente da doação de marmitas para se alimentar. Agregue-se a isso a precariedade dos abrigos. Nos últimos meses, além da insalubridade que já ocorre normalmente nas situações de acolhimento, os equipamentos da prefeitura têm estado infestados de percevejos.

O idoso em situação de rua encontra-se, portanto, em uma situação de dor, solidão e desamparo, diante de uma morte indigente.

Artigo 2

Envelhecer Vivendo nas Ruas:
A Experiência Radical do Desamparo

A EXCLUSÃO SOCIAL E O DESAMPARO. ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA O ENTENDIMENTO DA VIDA DA POPULAÇÃO DE RUA NAS CIDADES

O conceito de desamparo está no âmago da obra de Freud (FREUD 1985, 1913; GUERRA e JANUZZI, 2020). A partir do Projeto de psicologia, manuscrito de 1895, a relação do sujeito com o mundo tem como eixo central a possibilidade que o ser humano tem de elaborar o seu desvalimento diante da vida que se inicia com seu nascimento. O bebê depende de um indivíduo auxiliador, geralmente a mãe ou quem exerce essa função, que tem por tarefa a leitura do que ocorre com seu corpo, que é atravessado por sensações de dor e prazer. Se possível, essa leitura do que ocorre com o bebê é o que permite a satisfação de suas necessidades iniciais. O indivíduo auxiliador realiza, a partir do entendimento da sensação de desconforto, uma *ação específica* que resolve a tensão e acalma o outro. Para amamentar é necessário perceber que o bebê está com fome, para trocar é necessário ver que o bebê está molhado, com frio ou calor. Para auxiliar na cólica é necessário compreender a manifestação de dor. Essas sensações são *quantidades* provindas do corpo ou do ambiente, que se apresentam enquanto tensão e, ao serem resolvidas, trazem o alívio da descarga, expressada através da sensação de prazer. Caso o bebê não seja lido pelo outro para a realização da ação específica, a *quantidade* do desconforto aumenta incessantemente, a sensação de dor e desamparo vai desorganizando cada vez mais aquele corpo tomado pela dor e pelo desespero e as *quantidades* ficam dentro do sujeito tentando uma des-carga que não ocorre.

É assim que as sensações que se apresentam enquanto *quantidades* provenientes do corpo ou do mundo externo vão sendo nomeadas por meio de gestos e palavras de quem cuida. É através da palavra do outro que o recém-nascido vai podendo reconhecer as suas sensações. Quando a mãe vai dizendo que ele está com fome, com frio etc., o sujeito vai se apropriando de si mesmo, e aquilo que era necessidade vai se tornando desejo de repetição *daquela* sensação de alívio e prazer. A palavra que vem de fora, e que se associa com precisão ao que o bebê sente, será utilizada pouco a pouco por ele para entender a si mesmo, possibilitando o pensamento acerca de si e do mundo. Freud utiliza dois termos centrais para esse processo. A sensação é a *representação coisa*. Quando a palavra consegue recobrir essa sensação, surge a

representação palavra, que permite o acesso àquilo que até então não tinha nome. O indivíduo auxiliador ao dizer “você está com frio”, “está com dor”, “está com fome e quer mamar”, vai recobrindo com palavras o sentimento de frio, dor e fome. Por conseguinte, para termos acesso a nós mesmos e ao mundo é necessário que essas *quantidades* que se apresentam em nosso corpo enquanto *coisas* se transformem em palavras. É nesse texto ainda que Freud aponta que essa relação inicial é a *fonte dos motivos morais*, pois é a primeira e fundamental experiência de contato com o outro que estará marcada dentro de nós. Se formos abandonados às nossas *quantidades* sem o acolhimento necessário do indivíduo cuidador, nossa sensação de dor e desamparo ficará marcada e terá forte influência enquanto modelo em nossa relação com os outros ao longo da vida.

Para Freud, a cultura ou civilização (FREUD, 1921, 1929, 1925, 1938) é a defesa que o ser humano possui contra o desamparo. Diante das forças da natureza e do próprio corpo, é essencial a construção da moradia, da ciência, do transporte, da tecnologia, entre outros. No entanto, para que a civilização possa ser construída é necessário que os indivíduos realizem importantes renúncias de sua sexualidade e agressividade, de suas necessidades e desejos imediatos. Em raros momentos o ser humano pode descarregar diretamente suas pulsões sexuais e agressivas. Na maior parte das vezes, é preciso um processo de elaboração e contenção que pressupõe abrir mão do prazer imediato, causando um importante desprazer, o qual perpassa todas as relações. Esse incomodo é o que Freud denomina *mal-estar na civilização*. Sem essa renúncia nos destruiríamos e destruiríamos nosso semelhante, além de realizar uma descarga quase completa de nossa energia, sobrando pouca força física e principalmente psíquica para construirmos o que nos protege do desamparo. É assim que surge a lei, a escrita, a ciência, a arte, as regras de convivência, os acordos, a diplomacia etc. Todas essas construções da cultura diante do desamparo somam o que a psicanálise denomina de *princípio da realidade* (FREUD), uma modalidade de funcionamento que o sujeito humano vai adquirindo e que possibilita a descarga dessas quantidades através de caminhos viáveis, enlaçados com o semelhante, para a proteção da vida, transformação da natureza e realização do desejo.

Artigo 2

Envelhecer Vivendo nas Ruas:
A Experiência Radical do Desamparo

O DESAMPARO E AS REDES DE SUSTENTAÇÃO DO SUJEITO. O IDOSO EM SITUAÇÃO DE RUA ENQUANTO PORTA-VOZ DO SINISTRO EM NOSSA SOCIEDADE

A população em situação de rua e, mais ainda, o idoso em situação de rua estão excluídos de muitos dos ganhos da civilização. A miséria econômica faz com que a tessitura social seja seriamente afetada ou se rompa. A rede social de proteção nas regiões empobrecidas da cidade é construída pelos próprios moradores, por meio da solidariedade no território que ocupam, através de um enorme esforço, ou então, como tem ocorrido na grave crise do Estado, muitas vezes através do crime organizado, que tem implantado sua lei e sua ética em vastos territórios de nossa sociedade. Na classe média ou alta, os fatores econômicos e as relações de classe geram capital econômico, capital simbólico e capital social, que criam uma rede muito mais extensa de proteção ao desamparo. Há plano de saúde, habitação, clube, lazer, a possibilidade de internação em um local para idosos. Em um divórcio ou uma ruptura familiar, pode-se ir ao banco ou à casa de familiares e amigos. As diferentes redes sociais permitem uma apresentação para um emprego, um empréstimo pessoal e diferentes encaminhamentos para a crise. Ou seja, o fator econômico gera muitas alternativas que amortecem ou transformam as rupturas, evitando uma catástrofe pessoal como a queda na vida das ruas.

O idoso em situação de rua não tem rede que o sustente enquanto sujeito. Se ele está nessa condição, é porque vive na miséria econômica extrema, sem nenhum capital social ou simbólico. Além disso, sua queda nas ruas é consequência de toda uma vida de conflitos familiares, como violências vividas com filhos e netos. A isso devemos acrescentar o processo de envelhecimento, com todo o enfraquecimento do corpo e dependência física e psíquica. Estamos, portanto, diante da radicalização do desamparo.

Essa condição torna a sua existência uma ferida a céu aberto na cidade. As equipes da assistência social e da saúde, ao entrar em contato direto com a situação, são engolidas pela impotência vivida pelos usuários e colocadas diante de sua própria impotência, o que leva ao seu adoecimento psíquico e experiência de desamparo. Isso porque também estão imobilizadas, desmobilizadas, em pequeno número, sem apoio para a elaboração da angústia que esse trabalho causa aos profissionais envolvidos, já que não possuem um apoio efetivo de suas instituições e não há uma política pública clara que dirija as ações de atendimento. Esse impacto, no entanto, não se dá somente em relação

às equipes de atendimento. O idoso na rua é uma questão que coloca em xeque nossa sociedade e nossa civilização. Vamos recorrer aqui novamente a Freud.

Freud, em seu texto *O sinistro* (FREUD, 1919), fala daquilo que é familiar e estranho ao mesmo tempo. O sinistro é um sentimento de estranheza, de confusão, de perplexidade, e provém de algo que conhecemos profundamente na intimidade, ao mesmo tempo que nos é completamente alheio. O idoso em situação de rua nos traz algo muito íntimo e conhecido, presente em nós desde sempre, desde o nosso nascimento, que é o desamparo mais radical, ao mesmo tempo que expressa um mundo desconhecido, que é a vida nas ruas.

Essa é a razão pela qual se pode dizer que o idoso de rua é uma das expressões do “sinistro” de nossa sociedade. É um dos *porta-vozes* e é um *emergente* do que temos de pior (PICHON-RIVIÈRE, 2005). É *porta-voz* porque, através de sua vida e de sua presença, fala o que não é falado. É um *emergente* porque traz à tona toda uma série de relações até então invisíveis, presentes agora a olho nu. O idoso de rua é também um significante (LACAN, 1998) que nos leva a outros significantes que são, por exemplo, o efeito da miséria econômica e da exclusão social no sujeito, a compreensão da importância das redes sociais na saúde mental, o fracasso das políticas públicas e o contato direto com o desamparo e com a morte.



**O idoso na rua é uma questão que coloca em xeque
nossa sociedade e nossa civilização.**

Artigo 2

Envelhecer Vivendo nas Ruas:
A Experiência Radical do Desamparo

CONCLUSÃO

O Estado encontra-se enfraquecido para lidar com uma situação tão grave. Sua presença no território é burocrática, frágil e muitas vezes associada à violência e à corrupção. Os serviços são de má qualidade. As equipes de atendimento estão diminuídas em função do corte de verba e de gestões focadas no ganho político eleitoral imediato. Os trabalhadores estão em campo sem apoio e retaguarda, imersos em situações seríssimas de atendimento direto em que dominam a morte, a miséria psíquica e econômica, o que afeta sobremaneira sua capacidade de trabalho e sua saúde mental. Faltam também programas criativos de acolhimento à população em situação de rua. Tudo isso coloca as equipes do Suas e do SUS em uma situação de forte desamparo e adoecimento psíquico.

No atual momento histórico, o Estado não tem condições de operar em um problema tão sério como o da população em situação de rua de forma isolada. Faz-se necessária a articulação com o terceiro setor (universidades, associações, equipes técnicas especializadas), a iniciativa privada que possui recursos, mas não possui equipamentos e saber específicos, o movimento social organizado e as forças vivas que operam de modo tão criativo com o próprio corpo nos territórios periféricos abandonados pelo Estado.

Sem esse enorme esforço social, não poderemos enfrentar esses e outros problemas tão graves que nos afetam hoje em nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROIDE, J. *Clínica psicanalítica na rua*. Curitiba: Juruá Editora, 2021.
- BROIDE, E. E.; BROIDE, J. *A psicanálise nas situações sociais críticas. Metodologia clínica e intervenções*. 3. edição. São Paulo: Escuta, 2020.
- _____ *População de rua. Pesquisa social participativa*. Coordenadores. Censo Perfil Demográfico e Condições de Vida na Cidade de São Paulo. Curitiba: Editora Juruá, 2018 (Coleção Práxis Psicanalítica).
- BROIDE, E. E.; GHERINGUELO SATO, F.; GUEDES, C. *Pode Pá. Uma nova abordagem na aplicação de medidas socioeducativas de meio aberto*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.
- FREUD, S. *Proyecto de psicología (1895, 1950)*, v. I. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1985.
- _____ *Tótem y tabu (1912-13)*, v. XIII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1985.
- _____ *Psicología de las masas y análisis del yo (1921)*, v. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1985.
- _____ *Malestar en la cultura (1929)*, v. XXI. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1985.
- _____ *Moisés y la religión monoteísta (1939)*, v. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1985.
- GUERRA, A.; SILVA JANUZZI, M. E. Vulnerabilidade social e as modalidades de desamparo em Freud: desamparo estrutural, radical e generalizado. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*. Núcleo Sephora sobre o Moderno e o Contemporâneo. ISS 1809 709-X, Rio de Janeiro, 2020.
- KALACHE, A. *A melhor coisa que pode nos acontecer é envelhecer*. Entrevista a Eliane Bardanachvili. Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz. Pesquisa, Política e Ação em Saúde Pública. Rio de Janeiro, 2021.
- LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do (Eu) tal como nos é revelado na experiência psicanalítica. *Comunicação no XVI Congresso Internacional de Psicanálise*. Zurique, 17 jul. 1949.
- LACAN, J. *O Seminário*, livro 5. Formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- NATALINO, M. *Estimativa da população em situação de rua no Brasil (setembro de 2012 a março de 2020)*. Ipea. Nota técnica, n. 73. Disoc. Diretoria de Estudos e Políticas Sociais, junho de 2020.
- NUNES DE MORAIS et al. Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. *Revista Médica de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 2010.
- PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. Martins Fontes: São Paulo, 2005.

**3**

Comparação entre os Benefícios da Dança e do Exercício Físico para Idosos: Uma Revisão Sistemática

[Artigo 3, páginas de 46 a 65]



Adriana Cristina Ródio da Silva

Aluna do curso superior de bacharelado em educação física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS).
drirodio1807@gmail.com.

Izabel Elizandra da Silva

Aluna do curso superior de bacharelado em educação física do IFSULDEMINAS.
silvaizabel1990@gmail.com

Tuffy Felipe Brant

Mestre em psicologia e saúde e docente do IFSULDEMINAS.
tuffy.brant@muz.ifsuldeminas.edu.br

Artigo 3

Comparação entre os Benefícios da Dança e do Exercício Físico para Idosos:
uma Revisão Sistemática

RESUMO

Introdução: o envelhecimento é um processo natural e gradual no qual o corpo perde algumas capacidades funcionais. Para conservar essas capacidades, como as de manutenção de padrões básicos de movimento, é preciso se tornar mais ativo e evitar o sedentarismo, aderindo a uma vida mais saudável e com mais autonomia. Objetivo: o objetivo deste artigo é comparar os benefícios do exercício físico e da dança para idosos. Método: trata-se de uma revisão de literatura sistemática de artigos científicos publicados entre os anos de 2010 e 2020 sobre a prática de exercícios físicos e dança para idosos com 60 anos ou mais. Conclusão: a partir dos artigos revisados concluímos que o exercício físico e a dança contribuem para a melhoria das capacidades físicas e funcionais do idoso, impactando diretamente na qualidade de vida. Ambos trazem melhorias em aspectos psíquicos, cognitivos e emocionais, destacando-se a dança em aspectos emocionais e afetivos.

Palavras-chave: idoso; dança; exercício físico.

ABSTRACT

Introduction: aging is a natural and gradual process where the body loses some functional capabilities. In order to preserve these capacities, such as those of maintaining basic movement patterns, it is necessary to become more active and avoid sedentary lifestyle, adhering to a healthier and more autonomous life. Purpose: the purpose of this article is to compare the benefits of physical exercise and dance for the seniors. Method: this is a systematic literature review of scientific articles published between the years 2010 to 2020, about the practice of physical exercises and dance for the seniors aged 60 and over. Conclusion: from the reviewed articles, we conclude that physical exercise and dance contribute to improve the physical and functional capacities of the seniors, directly impacting the quality of life. They bring improvements in psychic, cognitive and emotional aspects, highlighting the dance in emotional and affective aspects.

Keywords: old people; dance; physical exercise.

1. INTRODUÇÃO

Assim como no Brasil, a maioria dos países em desenvolvimento buscam estratégias para melhorar a qualidade de vida e saúde das pessoas idosas. Com o processo gradual de envelhecimento, os idosos passam por desafios, mudanças e adequação de hábitos. Portanto, padrões positivos de saúde são importantes para mantê-los independentes e autônomos pelo maior tempo possível (FERRETTI et al., 2015)¹. De acordo com a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, “[...] os idosos se diferem de acordo com a sua história de vida, com seu grau de independência funcional e com a demanda por serviços mais ou menos específicos” (BRASIL, 2006).

Inferimos que os idosos devem se manter ativos, física e cognitivamente, no intuito de retardar o processo deletério do envelhecimento, afinal essa é uma etapa da vida certamente inevitável. Presume-se que o envelhecimento cronológico não é o principal causador de desgastes, mas sim os fatores influenciadores acometidos desde o nascimento até a fase adulta (BRASIL, 2006).

É provável que em 2050 a população idosa deva chegar a dois bilhões. Hoje, 125 milhões de pessoas têm 80 anos ou mais (OMS, 2018). A partir desses dados, percebemos que tal população vem crescendo, o que torna a qualidade de vida primordial, bem como a prática regular de exercícios físicos que busquem melhorias no condicionamento dessas pessoas.

O exercício físico sistematizado é fundamental para a manutenção das capacidades físicas e a promoção da saúde na terceira idade (SANTANA, 2011). Exercícios regulares e bem-orientados favorecem o ganho de força, a manutenção das capacidades funcionais e promovem o desempenho das atividades diárias relacionadas à qualidade de vida (KUHNEN et al., 2004; DAMASCENO & SOUZA, 2013).

O processo de envelhecimento gera mudanças de comportamento, como inatividade física, solidão e isolamento social. Em contrapartida, a prática de exercício físico pode gerar prazer, aumentar a interação social e trazer ganhos para a saúde mental, além melhorar os relacionamentos pessoais, tornando o idoso mais comunicativo e motivado (RIBAS, 2013).

Um estudo realizado com 20 idosos constatou que 100% afirmaram que a atividade física foi um dos principais agentes indicadores para a manutenção da saúde e aptidão física; 65% disseram que a atividade física proporcionava melhorias na saúde; 10% que houve diminuição nas dores corporais; 5% que aumentou a vitalidade; e 10%

¹ Segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS (2018), no documento Envelhecimento e Saúde, países em desenvolvimento consideram idosos os indivíduos com 60 anos ou mais.

Artigo 3

Comparação entre os Benefícios da Dança e do Exercício Físico para Idosos:
uma Revisão Sistemática

que houve diminuição do cansaço nas atividades físicas regulares (RIBAS, 2013, p. 44-50).

O exercício físico sistematizado contempla variáveis como volume e intensidade na busca de melhorias para o condicionamento físico e o desempenho de habilidades (VIANNA, 2009). Como uma opção de exercício físico temos a dança, que pode desencadear muitos benefícios e melhorar o estilo de vida do indivíduo, independentemente da idade (RIED, 2003).

A dança está presente desde as primícias da humanidade, manifestando-se nos rituais, nas linguagens, na filosofia e na arte. É uma prática que envolve mais do que simples movimentos aleatórios, funcionando como um espelho das emoções humanas (RIED, 2003). Compreende-se a dança como uma das manifestações mais antigas das civilizações, servindo para comunicação, aquecimento do corpo, homenagens, demonstração de sentimentos e de prazer.

A dança traz benefícios tanto em relação à qualidade de vida de modo geral quanto nos aspectos das habilidades motoras, emocionais, funções mentais, habilidades processuais e socialização do idoso (NADOLNY et al., 2019). Além disso, a dança pode ser um exercício aeróbico, de resistência ou de força, e desenvolve outras capacidades funcionais que facilitam a prática das atividades diárias, contribuindo para a saúde, aumentando a expectativa de vida, proporcionando alegria, diversão e socialização dos idosos (MARBÁ et al., 2016).

“A dança é uma das atividades mais procuradas pelos idosos [...]” (TOLOCKA et al., 2019, p. 1.282). Ambos, a dança e o exercício físico, são capazes de trabalhar, concomitantemente, corpo e mente, proporcionando condicionamento e bem-estar. Nesse sentido são relevantes, pois se configuram como forma de se exercitar e descontrair o corpo ao mesmo tempo (MARBÁ et al., 2016).

Diante de todo o exposto, este estudo tem por objetivo comparar os benefícios do exercício físico e da dança para idosos a partir de uma revisão sistemática de literatura.

2. MÉTODO

Trata-se de uma revisão sistemática de literatura baseada em artigos científicos publicados entre os anos 2010 e 2020. Os estudos foram tematizados em exercícios físicos e dança para pessoas com 60 anos de idade ou mais, no qual os participantes tinham de ter participação ativa em projetos por pelo menos dois meses.

Artigo 3

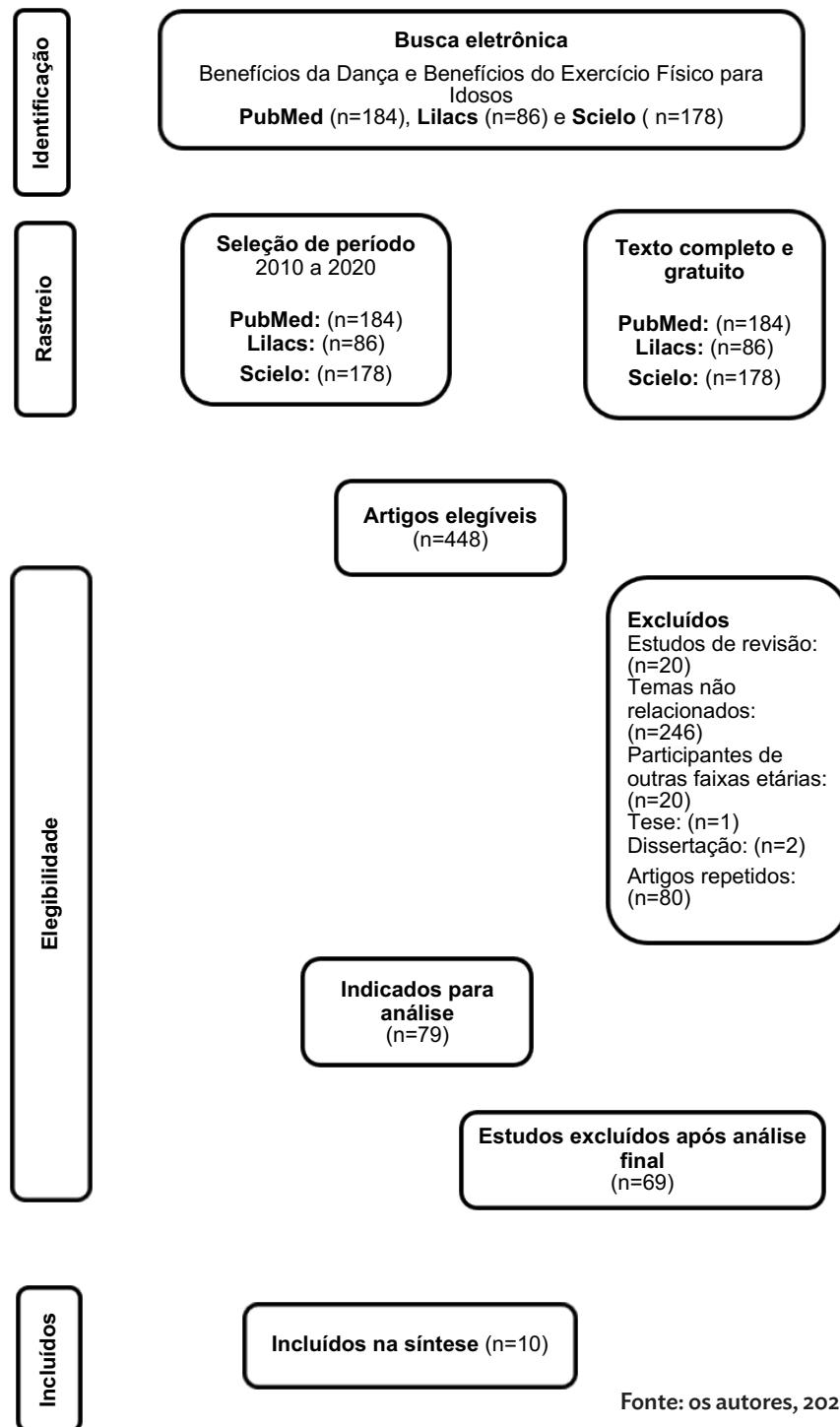
Comparação entre os Benefícios da Dança e do Exercício Físico para Idosos:
uma Revisão Sistemática

A revisão de literatura é uma avaliação crítica da pesquisa sobre determinado tópico. O autor tem de conhecer muito bem a literatura disponível, assim como tópicos e procedimentos de pesquisa. “[...] envolve análise, avaliação e integração da literatura publicada, levando, com frequência, a importantes conclusões sobre descobertas de pesquisas feitas até aquele momento [...]” (SZENT-GYÖRGYI, 2012, p. 38).

Como critério de inclusão utilizamos artigos publicados nos últimos dez anos no idioma português do Brasil, levando em conta temas relevantes na literatura científica e que tivessem em seu título os seguintes descritores: benefícios do exercício físico em idosos; benefícios da dança para idosos; benefícios da atividade física para idosos; benefícios da dança sênior; dança para idoso; atividade física para idoso; exercício físico para idoso. Para o refinamento da busca, os termos foram: idoso; terceira idade; melhor idade; pessoa idosa; senhor; inatividade física; sedentário; sedentarismo. Como princípios metodológicos selecionamos artigos por meio de busca eletrônica nos bancos de dados das seguintes bibliotecas digitais: Literatura Latino-Americana e do Caribe (Lilacs), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Pubmed.

Os critérios de exclusão foram: trabalhos como teses, dissertações, artigos duplicados e publicações anteriores ao ano de 2010; os que não eram relevantes para os objetivos desta investigação, como pesquisas realizadas com análises metabólicas; os que não traziam como enfoque os benefícios do exercício físico e da dança, resultando em melhorias nas capacidades físicas, motoras, aspectos emocionais e sociais. Também foram excluídos trabalhos de revisão de literatura em que o resumo e/ou a metodologia não tivessem informações mais detalhadas e métodos confiáveis. Adiante, para melhor compreensão dos artigos utilizados e excluídos neste estudo, apresentamos um fluxograma.

2.1 Figura 1 - Fluxograma



Fonte: os autores, 2020.



A dança está presente desde as primícias da humanidade, manifestando-se nos rituais, nas linguagens, na filosofia e na arte. É uma prática que envolve mais do que simples movimentos aleatórios, funcionando como um espelho das emoções humanas (RIED, 2003).

3. RESULTADOS

A estratégia para a limitação da busca foi considerar artigos no idioma português do Brasil. Porém, para aumentar o número de artigos, utilizamos descritores também no idioma inglês, embora não fosse nossa pretensão, pois as bases de dados escolhidas não otimizaram as buscas no idioma português. Para que a pesquisa tivesse êxito, os filtros foram utilizados de forma cruzada e os artigos escolhidos eram gratuitos. Foram consideradas somente amostras com indivíduos de 60 anos de idade ou mais.

Após análise detalhada dos artigos e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão mencionados, foram selecionados dez artigos para compor esta revisão de literatura. Para melhor compreensão e visualização dos resultados, esses trabalhos podem ser apreciados nos quadros 1 e 2.

3.1 Quadro 1 - Benefícios do Exercício Físico para o Idoso

Autor(es)/ano/local	Objetivos	Metodologia/Localização	Resultados	Banco de dados
Estudos de Intervenção				
SÁ et al. (2012), Goiânia, GO	Avaliar um programa de intervenção com exercícios físicos em grupo na prevenção de quedas em idosos residentes em Instituições de Longa Permanência (ILPI).	Estudo-ensaio clínico não randomizado, realizado com 20 participantes idosos institucionalizados, por 3 vezes semanais com duração de 2 horas, durante 18 semanas. Foram realizados programas de exercícios físicos.	No período de 12 meses houve redução de quedas, diferenças significativas para pontuação de manobras de equilíbrio, marcha, força muscular dos membros superiores e inferiores, flexibilidade e flexão dos ombros.	Biblioteca Digital Pubmed Ciência & Saúde Coletiva https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22899152/
NASCIMENTO et al. (2013), Rio Claro, SP	Verificar os efeitos de um programa de exercícios físicos generalizados.	Estudo experimental prospectivo de intervenção. Participaram 55 idosos divididos em dois grupos, grupo-teste e grupo-controle, com duração de 16 semanas de exercícios físicos, por 3 vezes semanais, com duração de 60 minutos. Foram estudadas capacidades funcionais (testes AAHPERD) e psicológicas (escala de Depressão em Geriatria versão curta – GDS-15).	Os resultados demonstraram que os idosos do grupo-teste apresentaram melhor desempenho nos testes motores.	Biblioteca Digital Scientific Electronic Library Online (SciELO) Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano scielo.br/j/rbcdh/aBk8gjTLqNnFQVWY75pkdCJM/?lang=pt

Autor(es)/ ano/local	Objetivos	Metodologia/ Localização	Resultados	Banco de dados
Estudos Observacionais				
OLIVEIRA et al. (2017), Matelândia, PR	Identificar os fatores associados à prática de atividade física de idosos atendidos em Unidades Básicas de Saúde (UBS) do município de Matelândia, Paraná, Brasil.	Estudo transversal analítico-interpretativo, no qual foram pesquisados 343 idosos usuários das UBS do município. Foi utilizado questionário sociodemográfico, questionário IPAQ e de Barreiras para Prática de Atividade Física.	Nível de atividade física: 88,9% dos idosos avaliados foram classificados como ativos/muito ativos. O maior nível de atividade física foi significativamente associado à quantidade de medicamentos utilizados ($p = 0,024$), motivo para ir à UBS ($p = 0,037$) e indicação de atividade física pela UBS ($p = 0,040$). A falta de energia ($p = 0,048$) foi a barreira mais frequente e significativa para os idosos ativos/muito ativos.	Biblioteca Digital Lilacs Revista Geriatria e Gerontologia Aging (impr.) https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt_biblio-875892
GOMES NETO e CASTRO (2018), Lauro de Freitas, BA	Comparar a Independência Funcional (IF) e a qualidade de vida entre idosos ativos e sedentários.	Estudo analítico, comparativo e de caráter temporal transversal, tendo como amostra 30 idosos, divididos em dois grupos. Foi utilizado um questionário de Nottingham adaptado para o Brasil e teste de Mann-Whitney.	A média de idade do grupo 1 foi de $68,06 \pm 7,82$, e no grupo 2 de $71,20 \pm 10,26$. Foram obtidos valores mais elevados em relação à IF no grupo de idosos ativos em domínios diferentes, como cuidados pessoais, controle de esfíncter e locomoção. Em relação ao desempenho cognitivo não houve diferença entre os grupos.	Biblioteca Digital Scientific Electronic Library Online (SciELO) Revista Brasileira de Medicina do Esporte https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-86922012000400003&script=sci_arttext

Autor(es)/ano/local	Objetivos	Metodologia/Localização	Resultados	Banco de dados
BOBBO et al. (2019), Campinas, SP	Avaliar a presença de dor crônica em idosos atendidos em uma unidade de atenção primária do interior do estado de São Paulo, comparando os praticantes da ginástica chinesa (lian gong) e os idosos sedentários.	Estudo transversal com abordagem comparativa. Participaram 60 idosos, sendo 30 integrantes de um grupo de lian gong e 30 sedentários. A presença de dor foi avaliada pelo Questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares, adaptado e validado para a cultura brasileira.	O impedimento para realização de atividades devido à dor foi menor no grupo de praticantes de lian gong quando comparados ao grupo de sedentários	Biblioteca Digital Pubmed Ciência & Saúde Coletiva https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29694591/

Fonte: os autores, 2020.

3.2 Quadro 2 – Benefícios da Dança para o Idoso

Autor (es)/ano/local	Objetivos	Metodologia/Localização	Resultados	Banco de dados
Estudos de intervenção				
SILVA e BERDEL (2015), Campinas, SP	Avaliar o benefício da dança sênior em relação ao equilíbrio e às atividades de vida diária no idoso.	Estudo controlado randomizado-intervenção. Participaram 19 idosos. Responderam a 2 escalas, equilíbrio de Berg e Lawton após aplicar sessões de dança sênior, 2 vezes por semana, com duração de 60 minutos, no período de 3 meses.	A partir dos achados deste estudo foi possível identificar que a prática de dança sênior trouxe melhora no equilíbrio e nas atividades de vida diária.	Biblioteca Digital Lilacs Arquivos Brasileiros de Ciências da Saúde https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-746712

Autor(es)/ ano/local	Objetivos	Metodologia/ Localização	Resultados	Banco de dados
GOUVÊA et al. (2017), Maringá, PR	Verificar os efeitos da dança sênior sobre os parâmetros cognitivos, motores e na qualidade de vida de idosos.	Estudo pré-experimental, com delineamento de pré e pós-teste para um grupo comum e amostra por conveniência. Foi composto de 20 idosos, avaliados por meio do teste de agilidade, escala de equilíbrio, inventários de depressão, ansiedade e questionário de qualidade de vida. Com sessões de dança de salão 3 vezes por semana, com duração de 45 minutos, no período de 3 meses.	A intervenção apresentou melhores escores na maioria das variáveis, com resultados significativos apenas para a ansiedade, classificada como estado emocional temporário.	Biblioteca Digital Lilacs Revista RENE https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-908213
BORGES et al. (2018), Rio de Janeiro, RJ	Avaliar equilíbrio postural, cognição e autonomia funcional de idosos com demência internados em ILPI, submetidos à dança de salão.	Estudo clínico randomizado simples. Amostra de idosos: grupo controle com 30 e grupo experimental com 30 participantes. Os grupos foram submetidos ao protocolo de autonomia funcional para atividades de vida diária e sessões de dança de salão, 3 vezes por semana, com duração de 50 minutos, no período de 12 semanas.	Neste estudo foi observada mudança significativa ($p < 0,05$) nos níveis de autonomia funcional para as AVD dos participantes. O programa de exercícios promoveu melhorias nos níveis do estado mental dos participantes – o que também foi observado em um estudo anterior a este, realizado pelos mesmos autores, quando se utilizou o programa de dança de salão com intensidade média.	Biblioteca Digital Pubmed Revista Brasileira de Enfermagem https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30365798/

Autor(es)/ano/local	Objetivos	Metodologia/Localização	Resultados	Banco de dados
Estudos Observacionais				
GUIMARÃES et al. (2011), São José, SC	Descrever os parâmetros respiratórios de idosas praticantes de dança quando comparados a idosas sedentárias e a avaliar a influência da prática regular de dança sobre a ansiedade	Estudo transversal descritivo-interpretativo. Avaliadas 18 idosas, divididas em dois grupos: praticantes de dança (grupo G1) e sedentárias (grupo G2).	As participantes do grupo G1 apresentaram valores superiores em relação à ansiedade-estado e à pressão expiratória máxima.	Biblioteca Digital Lilacs Fisioterapia em Movimento https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-610802
OLIVEIRA et al. (2017), Maringá, PR	Este estudo investigou os fatores psicológicos e emocionais de idosos praticantes de dança de salão.	Estudo transversal descritivo e interpretativo. Amostra com 93 idosos que frequentavam clubes de dança na cidade de Maringá. Foram utilizados a Escala de Estresse Percebido, a Escala de Autoestima, o Inventário de Ansiedade Geriátrica, a Escala de Satisfação com a Vida e o questionário SF12v2.	Idosos com boa percepção de saúde mostram-se mais satisfeitos com a vida, possuem maior autoestima e menores níveis de ansiedade, estresse e depressão quando comparados àqueles com percepção ruim/regular; a ansiedade ($\beta = -0,32$) e a depressão ($\beta = -0,15$) apresentaram impacto negativo sobre a satisfação com a vida, predizendo sua variabilidade em 21%.	Biblioteca Digital Scientific Electronic Library Online (SciELO) Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-982320170006000797&lang=pt

Fonte: os autores, 2020.

Artigo 3

Comparação entre os Benefícios da Dança e
do Exercício Físico para Idosos:
uma Revisão Sistemática

4. DISCUSSÃO

O envelhecimento é um processo no qual sofremos alterações contínuas nas capacidades funcionais. O estudo de Nascimento et al. (2013) identificou que um programa de exercícios físicos generalizados foi capaz de melhorar o nível de aptidão física geral de forma eficaz e reduzir o processo de envelhecimento em pessoas sedentárias. No entanto, os exercícios propostos não apresentaram melhoria significativa nos níveis de mobilidade e depressão.

Diferentemente, um outro estudo realizado por Silva e Berdel (2015) sobre a dança sênior indicou que os riscos de queda dos idosos diminuíram com a prática da dança, além de haver um aumento da independência funcional dos participantes. Analisando esses dados, destacamos que a dança é capaz de contribuir para a realização das atividades da vida por potencializar as capacidades funcionais que são diminuídas com processo de envelhecimento.

Em relação aos achados de Bobbo et al. (2019), a prática da ginástica chinesa lian gong estimulou o bem-estar e previniu a dependência medicamentosa, interferindo positivamente na qualidade de vida, autoimagem e autoestima dos idosos, além proporcionar maior desempenho de qualidade de vida social com e melhor percepção positiva sobre a saúde. Esses aspectos são importantíssimos para a preservação da saúde mental, que pode ser afetada com o envelhecimento.

O estudo de Guimarães et al. (2011) com idosas que praticavam dança de salão observou valores adequados nas pressões respiratórias máximas quando comparadas às idosas sedentárias. Além disso, foi observado menor nível de ansiedade-traço e maior valor na cirtometria em nível basal, significando que idosas que praticavam dança de salão tinham melhor qualidade respiratória e bem-estar emocional. Sendo assim, compreendemos que a dança pode trazer benefícios diversos, destacando o processo de redução da ansiedade.

Nos estudos de Sá et al. (2012), no qual participaram idosos institucionalizados de um programa de exercícios em grupo, observou-se que os resultados não foram muito satisfatórios para a mobilidade e o medo de quedas, pois mesmo com o programa mostrando-se adequado para a melhoria das capacidades motoras como equilíbrio, força muscular de membros inferiores, superiores e flexibilidade de ombro, notou-se que não foi suficiente para encorajar os idosos e despertar mais autoconfiança e, por isso, os participantes ainda sofriam com quedas. Isso quer dizer que às vezes, mesmo havendo capacidades físicas e motoras adequadas e que proporcionem resistência para quedas, os

Artigo 3

Comparação entre os Benefícios da Dança e do Exercício Físico para Idosos:
uma Revisão Sistemática

idosos ainda precisam se desenvolver em relação os aspectos psíquicos e emocionais para se sentirem mais confiantes em si e, portanto, as quedas podem estar relacionadas a outros fatores, diferentes dos físicos.

O estudo de Borges et al. (2018) observou mudanças significativas nos níveis de autonomia funcional para as atividades de vida diária dos idosos estudados. Nesse estudo o programa de exercícios físicos promoveu melhorias no nível do estado mental e foram observadas melhorias no desempenho motor e no estado mental dos participantes do programa de dança de salão com intensidade média. O mesmo estudo sugere que a dança de salão deve ser indicada para proporcionar melhorias no equilíbrio e no desempenho motor das atividades de vida diária em indivíduos idosos. Analisando os programas compreendemos que ambos obtiveram melhorias, no entanto, a dança se mostrou duplamente valiosa por proporcionar benefícios tanto em aspectos físicos quanto em aspectos psicológicos.

O estudo de Oliveira et al. (2017), realizado com idosos que frequentavam Unidades Básicas de Saúde (UBS) procurando por medicamentos, observou que eles eram mais propensos a serem mais ativos ou muito ativos por indicação de profissionais que trabalhavam naqueles locais. O Questionário Internacional de Atividade Física (Ipaq), proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 1998) e aplicado nos participantes desse estudo indicou que 88,9% eram ativos. Esse resultado pode ser considerado como sendo muito positivo, considerando os benefícios que a prática regular de exercício físico tem sob a população idosa. Além disso, o estado ativo dos idosos pode estar relacionado à boa relação que estabeleceram com os profissionais que trabalham nas UBS e a seguirem as orientações recomendadas. O estudo identificou, também, que os idosos que vão para realizar consultas ou exames observam barreiras, tais como falta de recursos financeiros ou locais inapropriados para as práticas de exercícios.

Um outro estudo de Oliveira e colaboradores (2017), que investigou os fatores emocionais e psicológicos de idosos frequentadores de dança de salão, observou que a maioria dos participantes apresentavam perfil de qualidade de vida satisfatório, se sentiam com boa saúde em geral, tinham bons níveis de autoestima, satisfação com a vida, boa percepção de saúde física e mental, além de baixa ansiedade, estresse e depressão. O estudo indicou que os participantes de dança de salão possuíam perfil emocional e psicológico relativamente alto.

Artigo 3

Comparação entre os Benefícios da Dança e do Exercício Físico para Idosos:
uma Revisão Sistemática

Observa-se que ambos os estudos de Oliveira e colaboradores (2017) trouxeram questões relevantes sobre a prática de atividade física realizadas em UBS e frequentadores de dança de salão. Os resultados apontaram o desenvolvimento das capacidades física e mental, além de possível redução significativa do uso de medicamentos entre os frequentadores das UBS, ou seja, houve benefícios nos dois estudos.

O estudo comparativo de Gomes Neto e Castro (2012) identificou que a Média de Independência Funcional Motora (MIFM) dos idosos foi significativa para os dois grupos avaliados (ativos e sedentários). O Índice de Independência Funcional (IIF) do grupo ativo sobressaiu-se em relação ao grupo de sedentários. No entanto, quanto à Média de Independência Funcional Cognitiva (MIFC) não houve diferença entre os dois grupos. A partir disso, observa-se que a prática de exercícios físicos regulares está relacionada à melhoria na qualidade de vida, destacando melhorias nos aspectos físicos e funcionais do idoso. No entanto, a prática pode não ter relação direta com melhorias de aspectos cognitivos, como aponta o estudo. Ressaltamos a importância da prática de exercícios físicos para a população de idosos a fim de prevenir as consequências funcionais deletérias do envelhecimento.

O estudo de Gouvêa et al. (2017) inferiu que a dança sênior influencia positivamente no equilíbrio e na qualidade de vida dos idosos, por ser considerada como um exercício de baixa a moderada intensidade. No entanto, não foi suficiente para todos os aspectos da saúde mental, ou seja, os níveis de depressão dos idosos continuaram altos. Porém, destacou-se que o movimento na dança é capaz de promover plasticidade cerebral semelhante às alterações induzidas pelos exercícios físicos. Já as intervenções de exercícios aeróbios, equilíbrio e flexibilidade foram eficazes, em parte, para a realização das atividades de vida diária. Em relação aos aspectos cognitivos não houve mudanças. Analisando e cruzando esse e outros estudos utilizados nesta revisão é possível constatar que a dança e o exercício físico podem ser eficazes para melhorias dos aspectos físicos e funcionais do idoso, contribuindo para uma melhor qualidade de vida. Também há melhorias nos aspectos psíquicos e cognitivos, embora nem sempre sejam apontadas pelos estudos revisados aqui.

Artigo 3

Comparação entre os Benefícios da Dança e do Exercício Físico para Idosos:
uma Revisão Sistemática

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embasados nos estudos utilizados nesta revisão, constatamos que a prática de exercícios físicos e dança contribuem para melhorias nas capacidades físicas e funcionais do idoso, impactando positivamente na qualidade de vida dessa população.

Em relação aos aspectos psíquicos, cognitivos e emocionais, alguns estudos identificaram melhorias gerais para o idoso, tanto pela prática regular de exercícios físicos quanto pela dança. Já outros estudos não apresentaram relações de melhoria.

No entanto, a partir de quatro artigos revisados neste estudo, destacamos o potencial da dança para benefícios específicos em relação aos aspectos cognitivos, emocionais e psicológicos, além de físicos e funcionais. Talvez este fator possa estar relacionado à própria natureza da dança, de linguagem e expressão corporal, na qual o movimento pode ser capaz de aflorar diversas emoções, possibilitar descobertas e o desenvolvimento do autoconhecimento.

Por fim, a respeito das análises dos estudos selecionados, podemos afirmar que dança e o exercício físico trazem múltiplos benefícios para a população idosa, destacando a dança para melhorias nos aspectos afetivos, emocionais e psicológicos do idosos.



Compreende-se a dança como uma das manifestações mais antigas das civilizações, servindo para comunicação, aquecimento do corpo, homenagens, demonstração de sentimentos e de prazer.

Artigo 3

Comparação entre os Benefícios da Dança e do Exercício Físico para Idosos: uma Revisão Sistemática

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOBBO, V. C. D. et al. Saúde, dor e atividades de vida diária entre idosos praticantes de dança e sedentários. *Ciência & Saúde Coletiva*, Campinas v. 23, n. 4, p. 1.151-1.158, abr. 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29694591/>. Acesso em: 9 nov. 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 2.528 de 19 de outubro de 2006. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. *Diário Oficial União*, Brasília, DF, 20 out. 2006, p. 142. Disponível em: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2014/10/politica-nacional-de-saude-da-pessoa-idosa.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Viver Mais e Melhor*. 2006. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas – Área Técnica de Saúde do Idoso. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/bvssms/resource/pt/mis-37582>. Acesso em: 14 out. 2020.
- BORGES, E. G. S. et al. Efeitos da dança no equilíbrio postural, na cognição e na autonomia funcional de idosos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Rio de Janeiro, RJ, v. 71, n. 5, p. 2.302-2.309, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30365798/>. Acesso em: 9 nov. 2020.
- DAMASCENO, K. T.; SOUZA, J. M. *A influência de um programa regular de dança de salão na qualidade de vida de idosos sedentários*. 2013. 15 f. TCC (Graduação) – Curso de Educação Física, Uepa, Belém do Pará, 2013. Disponível em: https://paginas.uepa.br/ccbs/edfisica/files/2013.1/KAREN_DAMASCENO.pdf. Acesso em: 9 jan. 2020.
- FERRETTI, F. et al. Análise da qualidade de vida em idosos praticantes e não praticantes de exercício físico regular. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 729-743, dez. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/41384/36683>. Acesso em: 21 out. 2020.
- GOMES NETO, M.; CASTRO, M. F. Estudo comparativo da independência funcional e qualidade de vida entre idosos ativos e sedentários. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, Lauro de Freitas, Bahia, v. 18, n. 4, p. 234-237, ago. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbme/v18n4/v18n4a03.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2020.
- GOUVÉA, J. A. G. et al. Impacto da dança sênior nos parâmetros emocionais, motores e qualidade de vida de idosos. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, Maringá, v. 18, n. 1, p. 51-58, 12 jun. 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/18868>. Acesso em: 9 nov. 2020.
- GUIMARÃES, A. C. A. et al. Ansiedade e parâmetros funcionais respiratórios de idosos praticantes de dança. *Fisioterapia em Movimento*, São José, Santa Catarina, v. 24, n. 4, p. 683-688, dez. 2011. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-610802>. Acesso em: 9 nov. 2020.
- KUHNEN, A. P. et al. Programa de atividade física para terceira idade do CDS/UFSC: o efeito do exercício físico na resistência muscular. *Revista Eletrônica de Extensão*, UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, v. 1, n. 1, p. 1-8, 1. jan. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensao/article/view/1174/4370>. Acesso em: 3 abr. 2020.

Artigo 3

Comparação entre os Benefícios da Dança e do Exercício Físico para Idosos:
uma Revisão Sistemática

MARBÁ, R. F. et al. Dança na promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida. *Revista Científica do Itpac*, Araguaína, v. 9, n. 1, p.1-9, 3 fev. 2016.

Disponível em: https://assets.unitpac.com.br/arquivos/Revista/77/Artigo_3.pdf. Acesso em: 9 jan. 2020.

NADOLNY, A. M. et al. A dança sênior como recurso do terapeuta ocupacional com idosos: contribuições na qualidade de vida. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, Curitiba, Paraná, v. 28, n. 2, p. 554-574, 23 set. 2019. Editora Cubo. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cadbto/v28n2/2526-8910-cadbto-2526-8910ctoAO1792.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

NASCIMENTO, C. M. C. et al. Exercícios físicos generalizados, capacidade funcional e sintomas depressivos em idosos. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, Rio Claro, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 486-497, 30 abr. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcdh/a/Bk8gjTLqNnFQVWY75pkdCJM/?lang=pt>. Acesso em: 9 nov. 2020.

OLIVEIRA, D. V. et al. Prática de atividade física por idosos frequentadores de Unidades Básicas de Saúde. *Geriatr: Gerontol. Aging.*, Matelândia, Paraná, v. 8, n. 3, p. 116-123, 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-875892>. Acesso em: 9 nov. 2020.

OLIVEIRA, D. V. et al. Investigação dos fatores psicológicos e emocionais de idosos frequentadores de clubes de dança de salão. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Maringá, Paraná, v. 20, n. 6, p. 797-804, dez. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbgg/v20n6/pt_1809-9823-rbgg-20-06-00797.pdf. Acesso em: 9 nov. 2020.

ORGANIZAÇÃO Mundial de Saúde – OMS. *Envelhecimento e saúde*, 2018. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ageing-and-health>. Acesso em: 30 jan. 2020.

RIBAS, M. *Atividade física para terceira idade: discutindo a realidade dos programas no município de Ariquemes*. 2013. 65 f. TCC (Graduação) – Curso de licenciatura em educação física, Universidade de Brasília, 2013. Cap. 4 e 5. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/6095/1/2013_MarcosRibas.pdf. Acesso em: 15 out. 2020.

Artigo 3

Comparação entre os Benefícios da Dança e do Exercício Físico para Idosos: uma Revisão Sistemática

- RIED, B. *Fundamentos de dança de salão*: programa internacional de dança de salão, dança esportiva internacional. Londrina: Midiograf, 2003, 207 p.
- SÁ, A. C. A. M. et al. Exercício físico para prevenção de quedas: ensaio clínico com idosos institucionalizados em Goiânia, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Goiânia, v. 17, n. 8, p. 2.117-2.127, ago. 2012. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22899152/>. Acesso em: 9 nov. 2020.
- SANTANA, M. S. Dimensão psicossocial da atividade física na velhice. *Fractal Revista de Psicologia*, Aracaju, v. 23, n. 2, p. 337-352, 2011. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-599739>. Acesso em: 28 maio 2020.
- SEVERO, C. et al. A velhice. *Caderno Adulto do Núcleo Integrado de Estudo e Apoio a III Idade*, n. 1, p. 25-32, 1997, Centro de Educação Física e Desporto da Universidade Federal de Santa Maria.
- SILVA, A. F. G.; BERBEL, A. M. O benefício da dança sênior em relação ao equilíbrio e às atividades de vida diárias no idoso. *Abcs Health Sciences*, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 16-21, 3 mai. 2015. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-746712>. Acesso em: 9 nov. 2020.
- SZENT-GYÖRGYI, A. Introdução à pesquisa em atividade física. In: THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. *Métodos de pesquisa em atividade física*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012, p. 23-44.
- TOLOCKA, R. E. et al. Memórias e significados de dançar por muitos anos: o que nos dizem idosos que dançam ao longo da vida. *Movimento*, Esefid/UFRGS, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1.281-1.294, 6 jan. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/74922/51850>. Acesso em: 4 nov. 2020.
- VIANNA, J.; NOVAES, J. *Personal training*: condicionamento físico em academias. 3. ed. Rio de Janeiro: Shape, 2009. 336 p.

4

Envelhecimento Humano: A Perspectiva de Filósofos e Pintores da Antiguidade

[Artigo 4, páginas de 66 a 83]





**Marcelo de Maio
Nascimento**

Professor adjunto IV do curso de educação física da Universidade Federal do Vale do São Francisco e coordenador da Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati/Univasf).
marcelo.nascimento@univasf.edu.br



RESUMO

O envelhecimento humano se apresenta como um dos principais fenômenos da sociedade moderna e grande desafio futuro para os governantes. Dentre os obstáculos para o tratamento da questão há o preconceito criado ao longo dos anos, que considera o idoso titular de um desempenho físico e cognitivo deficitário, logo um indivíduo frágil. Entretanto, a idade cronológica não pode ser assumida como um indicador do envelhecimento. O presente trabalho teve como objetivo abordar a visão de filósofos e pintores sobre o envelhecimento, em especial conhecer como a idade foi apresentada nas obras e discutir a origem do termo velho e velhice e suas relações com o envelhecimento. O texto foi dividido em duas partes, o modo como filósofos das civilizações orientais e ocidentais descreveram o envelhecimento ao longo dos séculos e a relação de pintores do período renascentista e expressionista com as questões do estudo. Concluiu-se que a forma como filósofos e pintores destacaram o envelhecimento pode ser assumida como reflexo de aspectos sociais, culturais e políticos de suas épocas. Suas impressões transitaram desde a valorização da sabedoria e respeito às gerações antigas até as visões depreciativas que fortaleceram o termo velho-velhice.

Palavras-chave: envelhecimento; filosofia; arte; gerontologia.

ABSTRACT

Human aging presents itself as one of the main phenomena of modern society and a major future challenge for government officials. Among the obstacles to addressing the issue are the prejudices created over the years that consider older adults holding a deficient physical and cognitive performance, therefore a fragile individual. However, chronological age cannot be taken as an indicator of aging. The present text had as objective to approach the philosophers and painters vision about the aging, in particular, to know the ways in which the age was presented in the works, and to discuss the origin of the term old and old age and its relations with the aging. The text was divided into two parts, the way in which philosophers of Eastern and Western civilizations described aging over the centuries, and the relationship of painters from the Renaissance and Expressionist periods to the issues of study. It was concluded that the way in which philosophers and painters highlighted aging can be assumed as a reflection of social, cultural and political aspects of their times. His impressions went from the valorization of wisdom and respect for the old generations to derogatory visions that strengthened the term old-age.

Keywords: aging; philosophy; art; gerontology.

INTRODUÇÃO

*Conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo
(Oráculo de Delfos)*

Tratar o envelhecimento exige abordar o tempo, que é um dos marcos da vida. Ainda hoje, temas relativos à idade e ao envelhecimento são vistos muitas vezes como fantasmas. Pois, apesar de a idade cronológica ser um indicador aparentemente comum, ela suscita alguns clichês relacionados à velhice (BAARS, VISSER, 2010). Entre eles há a ideia de que o envelhecimento seria o início do fim da vida e, nesse contexto, a pessoa idosa passa a ser vista como um sujeito ultrapassado, incapaz ou mesmo improdutivo. A filósofa francesa Simone de Beauvoir (2018) destacou que as idades cronológica e biológica de um indivíduo nem sempre coincidem; logo, envelhecer não significa estar a caminho da morte.

Nas últimas décadas, influenciados por avanços tecnológicos, nós, membros da sociedade moderna, aprendemos a estimar a cultura do novo. Assim, apreciamos as inovações, os instrumentos digitais rápidos, a internet e suas distintas possibilidades de comunicação e lazer. A tendência atual é de viver o hoje com vistas, cada vez mais, para o futuro, esquecendo do passado e muitas vezes também de seus personagens. No estudo intitulado *How old is old? Changing conceptions of old age¹*, Overall (2016) formulou uma interessante questão filosófica: Quantos anos tem a idade? A pergunta pode ser assumida como provocação e convite à reflexão sobre o desenvolvimento da percepção humana ao longo dos anos sobre os termos velho e velhice. Esses termos eram comuns em períodos passados e foram utilizados pela civilização oriental. Todavia, diferentemente dos dias atuais, eles expressavam o sentido de sabedoria, conhecimento e vivência de algo, ou seja, características típicas do ancião (SANTOS, 2001).

Conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2015), envelhecimento, idade cronológica e idade biológica estão relacionados. Contudo, não existe um acordo científico sobre a idade de um indivíduo, isso significa dizer que se desconhece o momento exato em que uma pessoa inicia o envelhecimento e passa ser considerada idosa. A regra para ser idoso seria aos 65 anos de idade. A dificuldade para estabelecer um marco divisor exato entre a idade adulta e a idade

¹ Quantos anos tem a idade?
Mudando as concepções da velhice
(tradução livre).

Artigo 4

Envelhecimento Humano: A Perspectiva
de Filósofos e Pintores da Antiguidade

ídosa incide na individualidade biológica de cada pessoa, além de o envelhecimento ser uma questão multifatorial, potencializado por fatores genéticos, hábitos de vida e condição social e financeira (OMS, 2014).

Em uma investigação realizada em 1965, o microbiologista e gerontologista Leonard Hayflick descobriu que as células humanas normalmente cultivadas teriam capacidade limitada para se dividir, tornando-se senescentes (SHAY, WRIGHT, 2000). Na ocasião, Hayflick destacou que o processo do envelhecimento consistia em perdas graduais das funções fisiológicas do organismo. Este fenômeno foi intitulado como limite de Hayflick. Desde então, o entendimento sobre as distintas facetas do envelhecimento humano vem sendo fortalecido por conhecimentos multidisciplinares que permitem o desenvolvimento de novas teorias e métodos científicos na área da gerontologia (CRISTINA et al., 2014).

Na atualidade, temos um processo acelerado de envelhecimento das populações, seguido pela transição demográfica que se apresenta como um fenômeno social, político e econômico global (OMS, 2017). Nessa perspectiva, não basta entender o envelhecimento como um conjunto de mudanças de ordem fisiológica, celular e neural. Também é necessário estender seu sentido conceitual e histórico a fim de que a sociedade e principalmente os governantes auxiliem na transformação de padrões de pensamento e atitudes em relação à população idosa (VERAS; OLIVEIRA, 2018).

A filosofia, por exemplo, é uma área do conhecimento humano que pode ampliar a compreensão do envelhecimento. De forma geral, ela explora a inter-relação das ciências com os fatos do cotidiano, estimulando novas formas de refletir as coisas do mundo. No texto intitulado *Thesen zu einer philosophie des alters*², Rosenmayr (2007) descreveu possíveis funções da filosofia para o tratamento das questões do envelhecimento humano. Entre suas contribuições para o envelhecimento, há a abordagem de pontos positivos e negativos, bem como a relação e interpretação de fatos associados aos conhecimentos e às técnicas das demais áreas do conhecimento humano. Outra função da filosofia incide no exercício do ato reflexivo em relação às expectativas futuras dos indivíduos no mundo em que vivem. Isso inclui a forma como planejamos o tempo de nossas vidas. Deste modo, a filosofia pode auxiliar na interpretação das estruturas de pensamento dos homens. Entretanto, Rosenmayr (2007) salientou que o processo filosófico deve partir da análise social e retornar para a sociedade, uma vez que o envelhecimento de cada cidadão reflete significativamente nas esferas da sociedade.

² *Teses sobre uma filosofia da velhice* (tradução livre).

Partindo da filosofia para o mundo das artes, o envelhecimento também foi tema das obras de pintores, inicialmente sob a forma de retratos vivos. Conforme Kampmann (2015), as imagens da idade e do envelhecimento são aspectos da medialidade e historicidade dos contextos da humanidade. Exemplos de idosos retratados em civilizações do passado são encontrados no Egito antigo e na China. Representações de idosos também existiram em pinturas da cultura islâmica do século XIII, um exemplo disso são as obras *Men assembling wood*, expostas no Metropolitan Museum of Art, em Nova York. Entre os grandes pintores da Idade Média que retrataram pessoas idosas há o holandês Rembrandt (1606-1669), que com sua série de autorretratos criou obras como *Old woman reading* e *Portrait of a old woman*. No século XX, o envelhecimento também foi retratado por Pablo Picasso (1881-1973) nas obras *The old guitarist* e *Self portrait*.

Observa-se que ao longo dos séculos tanto filósofos como pintores dialogaram com a temática da idade e do envelhecimento. Essas obras se apresentam como um rico fundo de conhecimentos para o entendimento do envelhecimento e da pessoa idosa, pois são representações de modelos de pensamento de épocas passadas. O presente texto tem por fim abordar a visão de filósofos e pintores sobre o envelhecimento humano, em especial conhecer os modos como a idade foi tratada em suas obras, além de discutir a origem do termo velhice. Espera-se que o aprofundamento da análise desses temas possa fundamentar o entendimento dos interessados em questões da área do envelhecimento humano.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. O método busca sumarizar a literatura teórica ou empírica anterior, permitindo o entendimento de um fenômeno específico (BROOME, 2000). Assim, ao unificar diferentes estudos, contribui-se com a ciência ampliando e divulgando de uma só vez resultados/conhecimentos de uma determinada área. Para o presente estudo foram estabelecidos três focos de investigação: i) o envelhecimento humano e sua relação com os termos velho-velhice; ii) a relação de filósofos da civilização oriental e ocidental com o envelhecimento e os termos velho-velhice; iii) a afinidade de pintores do período renascentista e expressionista com o envelhecimento e os termos velho-velhice. As buscas foram realizadas nas bases de dados SciELO, Pubmed e Lilacs a partir dos seguintes

Artigo 4

Envelhecimento Humano: A Perspectiva de Filósofos e Pintores da Antiguidade

descritores: envelhecimento (*aging*), filosofia (*philosophy*), artes (*arts*), bem como do cruzamento entre essas palavras. Como critérios de inclusão para a seleção dos artigos e livros foram adotadas publicações em português e inglês do período entre 2000-2019. Foram excluídas dissertações e teses, mesmo aquelas que abordaram o tema focal deste estudo.

A INTERPRETAÇÃO DO ENVELHECIMENTO POR FILÓSOFOS CLÁSSICOS

No Egito, em 2.500 a. C., Ptah-Hotep se referiu ao envelhecimento enfatizando o sentido pejorativo da velhice. A perspectiva aplicada para fundamentar o caso incidiu na perda da beleza corporal, baixa da produtividade e autonomia funcional. Essa visão pode ser um indicativo sobre o modo como a sociedade egípcia antiga percebia as pessoas idosas. Entretanto, segundo as crenças da época, a velhice poderia ser revertida, uma vez que a sociedade de então acreditava em receitas para o rejuvenescimento. Entre elas havia a ingestão de glândulas recém-extraídas de animais jovens (BEAUVOIR, 2018).

Na civilização oriental, mais especificamente na China, o filósofo Lao-Tsé (604-531 a. C.) destacou em suas obras aspectos do conhecimento intuitivo, difundindo, com isso, a importância do ato reflexivo sobre ao vida, bem como seu real sentido (SANTOS, 2001). Segundo o filósofo, ao chegar em uma idade avançada, o indivíduo alcança um momento supremo e espiritual, capaz de lhe trazer a liberação do corpo. Nessa perspectiva, Lao-Tsé enfatiza que:

(...) podemos tirar vantagens das oportunidades porque sabemos que estão ali momentaneamente; as limitações não devem ser vistas como restrições negativas, elas são as geografias de nossas situações, e não há nada mais correto que tirar vantagens disso.

Também na China, Confúcio (551-479 a. C.), grande conhecedor da alma, propagador de conceitos relativos à moral e à sabedoria especialmente junto à família, realçou aspectos do envelhecimento. Em seus ensinamentos, prezou pela autoridade dos mais idosos, pois, segundo ele, seriam sinônimo de sabedoria. Para Confúcio, aos 60 anos, o homem passaria a compreender as coisas da vida sem a inópia de refletir sobre o momento e, aos 70 anos, seria capaz de seguir os desejos do coração sem transgredir qualquer regra (SANTOS, 2001). A filosofia de Confúcio influenciou significativamente a sociedade chinesa, servindo



Partindo da filosofia para o mundo das artes, o envelhecimento também foi tema das obras de pintores, inicialmente sob a forma de retratos vivos. Conforme Kampmann (2015), as imagens da idade e do envelhecimento são aspectos da medialidade e historicidade dos contextos da humanidade.

de base à instauração da harmonia entre diferentes faixas etárias, fortalecendo também o respeito dos jovens pelos idosos. Suas mensagens potencializaram, principalmente nas famílias, preceitos de responsabilidade, cuidado e atenção dos jovens para com seus ancestrais.

Enquanto na China existiu a tradição do cuidado e respeito pelos idosos, filósofos do período clássico pouco falaram sobre o envelhecimento. Segundo Bavidge (2016), na Grécia, os filósofos tiveram muito mais a dizer sobre a morte. Isso pode ter influenciado a forma como a civilização ocidental se acostumou a refletir sobre o envelhecimento, taxando-o como período de perdas. Esse modo de reflexão se fundamentou em aspectos biológicos, considerando o envelhecimento como o responsável pela perda da juventude, por transformações graduais sobre as células do organismo e, consequentemente, pela perda gradual da funcionalidade (AMARYA, SHING, 2018). Assim, formulou-se em parte o costume de utilizar o termo “velho” como atributo de pessoa abatida ou acabada.

Seguindo a linha do tempo, encontramos na mitologia grega passagens sobre conflitos entre pais e filhos, jovens e anciãos (BEAUVOIR, 2018). Nas obras gregas, os deuses foram geralmente apresentados como indivíduos jovens, fortes e destemidos. Contudo, é possível encontrar obras que descreveram os personagens sob a figura de idosos como Nereu, o velho do mar, e Caronte, o barqueiro dos infernos (BEAUVOIR, 2018). No épico da ética escrito por Platão (427-347 a. C.) intitulado *República*, foram abordados temas como justiça/injustiça, contendo referências ao envelhecimento humano. Conforme Anton (2016), o entendimento de Platão sobre a velhice parece derivar de suas visões sobre a sabedoria, o que estaria relacionado a seus compromissos metafísicos e epistemológicos. Outro filósofo grego que referenciou a idade foi Sócrates (469-399 a. C.), discípulo de Platão. Ao divulgar os pontos de vista de seu mestre sobre o envelhecimento, Sócrates declarou que a velhice não consistiria em peso algum para

Artigo 4

Envelhecimento Humano: A Perspectiva de Filósofos e Pintores da Antiguidade

homens prudentes e bem preparados (BEAUVOIR, 2018). Segundo ele, seu mestre Platão teria prazer em conversar com homens idosos, porque enxergava-os como especialistas capazes de fornecer informações valiosas sobre os modos de viver a vida.

Em seus diálogos, Sócrates também relatou queixas proferidas pelos próprios idosos referentes ao tempo. De acordo com Thorwart (2019), as lamentações estariam relacionadas às perdas sofridas pelos idosos ao longo do tempo, como, por exemplo: a alegria dos tempos da juventude, a falta dos prazeres do amor, das festas e glórias recebidas após os combates. Outro ponto interessante referido nos textos é comum aos tempos atuais é que idosos da Grécia antiga também se queixavam do tratamento vergonhoso recebido pelos familiares.

No século VIII a. C., Homero escreveu a *Odísseia*, um dos principais poemas do período antigo grego. Nele, há referências sobre a relação entre a idade e a diminuição da força física, extremamente útil para os combates entre os povos. Entretanto, a obra também salientou valores próprios da idade, ou seja, qualidades intrínsecas aos mais velhos, como a experiência de vida, portanto, a sabedoria. Nos versos da *Ilíada* (séc. VIII a. C.), Homero contou a história da Guerra de Troia. Nesta obra, a idade foi acompanhada pela tristeza e escuridão, considerada como ameaça à vida. Por conseguinte, tristeza e escuridão estariam relacionadas à morte e ao terror de Hades, deus do mundo subterrâneo.

Porém, a *Ilíada* também descreve um homem velho portador de extrema força, que apresentava felicidade em seus últimos anos de vida (SANTOS, 2001). Este foi Nestor, o antigo governante de Pylos. No texto, a disposição e a vitalidade de Nestor são acompanhadas pela descrição de alguns utensílios próprios que lhe conferiam singularidades de um jovem com habilidades para o combate (capacete, escudo e espada). Na mitologia grega, Nestor também foi intitulado como o “velho divino”, considerado o mais velho dos heróis do período anterior a Troia.

Outro filósofo clássico grego a referenciar o envelhecimento foi Aristóteles (384-322 a. C.), responsável por comentários pouco favoráveis aos idosos (ANTON, 2016). Suas observações foram breves e diretas, taxando os velhos de medrosos, desconfiados e inativos. Segundo Aristóteles, os velhos seriam faladores e exímios repetidores de histórias sobre o passado, além de egoístas. O filósofo não abordou o envelhecimento na perspectiva da doença, mas sim do ponto de vista comportamental. Conforme Anton (2016), isso pode ter relação direta com os tratados éticos desenvolvidos por Aristóteles, especialmente na obra *Ética*.

nicomatica. Nela, Aristóteles afirma que a virtude moral é a média entre dois vícios: excesso e deficiência.

A essência do pensamento ético de Aristóteles foi marcada pela virtude. Para ele, a juventude seria a segunda melhor fase da vida e período de início para o aprendizado. Ademais, o auge da virtude seria atingido na meia-idade, enquanto a velhice seria uma fase miserável. Embora não tenha se referido à suscetibilidade dos idosos para doenças, há desconfiança de que Aristóteles não tenha reconhecido os velhos como sujeitos virtuosos porque considerou, acima de tudo, sua fragilidade física e cognitiva (ANTON, 2016).

Por conseguinte, a relação entre a filosofia e o envelhecimento pode ser encontrada no Império Romano. Marco Túlio Cícero (106-43 a. C.), por exemplo, foi filósofo, jurista, orador e responsável por introduzir em Roma as escolas gregas de pensamento. Cícero também criou o vocabulário filosófico latino, escrevendo respeitáveis obras literárias como *De legibus*, *De natura* e *Re publica*. Sua relação direta com o envelhecimento ocorreu na obra *Saber envelhecer* (TULIO, 2013), quando o filósofo abordou a arte do envelhecimento, destacando a importância do prazer, que segundo ele seria favorecido pelo tempo, uma vez que cada idade (faixa etária) apresentaria virtudes próprias. Entretanto, foi no texto *A amizade* que Cícero revelou um tratado definitivo sobre a fraternidade e as relações sociais com temas associados ao envelhecimento (TULIO, 2013).

Entre as questões abordadas por Cícero está a perda da memória, tratada, todavia, de forma lúdica, inteligente e construtiva. Para ele, a perda da memória ocorreria quando ela não fosse reconhecida com vivacidade de espírito, ou seja, não fosse cultivada (SANTOS, 2001). Conforme Cícero, os idosos sempre seriam capazes de recordar os fatos desde que lhes interessassem. O filósofo também lançou uma interessante pergunta: Será que filósofos como Demócrito, Platão e Pitágoras se tornaram improdutivos por causa da velhice? O próprio Cícero respondeu que não, pois esses filósofos se mantiveram criativos até o final de suas vidas (TULIO, 2013). Cícero acredita que muitos não gostavam da velhice porque ela afastava as pessoas de suas atividades cotidianas. Mas também salientou que isso estaria mal fundamentado porque nem toda ação é basicamente física. Segundo ele, o que determina a importância de uma ação seria a extensão das consequências geradas por ela (ANTON, 2016). Pois, muitas vezes, ações aparentemente pequenas produzem grandes resultados.

Artigo 4

Envelhecimento Humano: A Perspectiva
de Filósofos e Pintores da Antiguidade

A ABORDAGEM DO ENVELHECIMENTO POR PINTORES

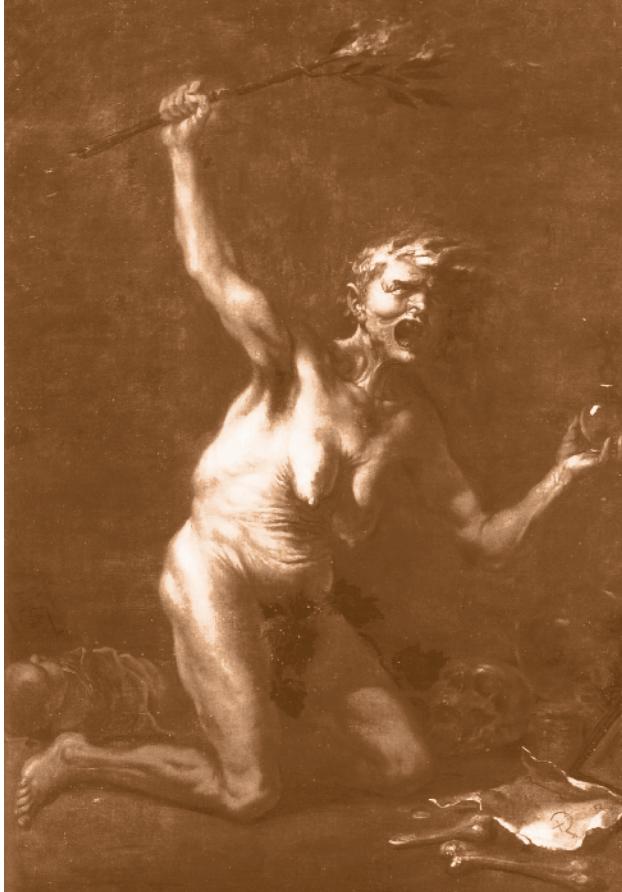
Retratos e pinturas de pessoas idosas sempre foram comuns no mundo das artes, especialmente nos séculos XVI e XVII. Conforme Kampmann (2015), o corpo masculino envelhecido se apresentou como uma marca tanto nas obras dos profetas, filósofos, patriarcas e eruditos como nas cenas bíblicas e de pintores da antiguidade. A questão do sexo associada à idade também foi bem explorada no mundo das artes. Corpos envelhecidos de mães adotivas foram utilizados, por exemplo, para sensibilizar a sociedade, enquanto imagens de pessoas ou casais mais velhos buscavam transmitir modelos relacionados à moral.

A imagem de idosos no mundo das artes pode ser considerada como representações alegóricas do tempo, elementos da transitoriedade ou finitude. Isso significa dizer que figuras que retrataram o envelhecimento são marcos da história visual da velhice, representantes da diversidade iconográfica dessa questão. No texto intitulado *Visual aging studies: exploring images of aging in art history and other³* Kampmann (2015) salientou um amplo e possível universo de considerações implícito nas pinturas e retratos da idade/velhice:

O que esses estudos nos dizem é que, no que diz respeito às representações visuais da velhice, é impossível discernir tendências claras se a idade era apreciada ou menosprezada nas diferentes épocas históricas. Os quadros testemunham a semântica simultânea e diferenciada da velhice: o corpo emagrecido de um velho eremita evoca uma vida ascética, altamente estimada na doutrina cristã da salvação, ao passo que uma descrição similar de uma mulher da mesma idade pode representar a incorporação do vício (p. 281).

Em 2007, Humberto Eco destacou no livro *História da feitura* que o estilo de representação adotado pelas artes na era medieval influenciou tanto o pensamento daquela época como as fases subsequentes da humanidade. Por essa razão, a imagem do idoso foi basicamente estereotipada e associada à doença, contribuindo consideravelmente na fixação da simbologia da feitura (Figura 1).

³ *Estudos do envelhecimento visual: explorando imagens do envelhecimento na história da arte e outras disciplinas* (tradução livre).

Figura 1 - Salvator Rosa (*Bruja*, 1640-1649)

FONTE: GOOGLE IMAGENS (2021).

Não obstante, a representação do feio foi associada à imagem de uma pessoa idosa, portadora, muitas vezes, de anomalias, enfermidades ou prestes a morrer (Figura 2).

Figura 2- Goya's les Vieilles (*Time of the old women*, 1820)



FONTE: GOOGLE IMAGENS (2021).

A retratação da velhice também foi comum entre artistas do movimento expressionista, surgido no início do século XX, na Alemanha. A particularidade deste estilo foi a luz, utilizada para enfatizar manchas, contrastes, deformações, sombras, projeções e variações cromáticas (SANTOS, RIBEIRO, BEZERRA, 2015). Pintores expressionistas retrataram o envelhecimento tendencialmente com traços de fragilidade, depressão e rugas (feiura). Na obra intitulada *At eternity's gate* (1882), Vincent van Gogh (1853-1890) ilustrou, por exemplo, um idoso na posição sentada, com as mãos sobre os olhos, em situação de tristeza e abandono.

Em 1897, Paul Gauguin (1848-1903) pintou um conjunto de obras com a intenção de sintetizar a evolução da vida, foram elas: *Where do we come from, what are we?, Where are we going?* Suas imagens ilustraram indivíduos em diferentes faixas etárias. Contudo, nessa obra se observa algo interessante e talvez incomum para a época: os ido-

sos estão aos cuidados de indivíduos mais jovens. Conforme Santos et al. (2015), a arte expressionista teve como uma de suas características retratar nas telas aspectos da história de vida dos artistas. Deste modo, os artistas associavam o poder criativo com a realidade política e social, despertando emoções nos observadores, mas sempre com relativo tom de pessimismo.

Um exemplo de pintura sobre pessoas idosas no Brasil são as obras *Mulher de cabelos verdes* (1916), de autoria de Anita Malfati (1889-1964), e *Cabeça de velho*, pintada em 1923 por Cândido Portinari (1903-1962). Anita Malfati destacou o envelhecimento feminino de forma caricatural (Figura 3), romantizando a questão para mostrar o valor da mulher, fixando a ideia de que cabelos grisalhos não desmerecem, pois são um marco de força conquistado ao longo do tempo.

Figura 3-Anita Malfati (*Mulher de cabelos verdes*, 1916)



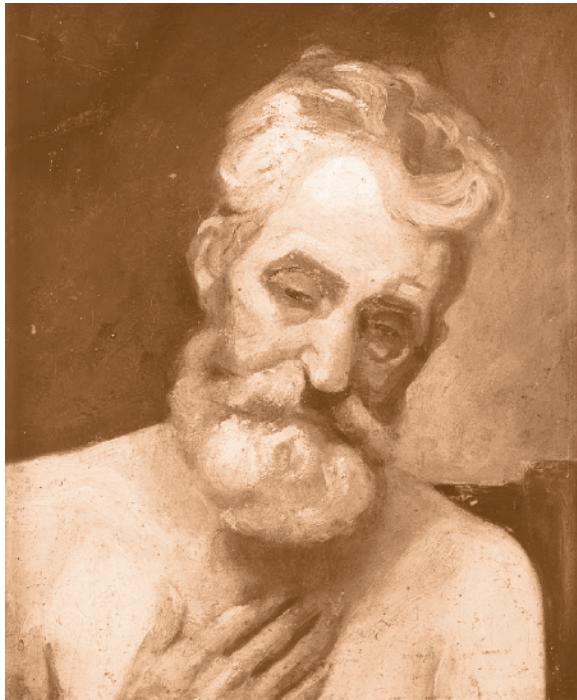
FONTE: GOOGLE IMAGENS (2021).

Artigo 4

Envelhecimento Humano: A Perspectiva
de Filósofos e Pintores da Antiguidade

Por outro lado, Portinari optou por retratar o envelhecimento em um sentido melancólico por meio de um homem de cabeça baixa, olhar triste, pensativo, com cabelos brancos e rosto enrugado (Figura 4).

Figura 4-Candido Portinari (*Cabeça de velho*, 1923)



FONTE: GOOGLE IMAGENS (2021).

É importante ressaltar que pintores e suas obras são representantes de períodos históricos com características políticas e culturas próprias. Isso atribui às imagens o caráter da medialidade do contexto histórico desse artista. Não obstante, pode-se considerar que muitas obras são autorretratos que ilustram a idade do autor ou que buscam discutir os opostos, enfatizando a contrariedade entre graça/beleza e feiura, harmonia e caos (KAMPMANN, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em se tratando da área do envelhecimento humano, compreender o papel de filósofos e seus textos, assim como de pintores e suas obras pode engrandecer o entendimento sobre uma série de preconceitos criados sobre a idade e o idoso ao longo do tempo. Textos e imagens são ricos de significados, capazes de trazer para o tempo presente a visão de indivíduos e das sociedades do passado (KAMPMANN, 2015). Cada manifestação artística, seja ela escrita, esculpida ou pintada é um documento vivo sobre o contexto social, político e cultura da época de sua criação. Nessa perspectiva, o presente texto possibilitou lançar um olhar sobre os modelos imaginários das civilizações antigas em relação à idade e ao envelhecimento humano.

Observou-se que tanto filósofos como pintores apresentaram modos peculiares para abordar a idade e o envelhecimento, e que seus pontos de vista transitaram entre a valorização da sabedoria, o respeito às gerações passadas e o paradigma negativo do termo velho-velhice. Verificou-se que alguns filósofos e artistas se referiram ao tempo vívido como uma fase traumática. Outros exaltaram o valor dessa fase da vida tanto para o próprio idoso como para sociedade, destacando as contribuições desses indivíduos para as gerações futuras. Talvez as obras de filósofos e pintores possam ter influenciado o senso comum da civilização atual para denominar a pessoa idosa como velha e considerar o processo do envelhecimento como velhice. Mas, por outro lado, somos portadores de conhecimento suficiente para distinguir entre o belo e o feio, assim como entre o certo e o errado! Considera-se como limitação deste manuscrito a carência de material que aborde especificamente os temas tratados. Espera-se que o presente estudo possa fundamentar futuras investigações na área do envelhecimento humano, bem como sensibilizar diferentes segmentos da sociedade para a importância do reconhecimento, atenção e cuidado que tanto a população idosa como familiares idosos merecem receber.

Artigo 4

Envelhecimento Humano: A Perspectiva
de Filósofos e Pintores da Antiguidade

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARYA, S.; SINGH, K.; SABAHRWAL, M. Ageing process and physiological changes. *Home Books Gerontology*, chapter I, p. 2-23, 2018. Disponível em: <<https://www.intechopen.com/books/gerontology/ageing-process-and-physiological-changes>>. Acesso em: 29 set. 2021.
- ANTON, A. L. Aging in classical philosophy. In: G. SCARRE (org.). *The palgrave handbook of the philosophy of aging*. London: Palgrave Handbooks, 2016, p. 115-134.
- BAARS, J.; VISSER, H. Chronological time and chronological age: problems of temporal diversity. *Aging & time: multidisciplinary perspectives*. London: Routledge, 2010, p. 1-13.
- BAVIDGE, M. Feeling one's age: a phenomenology of aging. In: SCARE, G. (org.). *The palgrave handbook of the philosophy of aging*. London: Palgrave Handbooks, 2016, p. 207-2024.
- BEAUVOIR, S. *A velhice*. Tradução Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3. ed., 2018.
- BROOME, M. E. *Integrative literature reviews for the development of concepts*. Concept development in nursing: foundations, techniques and applications. Philadelphia: WB Saunders Company, 2000, p. 231-50.
- CRISTINA, S. Guidelines of the brazilian geriatrics and gerontology society on the content of subjects/modules related to aging (geriatrics and gerontology) in medicine courses. *Geriatrics, Gerontology and Aging*, v. 8, n. 3, 2014.
- ECO, H. *História da feitura*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- KAMPMANN, S. Visual aging studies: exploring images of aging in art history and other disciplines. *Age Culture Humanities*, n. 2, p. 279-291, 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OMS. Healthy ageing: moving forward.

Bull World Health Organ, v. 95, Nov., p. 730, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.2471/BLT.17.203745>>. Acesso em: 29 set. 2021.

OMS. What is “active ageing”? *World Health Organization*, 2014. Disponível em: <https://extranet.who.int/agefriendlyworld/wp-content/uploads/2014/06/WHO-Active-Ageing-Framework.pdf>. Acesso em: 29 set. 2021.

OMS. *World report on ageing and health*. Geneva, 2015. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/186463>. Acesso em: 29 set. 2021.

OVERALL, C. How old is old? Changing conceptions of old age. In: G. SCARNE (org.). *The palgrave handbook of the philosophy of aging*. London: Palgrave Handbooks, 2016, p. 13-30.

ROSENMAYR, L. *Schöpferisch altern: eine philosophie des lebens*. Lit Verlag: Münster, 2007.

SANTOS, C. M. V. T.; RIBEIRO, P. R. O.; BEZERRA, A. J. C.; Vianna, L. G. A. Temática da velhice em pinturas expressionistas. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 18, n. 3, p. 123-136, 2015.

SANTOS, S. S. C. Envelhecimento: visão de filósofos da antiguidade oriental e ocidental. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, v. 2, n. 1, p. 88-94, 2001.

SHAY, J. W.; WRIGHT, W. Hayflick, his limit, and cellular ageing. *Nature Reviews Molecular Cell Biology*, v. 1, n. 10, p. 72-76, 2000.

THORWART, W. *Philosophie und lebenskunst des alters*. Disponível em: <http://w-thorwart.de/assets/07_philosophealters.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2021.

TULIO, C. M. *Saber envelhecer*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2013.

VERAS, R. P.; OLIVEIRA, M. Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, n. 5, p. 1.929-1.936, 2018.

5

Conhecimento e Atitudes de Idosos Brasileiros com Relação às Práticas Sexuais

[Artigo 5, páginas de 84 a 97]





Luciana Carmo Rocha

Graduada em medicina pela Universidade de Cuiabá (Unic), psiquiatra no Instituto Américo Bairral, participante da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e pós-graduada em terapia sexual pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal).

lucianac_rocha@hotmail.com

Meireluci Costa Ribeiro

Mestra e doutora em ciências da saúde pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), especialista em intervenção e práticas sistêmicas em casal e família (Unifesp) e em sexualidade humana (FMU/SP). Graduada em serviço social e graduanda em psicologia pela Universidade Cidade de São Paulo (Unicid). Professora do curso de Pós-Graduação em Educação e Terapia Sexual do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal) e participa da International Society for Sexual Medicine (ISSM).

ribeiro.meire20@gmail.com



RESUMO

Nos últimos anos, a população idosa brasileira vem crescendo rapidamente e apresentando melhor qualidade de vida com o prolongamento da vida sexual. Com a longevidade sexual associada à prática sexual sem proteção, o índice de casos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) tem aumentado nessa população. O objetivo deste estudo é avaliar o comportamento sexual do idoso no Brasil e sua associação com o aumento da incidência das IST, bem como acessar possíveis intervenções educacionais que vêm sendo utilizadas com essa população. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura, com textos publicados no período de 2009 a 2019 nas bases de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), bem como em publicações institucionais do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado da Saúde e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os resultados mostram que a maioria dos idosos brasileiros com vida sexual ativa pratica sexo sem proteção, o que contribui para o aumento do número de casos de IST. Nossos achados mostram, ainda, que as intervenções educacionais com essa população podem promover aumento no conhecimento sobre IST/Aids, bem como incentivar práticas promotoras de saúde sexual.

Palavras-chave: comportamento sexual; doença sexualmente transmissível; coito; sexo sem proteção; envelhecimento; idosos.

ABSTRACT

In recent years, the elderly Brazilian population has been growing rapidly and presenting a better quality of life, in addition to prolonging sexual life. With sexual longevity associated with unprotected sex, the prevalence of Sexually Transmitted Infections (STIs) has increased among this population. The objective of this study is to evaluate the sexual behavior of the elderly in Brazil and its association with the increased incidence of STIs, as well as to access educational interventions that have been conducted with this population. An integrative review of the literature was carried out, with manuscript published in the last ten years, in the SciELO, LILACS and Pubmed databases, as well as institutional publications by the Ministry of Health, the State Department of Health and the Brazilian Institute of Geography and Statistics. The results show that the majority of elderly Brazilians with an active sexual life practice unprotected sex, which contributes to the increase in the number of cases of Sexually Transmitted Infections. The findings also show that educational interventions with this population can promote a significant increase in knowledge about STIs, as well as the practice of safe sex.

Keywords: asexual behavior; sexually transmitted infections; coitus; aging; elderly.

INTRODUÇÃO

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹, a relação entre a porcentagem de idosos, pessoas com 60 anos ou mais, e de jovens é chamada de “índice de envelhecimento” e deve aumentar de 43,2%, em 2018, para 173,5%, em 2060. Com o envelhecimento populacional e o prolongamento da vida sexual ativa, alguns aspectos precisam ser levados em consideração, como a saúde sexual dos idosos, componente indicativo de qualidade de vida, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS)².

Sabe-se que a atividade sexual não é homogênea e estável, mas varia conforme a cultura, a época e o indivíduo. Ela também se modifica ao longo da vida de uma mesma pessoa³, sendo influenciada por fatores físicos⁴, psicológicos⁵⁻⁶, relacionais⁷ e socioculturais/religiosos^{8,9} e, no que se refere aos idosos, tem suas peculiaridades^{7,9-11}.

Em 2016, Maschio et al.¹² realizaram um estudo em Curitiba (Paraná) com 98 idosos frequentadores de instituição de lazer e verificaram que mais da metade dos participantes (51%) referiam vida sexual ativa, e que desses, 42,8% negavam uso de medida de prevenção. Resultados semelhantes foram observados em um grande estudo populacional realizado no país, o Mosaico 2.0, que traçou o perfil sexual de 3 mil brasileiros com idade entre 18 e 70 anos em sete capitais. Os resultados mostraram que, entre os participantes com idade entre 61 e 70 anos, mais da metade (51,2%) referiam fazer sexo sem proteção¹¹.

Como consequência da atividade sexual sem proteção, pode-se observar a alta prevalência de casos das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) em idosos brasileiros. Com relação à detecção de casos de Aids notificados pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), em pessoas de 60 anos ou mais, a taxa saltou de 7,5 para 9,5 casos para cada 100.000 habitantes de 2007 a 2017^{13,14}. No mesmo período, os casos de hepatite B foram de 4,4 para 7,6 casos para cada 100.000 habitantes. Ainda, nesses dez anos, o mesmo ocorreu com os casos de hepatite C, com a taxa de 7,1 casos aumentando para 27,7 casos para cada 100.000 habitantes^{14,15}. Dados ainda mais alarmantes são apresentados com relação à detecção de sífilis, pois em 2010 foram diagnosticados 2,1 casos na população com 50 anos ou mais, que se tornaram 25,8 casos para cada 100.000 habitantes, em 2017^{14,16}.

Diante desse cenário, algumas medidas vêm sendo tomadas com o intuito de diminuir o índice de IST na população idosa brasileira. O Ministério da Saúde¹⁷ lançou o caderno “Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa”, com o objetivo de oferecer informações e subsídios aos

profissionais de saúde que atendem idosos no país. Vale ressaltar que nem sempre os profissionais de saúde se sentem seguros e confortáveis para abordar o tema sexualidade no atendimento a essa população^{18, 19}. A literatura apresenta alguns estudos^{12, 20} que vêm sendo desenvolvidos no país com intervenções de educação sexual com idosos com o objetivo de aumentar o nível de conhecimento sobre sexualidade e prevenção de IST nessa população.

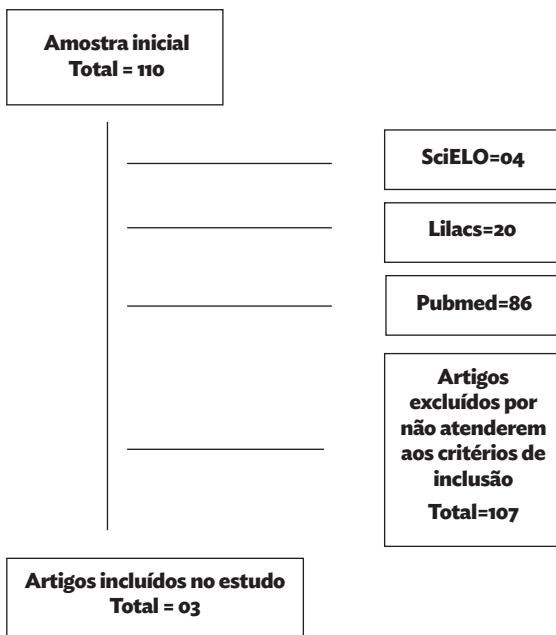
Tendo em vista a escassez de estudos sobre sexualidade envolvendo a população idosa e o envelhecimento da população brasileira, bem como o aumento drástico das IST em pessoas com 60 anos ou mais, foi realizada uma revisão integrativa da literatura visando traçar um panorama do comportamento sexual de idosos brasileiros, bem como apresentar intervenções educacionais que têm mostrado evidências no aumento de conhecimento sobre o tema junto a essa população.

DESENVOLVIMENTO

Realizou-se uma revisão integrativa da literatura com o objetivo de ordenar, sistematizar e incluir estudos com diferentes enfoques metodológicos, o que permitiu somar e combinar dados teóricos e empíricos para uma maior compreensão do tema²¹. Foram seguidas as etapas preconizadas por Whittemore et al.²¹: 1. Identificação do problema (definição do tema da revisão em forma de questão ou hipótese primária); 2. Busca na literatura; 3. Caracterização dos estudos; 4. Análise dos dados (identificando similaridades e conflitos); 5. Apresentação e discussão dos achados.

Foram consultados dados em publicações institucionais do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado da Saúde e IBGE com relação às IST em idosos no Brasil. Para as intervenções que vêm sendo realizadas com essa população, optou-se por analisar estudos ocorridos no país, sendo feitas buscas nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e PubMed. Foram buscados artigos publicados entre 2009 e 2019 com os seguintes descritores: doenças sexualmente transmissíveis **ou** sexually transmitted diseases **ou** enfermedades sexualmente transmisibles; e idosos **ou** elderly **ou** anciano.

Inicialmente, foram encontradas 110 publicações seguindo os critérios indicados. Desses estudos, três^{20, 22, 23} descrevem intervenções de educação sexual com idosos brasileiros e foram incluídos neste estudo, conforme descrito na Figura 1.



UM PANORAMA DO COMPORTAMENTO SEXUAL DE IDOSOS BRASILEIROS

A literatura mostra estudos no país que acessaram o comportamento sexual do idoso brasileiro. Em 2016, foi realizado estudo populacional com mais de 3 mil participantes em sete regiões metropolitanas: São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Salvador, Belém, Porto Alegre e Distrito Federal. Os resultados mostraram um contraste drástico conforme a faixa etária. Entre os 790 adolescentes (18 a 25 anos), 36,2% relataram uso da camisinha em todas as relações, enquanto no grupo de 86 idosos (61 a 70 anos) apenas 10,5% referiram uso frequente de preservativo. O mesmo estudo mostrou, ainda, que 26,8% dos adolescentes responderam não fazer uso de camisinha, contrastando com 51,2% da população idosa. Dentre os idosos entrevistados, apenas 7,3% responderam não ter atividade sexual, inferindo a alta prevalência de vida sexual ativa nos idosos brasileiros atualmente¹¹.

Em 2010, em Curitiba, Paraná, Maschio et al.¹² acessaram a saúde sexual de 98 idosos (≥ 60 anos) que frequentavam instituição com programas para melhoria da qualidade de vida dessa população. Os resultados mostraram que 51% dos participantes

referiam ter tido pelo menos uma relação sexual nos últimos 12 meses anteriores à pesquisa. A grande maioria (87,7%) dos participantes referiu considerar necessário o uso de alguma medida de prevenção durante a atividade sexual, mas 10,2% deles não sabiam indicar nenhuma, enquanto apenas 42,8% afirmavam utilizá-la.

Da mesma forma, estudo conduzido no Rio Grande do Sul, entre 2007 e 2013, com 471 idosos (≥ 60 anos) avaliou conhecimento e atitudes de prevenção ao HIV. Participaram 30 grupos de convivência das regiões do Vale do Rio dos Sinos, do Paranhana Encosta da Serra e das Hortênsias. Os resultados mostraram que 84% dos entrevistados não utilizavam preservativos durante a atividade sexual²³.

Na região Sudeste, em Botucatu, São Paulo, Andrade et al.²⁴ realizaram estudo com 382 idosos (≥ 60 anos), entre 2011 e 2012, cadastrados nas 17 Unidades Básicas de Saúde (UBS) da cidade. Os resultados mostraram que mais da metade (55%) apresentava vida sexual ativa, enquanto apenas uma minoria (5,2%) usava preservativos em todas as relações sexuais. Os autores apontam, ainda, que as mulheres, que representavam 61,8% da amostra, mostraram 12 vezes mais chances de contrair IST, uma vez que referiam comportamento de risco ou a não utilização de preservativos.

Alencar et al.¹⁰, em 2016, acessaram a sexualidade e suas concepções na população idosa (≥ 60 anos) em Recife (Pernambuco). Foram entrevistados 224 mulheres e 11 homens na Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Os resultados mostraram que 51,5% referiam pensar espontaneamente em sexo, apesar de apenas 32,3% afirmarem ter vida sexual ativa.

Finalmente, na capital mais populosa do país, São Paulo (São Paulo), Zacarelli et al.²⁵ conduziram estudo com 1.344 idosos, sendo 864 mulheres e 481 homens, a partir do banco de dados do Estudo Saúde de Bem-Estar e Envelhecimento (Sabe). De acordo com os achados, a maioria dos homens (65,2%) e pouco mais de um terço das mulheres (34,8%) referiram ter atividade sexual no ano anterior à pesquisa. Os autores ressaltam a alta prevalência de idosos, principalmente homens, com vida sexual ativa, o que requer atenção, por parte de profissionais de saúde, quanto ao possível comportamento de risco para as IST nessa faixa etária.



**Como consequência da atividade sexual sem proteção,
pode-se observar a alta prevalência de casos das Infecções
Sexualmente Transmissíveis (IST) em idosos brasileiros.**

DIRETRIZES E CARTILHAS PARA PREVENÇÃO DAS IST/AIDS EM IDOSOS

No Brasil, a Atenção Básica de Saúde é o contato principal dos usuários do sistema de saúde, dispondo de recursos em que equipes trabalham com ações e atividades coletivas na comunidade. Devido ao envelhecimento populacional no país e ao aumento da população idosa, o Ministério da Saúde, em 2006, com intuito de propiciar uma abordagem integral ao idoso e dar maior resolutividade às necessidades dessa população na atenção básica, criou o Caderno de Atenção Básica “Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa”. O caderno tem o objetivo de oferecer informações e subsídios aos profissionais de saúde para a prática de atendimento mais adequado a essa população¹⁷.

Dentre os diversos tópicos abordados, o livro traz um capítulo inteiro voltado às IST na terceira idade, principalmente ao HIV e à Aids. De início, faz menção sobre o aumento de números de casos de IST e HIV nessa população e, em seguida, mostra informações sobre a vulnerabilidade dos idosos. De forma clara, esclarece sobre o preconceito da sociedade em relação à sexualidade de idosos, com pensamentos de que idosos não possuem desejo e não têm atividade sexual. Também esclarece ao leitor o que é a prática de sexo sem proteção que torna o indivíduo vulnerável às IST, e não sua sexualidade, assim como salienta que essa população deveria ter espaço para discussões e informações sobre a atividade sexual sempre incluindo a prevenção e proteção necessárias¹⁷.

O tema sexualidade ainda é pouco abordado pelos profissionais de saúde durante o atendimento ao idoso, dificultando a investigação de IST. Se a sexualidade fosse abordada de forma rotineira durante as consultas, facilitaria o encaminhamento dos pacientes para a testagem de HIV, o que poderia se tornar um procedimento padrão para essa faixa etária.

Ainda segundo o Ministério da Saúde¹⁷, para a prevenção da infecção pelo HIV, as intervenções devem focar: no estímulo e utilização correta dos preservativos (masculino e feminino) e lubrificantes; testagem, diagnóstico e tratamento das IST; inclusão da prevenção de IST focando nas especificidades desse grupo; e mobilização de organizações para a realização de trabalhos preventivos e articulação intra e intersetoriais para a garantia de ampliação e continuidade das ações. Ressalta-se a importância da confidencialidade e o atendimento humanizado para o paciente que deseja fazer a testagem de HIV, bem como aos portadores da doença.

Durante o atendimento do paciente, recomenda-se a inclusão do aconselhamento, abordando também os aspectos emocionais e os direitos humanos com troca de informações, apoio emocional e interação de confiança entre o profissional e o paciente. Além disso, é importante que o paciente possa expor suas dúvidas e que o atendimento proporcione possíveis reflexões para uma melhoria da qualidade de vida sexual¹⁷.

É recomendado que o profissional de saúde avalie os conhecimentos do usuário sobre as IST, práticas sexuais de risco e fatores de vulnerabilidade, bem como esclareça as dúvidas e investigue possíveis fatores de risco que possa apresentar, aconselhando-o a fazer o teste de HIV. Caso o resultado seja positivo, o caderno traz de forma descritiva como abordar o paciente, reassegurar o sigilo, dar apoio emocional e oferecer todas as formas disponíveis de tratamento e acompanhamento¹⁷.

Para que o assunto seja abordado de forma multidisciplinar, o livro recomenda que os agentes comunitários e os profissionais de saúde prestem informações relacionadas às IST; disponibilizem insumos de prevenção; encaminhem os usuários para unidades de saúde para realizarem testagem; ofereçam apoio e possam estar disponíveis para uma conversa que esclareça dúvidas, além de providenciarem o agendamento de consultas e incentivo às práticas sexuais seguras¹⁷.

O documento finaliza com a descrição de competências necessárias aos atendentes da rede de saúde, como: identificar riscos, sinais e sintomas de infecção de HIV; realizar confirmação do diagnóstico; encaminhar para serviço especializado; e realizar tratamento em conjunto com outros profissionais de saúde a fim de possibilitar melhor adesão ao tratamento¹⁷.

Da mesma forma, a Secretaria do Estado de São Paulo²⁶ também abordou o tema sexualidade com o intuito de prevenir as IST na população idosa. Para isso, em 2011, criou o “Documento de Di-

retrizes para a Prevenção das DSTs". O documento traz, de início, informações sobre o envelhecimento da população brasileira, a maior longevidade e o aumento das IST nessa população com dados epidemiológicos de Aids. Em seguida, aborda a incidência de diagnósticos tardios nessa faixa etária; a dificuldade do diagnóstico diferencial devido à semelhança do quadro com outras doenças e com o processo de envelhecimento; a evolução rápida da doença nessa faixa etária; e as comorbidades que o idoso pode apresentar que aumentam o risco de complicações e evidenciam a necessidade de tratamento precoce.

Para um atendimento integral ao idoso, é necessária uma interligação entre os setores de saúde para a formação de uma rede de suporte. Recomenda-se uma preparação adequada dos profissionais de saúde para atender a demanda da população idosa, principalmente na abordagem de assuntos sobre sexualidade e a ampliação da visão de que idoso também possui vida sexual ativa. Os serviços devem estar vinculados à rede de atenção básica de saúde, pois nela podem ser feitas discussões e abordagens sobre o tema, além de exames para HIV, sífilis e hepatite B e C²⁶.

O documento elabora, de forma acessível, as atividades que podem ser realizadas e como podem ser conduzidas. Recomenda, ainda, a oferta de preservativos e lubrificantes nas UBS; o aumento da testagem para as sorologias de IST; a realização de exame ginecológico preventivo em mulheres idosas; as considerações às necessidades da população LGBT; a realização de grupos com discussões e informações sobre sexo, sexualidade e prevenções, bem como a produção de material informativo²⁶.



O tema sexualidade ainda é pouco abordado pelos profissionais de saúde durante o atendimento ao idoso, dificultando a investigação de IST.

As atividades devem ser levadas a espaços de convivência para que se promovam discussões sobre sexualidade e comportamentos que promovam a saúde sexual. Pode-se propor aos casais a adequação do uso de camisinhas tanto feminina quanto masculina, bem como o uso associado do lubrificante. Aos homens que apresentem dificuldades de ereção com uso de camisinha, pode-se sugerir o uso de preservativo feminino pela parceira. Para as mulheres com dificuldade de manuseio do preservativo feminino, orienta-se o uso do preservativo masculino pelo parceiro associado ao lubrificante à base de água. Finalmente, nas relações homoafetivas entre homens ou mulheres recomenda-se sempre lembrar formas de prevenção promotoras de saúde sexual²⁶.

INTERVENÇÕES COM EDUCAÇÃO SEXUAL PARA IDOSOS NO BRASIL

Entre 2007 e 2001, Lazzarotto et al.²³ conduziram estudo em regiões do Rio Grande do Sul com 471 idosos (entre 60 e 91 anos). Foram excluídos os indivíduos que já tivessem assistido a alguma palestra ou oficina abordando IST. Os participantes responderam ao questionário HIV para terceira idade, composto de: dados sociodemográficos; uso de preservativos; realização de testagem para HIV; conhecimento de portador do vírus pelo participante; e 13 questões organizadas nos domínios “conceito”, “transmissão”, “prevenção”, “vulnerabilidade” e “tratamento”, as quais apresentam como resposta as alternativas “verdadeiro”, “falso” e “não sei”. Logo após, foi feita uma intervenção educacional, com dois encontros com duração de aproximadamente uma hora cada. Ao final, os idosos responderam novamente ao questionário. O domínio no qual os participantes referiram menor conhecimento foi sobre o período assintomático da infecção de HIV, no qual 184 (39%) pessoas responderam que a pessoa com HIV sempre apresenta os sintomas da doença e 201 (43%) responderam “não sei”. Nos domínios conceito, vulnerabilidade, prevenção, transmissão e tratamento do HIV havia predominância de respostas corretas no primeiro questionário, porém ainda assim existia parcela que tinha conceitos errôneos ou desconhecimento das informações. Após as oficinas educativas, houve um aumento de acertos nas respostas na maioria dos domínios, demonstrando a eficácia da intervenção.

De janeiro a março de 2014, Bastos et al.²² conduziram oficinas semanais de educação sexual para 55 idosos dos Grupos de Convivência, no Centro de Saúde da Família, no interior cearense, com o objetivo de avaliar o nível de conhecimento dos participantes em re-

lação à Aids e sífilis, antes e após a intervenção. Os autores utilizaram, de forma adaptada, o questionário HIV para terceira idade, composto de 14 questões que acessavam informações socioeconômicas, gênero, idade, estado civil e aspectos tais como transmissibilidade, grupos de risco, prevenção e tratamento relacionados ao HIV/Aids e à sífilis. Quando comparados os escores médios de conhecimento dos idosos antes e após as oficinas, foi possível observar um aumento significativo de 11,7 para 17,3 ($p < 0,001$).

A literatura mostra outro estudo com uma intervenção de educação sexual com dez idosas (entre 60 e 79 anos) da comunidade católica de Santarém, Pará, que obteve resultados positivos. O estudo, realizado em 2016, teve o objetivo de comparar o conhecimento sobre IST antes e após a intervenção de educação sexual com as participantes. Foram aplicados questionários com perguntas fechadas com opções de “sim” ou “não” antes e após palestras multimídia sobre sexualidade. Das idosas entrevistadas, 30% possuíam vida sexual ativa e 100% daquelas que eram ativas não faziam uso de camisinha, pois confiavam no parceiro. Os resultados mostraram que a maioria (80%) já havia tido algum tipo de informação sexual anteriormente. Quanto ao conhecimento sobre IST, 80% versus 100% das participantes sabiam o seu significado e como se prevenir antes e após a intervenção educacional, respectivamente²⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo, foi possível observar que a maioria dos idosos brasileiros possui vida sexual ativa e, no entanto, poucos utilizam métodos de prevenção de IST, como o uso de preservativos nas relações sexuais. Concomitantemente ao prolongamento da atividade sexual nessa população, houve um aumento expressivo no número de casos de HIV, Aids, hepatite B e C e sífilis nos brasileiros com 60 anos ou mais. Apesar de a maioria dos idosos ter conhecimento sobre as IST, nos grupos estudados ainda havia pessoas que desconheciam informações a respeito de métodos e formas de prevenção. Com as intervenções, através de grupos educacionais e informativos, houve melhora no domínio do assunto, bem como maior compreensão sobre a necessidade do uso de preservativos.

Os dados dos índices de casos das IST aqui apresentados são o ponto forte do estudo, uma vez que acessamos dados oficiais divulgados pelo Ministério da Saúde do país. Além disso, os estudos com intervenções educacionais na população idosa brasileira apresentaram

resultados eficazes, ou seja, as intervenções aplicadas mostraram-se positivas para a melhora do conhecimento das IST. Apesar de o Ministério da Saúde disponibilizar cartilhas e diretrizes para prevenção de IST nos idosos, atualmente ainda existe uma escassez de abordagem no sistema de saúde no país.

Conclui-se que há necessidade de continuar os estudos de intervenção que culminem com a diminuição de incidência de IST nessa faixa etária e, para isso, novas pesquisas são essenciais para investigar intervenções que possam contribuir para um comportamento sexual mais seguro por parte dos idosos no Brasil e no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Censo 2020. *Idosos indicam caminhos para uma melhor idade*. Brasília: IBGE, 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade#:~:text=Para%20que%20os%20idosos%20de,habita%C3%A7%C3%A3o%20e%20meios%20de%20transportes>. Acesso em: 5 out. 2021.
2. Organização Mundial de Saúde. *Sexual health*. Geneva: WHO, 2020. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/sexual-health#tab=tab_1. Acesso em: 5 out. 2021.
3. Abdo CH, organizadora. *Sexualidade humana e seus transtornos*. 2. ed. São Paulo: Lemos, 2000.
4. Okuno MFP, Fram DS, Batista REA et al. Knowledge and attitudes about sexuality in the elderly with HIV/AIDS. *Acta Paul Enferm.*, 2012; 25:115-21.
5. Silva FGd, Pelzer MT, Neutzling BRdS. Attitudes of elderly women regarding the expression of their sexuality. *Aquichan.*, 2019; 19(3):e1934.
6. Uchôa YdS, da Costa DCA, da Silva Junior IAP et al. A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 2016; 19(6):939-49.
7. Cambão M, Sousa L, Santos M et al. QualiSex: estudo da associação entre a qualidade de vida e a sexualidade nos idosos numa população do Porto. *Rev. Port. Med. Geral Fam.*, 2019; 35:12-20.
8. Cabral NEdS, Pereira GCdS, Souza USd et al. Compreensão de sexualidade por homens idosos de área rural. *Rev. baiana enferm.*, 2019; 33:e28165.
9. Alencar DLd, Marques APdO, Leal MCC et al. Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa. *Cien. Saúde Colet.*, 2014; 19(8):3.533-42.
10. Alencar DLd, Marques APdO, Leal MCC et al. The exercise of sexuality among the elderly and associated factors. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 2016; 19:861-9.
11. Ferreira I. Perfil sexual dos brasileiros revela diferenças entre homens e mulheres. *Jornal USP* 2016, 24 jun. 2016. Disponível em: <https://jornal.usp.br/index.php/jus/article/view/1000>.

- usp.br/ciencias/ciencias-da-saude/perfil-sexual-dos-brasileiros-revela-diferencias-entre-homens-e-mulheres/. Acesso em: 5 out. 2021.
12. Maschio MBM, Balbino AP, Souza PFRD et al. Sexualidade na terceira idade: medidas de prevenção para doenças sexualmente transmissíveis e AIDS. *Rev. Gaúcha Enferm.*, 2011; 32:583-9.
 13. Brasil. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. *Boletim Epidemiológico HIV e Aids*. Brasília, v. 49, n. 53. jul. 2017- jun. 2018.
 14. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua. *Características gerais dos domicílios e dos moradores*. Brasília: IBGE; 2017. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html?edicao=20915&t=resultados>. Acesso em: 5 out. 2021.
 15. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Boletim epidemiológico hepatites virais*. Brasília, v. 50, n. 17, 2019.
 16. Brasil. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. *Boletim epidemiológico sífilis*. Brasília, v. 49, n. 45, out. 2018.
 17. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Envelhecimento e saúde da pessoa idosa*. Brasília: MS. Caderno de Atenção Básica, n. 19, 2006.
 18. Cunha LM, Mota WS, Gomes SC et al. Vovó e vovô também amam: sexualidade na terceira idade. *REME rev. min. enferm.*, 2015; 19(4):901-6.
 19. Bauer M, Haesler E, Fetherstonhaugh D. Let's talk about sex: older people's views on the recognition of sexuality and sexual health in the health-care setting. *Health Expect.*, 2016; 19(6):1.237-50.
 20. Jesus DSd, Fernandes FdP, Coelho ACL et al. Nível de conhecimento sobre DSTs e a influência da sexualidade na vida integral da mulher idosa. *Em foco - Fundação Esperança/Iespes*. 2016; 1(25):33-45.
 21. Whittemore R, Knafl K. The integrative review: updated methodology. *J. Adv. Nurs.* 2005; 52(5):546-53.
 22. Bastos LM, Tolentino JMS, Frota MAO et al. Evaluation of the level of knowledge about Aids and syphilis among the elderly from a city in the interior of the state of Ceará, Brazil. *Cien. Saúde Colet.*, 2018; 23(8):2.495-502.
 23. Lazzarotto AR, Santos VSd, Reichert MT et al. Oficinas educativas sobre HIV/Aids: uma proposta de intervenção para idosos. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 2013; 16:833-43.
 24. Andrade J, Ayres JA, Alencar RA et al. Vulnerabilidade de idosos a infecções sexualmente transmissíveis. *Acta paul. enferm.* 2017; 30:8-15.
 25. Zacarelli L, Duim E, Ciosak S. Panorama da atividade sexual em idosos brasileiros. *Anais La Habana: Ensap*, 2018. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/00291290126>. Acesso em: 5 out. 2021.
 26. Brasil. Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Centro de Referência e Treinamento em DST/Aids. Coordenadoria de Controle de Doenças. *Documento de diretrizes para prevenção das DST/aids em idosos*. Bepa 2011; 8(92):15-23. Disponível em: <https://www.saude.sp.gov.br/resources/ipgg/publicacoes/guias-e-manuais/ipgg-manualdeoficinasdst.pdf>. Acesso em: 7 out. 2021.

6

A Experiência do Ócio na Velhice: Contribuições Teóricas para Reflexões Sobre Sua Função Social

[Artigo 6, páginas de 98 a 109]



**Vagner Martins dos
Santos Junior**

*Graduado em educação física
e monitor de esportes no Sesc
Ipiranga.*

RESUMO

A percepção de mundo passa pela forma como as experiências são vividas. Influências sociais, culturais e econômicas como a Revolução Industrial, o surgimento da internet, o boom das mídias sociais e a pandemia de covid-19 contribuem para mudanças no modo de viver em sociedade. Passa-se grande parte do tempo em ambiente digital, tempos se misturam: o ócio com o trabalho, a infância com a adolescência, a fase adulta com a velhice. Como, na velhice, perceber os papéis sociais? Surge, então, a importância de reflexões quanto às conexões entre o ócio e a velhice. A partir de uma revisão bibliográfica realizada em torno das palavras ócio e velhice encontra-se pouca discussão dentro da temática, porém contribuições importantes. Desconstruir narrativas e estereótipos em torno da população idosa e do ócio indica um caminhar em direção à quebra de paradigmas sociais, culturais e conceituais e incita a reflexão de profissionais da saúde, educadores, pesquisadores, familiares e instituições públicas. Reafirma-se a responsabilidade quanto à criação de oportunidades e à democratização do acesso a práticas culturais. Com a finalidade de diminuir distâncias entre os sujeitos e suas percepções sobre si e o mundo na velhice, as páginas seguintes confirmam a importância de um estudo aprofundado dessa temática.

Palavras-chave: ócio; velhice; experiências; população idosa.

ABSTRACT

The perception of the world involves the way experiences are lived. Social, cultural, and economic influences such as the industrial revolution, the emergence of the internet, the social media boom and the covid-19 pandemic contribute to changes in the way of living in society. Much of the time is spent in a digital environment, times are mixed: leisure with work, childhood with adolescence, adulthood with old age. How, in old age, to perceive social roles? The importance of reflections on the connections between idleness and old age arises. From a bibliographical review carried out around the word's idleness and old age, there is little discussion within the theme, but important contributions. Deconstructing narratives and stereotypes around the elderly population and leisure indicates a move towards breaking social, cultural, and conceptual paradigms. It brings reflection, health professionals, educators, researchers, family members and public institutions. It reaffirms the responsibility for creating opportunities and democratizing access to cultural practices. In order to reduce distances between the subjects and their perceptions of themselves and the world in old age, the following pages confirm the importance of an in-depth study on this theme.

Keywords: leisure; old age; experiences; elderly population.

Artigo 6

A Experiência do Ócio na Velhice: Contribuições Teóricas para Reflexões Sobre Sua Função Social

A contemporaneidade nos traz questões reflexivas e significativas quanto ao nosso modo de viver, à maneira como nos relacionamos com outras pessoas e com nós mesmos e com o ambiente em que vivemos.

De maneira acelerada o sistema nos impõe um modo de vida pautado no fazer muitas coisas ao mesmo tempo, quase que sobrepostas de maneira fragmentada. Tornando nossa vida similar a um filme acelerado em que não se torna possível perceber a transição das cenas, seus detalhes, as nuances, as cores, os contrastes, os cenários e a maneira singular com que cada artista representa os personagens da trama.

Podemos observar que na mais tenra infância, nos primeiros meses de vida, famílias são levadas a deixar seus filhos sob os cuidados especializados de escolas, creches e instituições para poderem trabalhar e produzir o sustento necessário para uma vida satisfatória. Algumas crianças passam a infância com atribuições da vida adulta: seja no cuidado da casa ou dos afazeres domésticos e dos irmãos, nas famílias com maior vulnerabilidade social, seja nas escolas integrais, nos cursos extracurriculares, como línguas, práticas corporais, música e aprendizados diversos na qualificação precoce para o mercado de trabalho.

Desde cedo sujeitos sociais são impelidos para a lógica da produtividade pelo sistema econômico e político que opõe e formata trabalhadores e trabalhadoras necessários à sua manutenção de maneira compulsória.

Na adolescência surge a preparação para o vestibular, a necessidade de ajudar na subsistência da família e as inúmeras formas de alienação e formatação dos mesmos sujeitos sociais que passam a acreditar que esse é o modo de vida que escolheram para poderem ser chamados como cidadãos e cidadãs de bem. A lógica de que “o trabalho dignifica o homem” é imprimida dia após dia no cerne de cada ser social, que não encontra saída senão em trabalhar e produzir para “ser alguém na vida”.

Surgem aqueles que se contrapõem ao sistema com posicionamentos contrários à lógica dominante, exigem mais tempo de ociosidade, desejam maior período de descanso e relaxamento, não correspondem ao sistema educacional e são rotulados como “alunos-problema”. Optam por trabalhos autônomos, informais, na contramão da “carteira assinada”, fazem suas próprias agendas e carregam o peso de não corresponderem às expectativas familiares e profissionais.

Na fase adulta muitos ainda se arrependem de um dia terem desejado completar 18 anos, massacrados pela rotina, pelo excesso de

trabalho, pela ausência de possibilidades de fruição no lazer. Relemboram os tempos da infância, das brincadeiras de roda, do futebol na rua, da brincadeira de pegar e das cantigas tradicionais que traziam a certeza de plenitude no estado de liberdade e suspensão do tempo que não era regido pelo relógio e sim pela experiência vivida naquele pequeno grupo social do qual faziam parte. Como adultos, percebem que o lazer é regido pelo tempo de não trabalho que, na sociedade atual, se mistura com o tempo de trabalho. Começam a vislumbrar a velhice de maneira receosa, imaginando um tempo da vida que será desfrutado a partir das possibilidades que a aposentadoria trouxer.

Em uma sociedade desigual, excluente e opressora a aposentadoria se torna uma meta e ao mesmo tempo um fantasma na vida de muitos e muitas que não possuem acesso ao trabalho formal na fase adulta da vida.

Grande parte da população, na velhice, não recebe nenhum tipo de aposentadoria, ficando dependente de recursos provenientes de políticas públicas, essas que mudam de acordo com o sistema de governo vigente. Dentro de um cenário como esse, de incertezas quanto à garantia de direitos essenciais ao longo da vida, como o direito ao brincar, à saúde, à moradia, ao trabalho, ao esporte e ao lazer, como pensar a velhice e suas temporalidades livres de paradigmas utilitaristas e produtivistas?

Surgem questionamentos necessários sobre a atenção à população idosa, que a cada novo ano aumenta numericamente de maneira expressiva na sociedade em que vivemos. Como pensar em uma sociedade que envelhece sem preservar sua subjetividade, sua essência e natureza humana, oferecendo o mínimo para que se possa contribuir com significado às gerações que estão por vir?

Em meio a um cenário pandêmico com alta taxa de mortalidade no mundo, a população idosa configura em lugar de destaque no que se refere à manutenção e prevenção da saúde e da vida.

De maneira globalizada, a informação percorre as redes sociais a cada clique, inundando a todos com uma avalanche de caracteres em conexão formando a matrix na qual estamos inseridos. Dessa forma torna-se necessário pensar de que maneira, ao longo da vida, buscamos, processamos e utilizamos a informação. Para isso, vale recorrer ao professor de filosofia da educação Jorge Larrossa em seu texto disponível na *Revista Brasileira de Educação*:

Artigo 6

A Experiência do Ócio na Velhice: Contribuições Teóricas para Reflexões Sobre Sua Função Social

A informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. (LARROSSA, 2002, p. 21)

Assim, criamos possibilidades de pensar de forma contextualizada o idoso na contemporaneidade em meio às diferentes influências que sofre ao longo da história.

A população idosa assim como todos aqueles que fazem parte da sociedade se vê pressionada pelo sistema político e econômico que a segregá, exclui, opõe e discrimina. Como pensar, nos tempos atuais, de que maneira essa população vive experiências que possibilitem sua autonomia, independência e bem-estar físico e social? Como no processo do envelhecimento essa população pode ter em seu plano de vida um espaço para o desfrute de uma vida satisfatória?

A maioria decide e escolhe deixar para a velhice o momento de desfrute da vida, etapa em que imagina que estará livre de obrigações relacionadas ao trabalho e à família. Uma etapa da vida em que suas experiências seriam vividas de maneira plena e satisfatória. No entanto, pensando no cenário nacional, com a desigualdade econômica que produz cada vez mais marcadores sociais das diferenças torna-se inviável, para não afirmar impossível, o desfrute de experiências prazerosas. A população idosa ora é pressionada pela necessidade da continuidade do trabalho, ora é estigmatizada pela caracterização da velhice como doença, ora é marcada pela idade que equivocadamente passa a definir suas práticas sociais e culturais.

Assim entramos aqui com um pensamento baseado na reflexão de Larrosa referente à experiência:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (LARROSSA, 2002, p. 21)

De que maneira pessoas idosas poderão viver experiências se possuem em seu dia a dia preocupações com a saúde, com a vulnerabilidade social, com a produtividade no trabalho ou com o consumo desenfreado, estimulado pelo sistema capitalista?

(...) a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo se passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. (LARROSSA, 2002, p. 23)

Naturalmente somos levados a pensar sobre esse tempo de experimentar, tempo de afetar e ser afetado, tempo de ser e estar consigo, com o outro e com o mundo que nos cerca. Refletir de que forma o velho percebe e apreende o tempo de maneira satisfatória sabendo que outra questão se torna tão importante quanto as demais: a finitude desse tempo de viver. “Cronos é o tempo das batidas do relógio, a marca implacável da finitude e temporalidade humana no processo de envelhecimento de nosso corpo” (PESSINI, apud Sesc SP, 2006, p. 66).

Para entender melhor o que seria um envelhecimento satisfatório podemos criar uma possibilidade de reflexão com o pensamento de Manuel Cuenca (2018):

O envelhecimento satisfatório enfatiza o significado das atividades que realizamos, que deverão estar em sintonia como nossas necessidades, nossos desejos e nossas capacidades. O termo satisfatório refere-se ao bem-estar que experimentamos quando fazemos algo com sentido e significado. Algo que depende de nós, ainda que logicamente, seja bastante determinado pelo ambiente e pelas circunstâncias em que vivemos. (CUENCA, 2018, p. 33)

Artigo 6**A Experiência do Ócio na Velhice: Contribuições Teóricas para Reflexões Sobre Sua Função Social**

Viver bem, buscar o bem-estar físico, psicológico e social mesmo diante dos fantasmas trazidos pela finitude reconhece-se como uma importante decisão no campo das escolhas de cada sujeito na velhice. Cuenca (2018) ainda afirma:

O envelhecimento satisfatório, como acontece com a experiência do ócio, concentra-se na pessoa que envelhece, em seus gostos, desejos e interesses, priorizando-a em relação a outros projetos mais racionais ou utilitaristas, que nem por isso devem ser desmerecidos. (CUENCA, 2018, p. 33)

Como encontrar na velhice, em meio à agenda e às ocupações diárias, o tempo de ócio? Como apreender o tempo com possibilidades de fruição, de habitar a si mesmo e transformar-se de maneira significativa e satisfatória?

Relacionado também ao tempo livre das obrigações, o ócio pode ainda ser caracterizado como algo negativo na sociedade em que vivemos. Assim, podemos entender que uma das possibilidades de percepção de si e do mundo, de encontro com a natureza humana, de construção da própria identidade enquanto sujeito social pode estar na capacidade de inserção do ócio no modo de vida. No entanto isso não quer dizer que seja algo fácil de se conseguir, como afirma Cuenca (2018):

Da mesma maneira que o tempo livre não assegura a vivência do ócio porque estamos diante de algo que não depende de nós, e a transição de um estilo de vida centrado no trabalho para outro, centrado no que é satisfatório, também não é tarefa simples. (CUENCA, 2018, p. 33)

Há imaginários construídos em torno da velhice quanto a um tempo de não fazer nada, em que velhos são desocupados, porém em contraposição à realidade de que muitos velhos continuam trabalhando, cuidando da família e exercendo voluntariado em muitas situações. Assim, de uma forma ou de outra, somos levados a criar conexões entre o que entendemos por tempo livre, ócio e lazer. Pode-se afirmar que a maioria das concepções teóricas traz a relação entre tempo livre e trabalho, assim como uma função utilitarista, funcionalista desse tempo.



Como pensar em uma sociedade que envelhece sem preservar sua subjetividade, sua essência e natureza humana, oferecendo o mínimo para que se possa contribuir com significado às gerações que estão por vir?

Tempo livre, por sua vez, remete ao mundo burguês, mais propriamente, às formas de vida típicas da sociedade capitalista. O termo por si só já remete àquela parcela de tempo que é preenchida pelo trabalho. Nas palavras de Adorno (1995b:70), pela via da “diferença específica que o distingue do tempo não livre, o tempo livre é acorrentado ao seu oposto”. (MUSE, apud BRUHNS, 2002, p. 178)

É importante ressaltar que este artigo não tem como preocupação central tratar da discussão conceitual acerca do ócio, tempo livre e lazer. Não há interesse em um debate que aprofunde discussões sobre as reflexões, contradições, similaridades, tensões e a transversalidade ao longo da história, mas cabe sempre convocar alguns fundamentos teóricos para que possamos entender a relevância e a grande importância do tempo de fruição na velhice. Tempo esse que está centrado nos sujeitos sociais, sujeitos da experiência, atores principais nesta trama instigante que é a vida na contemporaneidade.

Para isso somos novamente conduzidos a refletir junto ao pensamento de Larrossa (2002) quando se refere ao sujeito da experiência:

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura. (LARROSSA, 2002, p.24)

Artigo 6

A Experiência do Ócio na Velhice: Contribuições Teóricas para Reflexões Sobre Sua Função Social

E acrescenta:

O sujeito da experiência é um sujeito “ex-pos-to”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (LARROSSA, 2002, p. 24)

Pensar sobre a maneira como se está disposto à exposição de experiências na velhice é importante para que possamos entender o mundo social dessa população específica. De que maneira se criam vínculos afetivos, como se estabelecem as redes nas quais estão inseridos, como são lidos seus corpos, como são entendidos seus desejos e a sua função na estrutura social? Longe de serem apenas mais uma força de trabalho ou um peso na economia do país.

Pessini (2006) nos traz uma reflexão quanto aos tempos da vida, assinalando as preferências nas escolhas voltadas para o tempo da juventude em detrimento da velhice, a última etapa da vida.

Precisamos questionar a ideologia dos que elegem somente uma parte de suas vidas como significativa. Por exemplo, hoje se afirma que todo o sentido da vida se encontra na busca da eterna juventude. Nesta perspectiva passamos a gostar somente do tempo da juventude, a desconfiar do tempo de adultos e simplesmente detestar e rejeitar o tempo que marca o outono de nossa vida, ou seja, a velhice. (PESSINI, apud Sesc SP, 2006)

Voltamos ao tempo como fator importante na constituição do papel social do idoso na sociedade. O tempo de vida, o tempo de obrigações, o tempo livre, o tempo ocioso ou o tempo no lazer.

Qual o significado do tempo na velhice?

Pode-se pensar que o velho não tem tempo, pois está para morrer, ou mesmo que o velho não deveria se preocupar com o tempo, pois isso

não lhe deve afligir mais, isso é coisa para os novos. Entre estereótipos e estígmas o velho segue em busca da sua autenticidade e originalidade como protagonista da própria vida.

As narrativas construídas e sedimentadas encerram possibilidades, colocando contra a parede do tempo parcela da população que entre muitos marcadores sociais das diferenças traz a idade como oponente importante. O que se dá logicamente a partir de construções sociais e culturais equivocadas, reforçadas pelo sistema hegemônico de poder que privilegia muitos enquanto outros tantos vivem sem a possibilidade de acesso a oportunidades de uma vida social e participativa com qualidade.

Em contraponto ao tempo cronológico que marca sujeitos, trazemos à reflexão a contribuição de J. Clerton Martins (2013) quando menciona a identificação e a sistematização do tempo social em quatro tipologias descritas por Munné (1980): tempo psicobiológico, tempo socioeconômico, tempo sociocultural e tempo livre.

Como é de interesse deste artigo investigar a função social do ócio na velhice podemos utilizar para reflexão o seguinte trecho:

O terceiro tipo de tempo é o tempo sociocultural, dedicado às ações de demandas diferentes de sociabilidade dos indivíduos, referindo-se aos compromissos resultantes dos sistemas de valores e pautas estabelecidos pela sociedade e objeto maior de sanção social. Esta categoria de tempo pode encontrar-se tanto a nível heterocondicionado como autocondicionado (mais autonomia percebida), havendo a possibilidade de existir um equilíbrio entre os dois polos, não obstante intimamente vinculados. (MARTINS, 2013, p.14)

Surgem questionamentos importantes quanto à apreensão do tempo por adultos idosos em referência às práticas culturais por eles experimentadas. Na velhice somos e seremos sujeitos da experiência autocondicionados ou heterocondicionados? A intensa sobreposição de tarefas e imposição de valores atribuídos à produção e ao consumo serão os condicionadores de nossas escolhas e não afetamentos? Ou seremos afetados por escolhas pessoais a partir da nossa ação como sujeitos das experiências e protagonistas de nossas próprias histórias?

Podemos entender que o ócio traz possibilidades de transformações sociais quando livre do preconceito relacionado ao não fazer

Artigo 6

A Experiência do Ócio na Velhice: Contribuições Teóricas para Reflexões Sobre Sua Função Social

algo ou fazer algo com significado em si mesmo. Fazer o que importa, para quem se importa, da maneira que se importa, quando se importa. Aproveitar a velhice como tempo de viver a própria vida de maneira satisfatória, dentro dos interesses e desejos peculiares a cada história e com a singularidade presente nos sujeitos da experiência.

Ao citar Cuenca, Martins (2013) nos traz uma oportunidade de reflexão quanto às possibilidades trazidas pelo ócio:

Este autor concebe o ócio como experiência humana percebida pelo sujeito como satisfatória, prazerosa, desobrigada e sem necessidade de atender demandas exteriores. Dessa maneira trata-se de uma experiência de percepção livre, gratuita e autotélica (com um fim em si mesma), não sendo, então, guiada por metas ou finalidades úteis. Trata-se de uma experiência subjetiva repleta de sentido, constituindo uma vivência integral, relacionada com o sentido da vida e com os valores de cada pessoa, relacionando-se sobremaneira com o significado atribuído a quem vive. (MARTINS, 2013, apud CUENCA, 2003, p. 13)

Cabe aqui lembrar que a população idosa traz consigo direitos garantidos pela legislação, mas que não efetivam de forma alguma a sua participação social plena. A fruição do tempo, a percepção de si no ócio, longe de atender somente às condições físicas e psicológicas da população idosa, prevê sua participação social, comunitária e cultural. Exerce uma função social importante, trazendo à reflexão o próprio idoso como sujeito da experiência, e a experiência como fim em si mesma. Cria possibilidades de construções individuais e coletivas a partir da subjetividade na ação de cessar o fazer e iniciar o não fazer ou o fazer com significado.

Nesse ponto é interessante convocar o pensamento de Larrossa (2002) quanto ao saber da experiência:

Por isso o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. (LARROSSA, 2002, p. 27)

Ficam ainda muitos questionamentos acerca da participação social do idoso, das necessidades de cada sujeito, das escolhas e das decisões tomadas para um envelhecimento satisfatório (CUENCA, 2018). Porém, também ficam inquietações e provocações a todos que de alguma forma discutem, dialogam e pesquisam acerca da participação social do idoso.

Penso aqui, neste espaço, na importância de terminar com uma pergunta para a continuidade desse processo reflexivo sobre a participação efetiva, satisfatória e ética do idoso como sujeito social: como poderíamos pensar na apropriação da cidade e dos diferentes territórios como lugares possíveis para o ócio na velhice?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA, M. M.; MARTINS, J. C. *O ócio nas culturas contemporâneas: teorias e novas perspectivas em investigação*. Coimbra: Gracio, 2013.
- BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, Anped, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.
- BRUHNS, H. T. (org.). *Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes*. São Paulo: Chronus, 2002.
- CUENCA, M. C. *Ócio valioso para envelhecer bem*. São Paulo: Edições Sesc, 2018.
- DINES, Y. S. *Cidadelas da cultura no lazer: uma reflexão em antropologia da imagem* sobre o Sesc São Paulo. São Paulo: Edições Sesc SP, 2012.
- GOMES, C. L.; ISAYAMA, H. F (org.). *O direito social ao lazer no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2015 (Coleção educação física e esportes).
- LOPES, M. R. R.; MARTINS, J. C. O. (org.) *Envelhecer: tempo de (re)criar a vida*. Curitiba: CRV, 2017.
- MAGNANI, J. G. C. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.
- MAGNANI, J. G. C.; SPAGGIARI, E. (org.) *Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica*. São Paulo: Edições Sesc SP, 2018.
- PADILHA, V. (org.). *Dialética do lazer*. São Paulo: Cortez, 2006.
- SESC SP. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, n. 2, São Paulo, Sesc, 2018.
- SESC SP. *Revista Mais 60: Estudos sobre envelhecimento*. São Paulo, Sesc SP, v. 28, n. 70, abr. 2018.
- SESC SP. *Revista Mais 60: Estudos sobre envelhecimento*. São Paulo, Sesc SP, v. 25, n. 60, jul. 2014.
- SESC SP. *Revista Mais 60: Estudos sobre envelhecimento*. São Paulo, Sesc SP, v. 32, n. 80, ago. 2021.
- SESC SP. *Velhices: reflexões contemporâneas*. São Paulo: Sesc; PUC, 2006.

**ENTREVISTA****PADRE JULIO LANCELLOTTI**

"Eu aprendi uma senha para conviver com os irmãos de rua: o olhar. Você tem que conseguir captar o olhar... ler com os olhos deles o que eles estão dizendo."



Conhecido por ser um religioso que convive com as pessoas em situação de rua, padre Julio diz que na pandemia essa população aumentou, e cerca de 35 mil pessoas estão neste contexto em São Paulo. Segundo dos três filhos de um casal de descendentes de imigrantes italianos, o padre também concluiu um curso de auxiliar de enfermagem e pedagogia.



RAIO-X**Julio Renato
Lancellotti**

72 anos. Presbítero da Igreja Católica, pároco e pedagogo.





"O envelhecimento na rua é precoce, porque muitas pessoas que chegam na rua na velhice foram perdendo tudo, inclusive a proteção familiar. Há um processo demencial dos idosos na rua mais acelerado, porque é uma negação muito grande e quem chega já idoso tem muita dificuldade de se adaptar."

Padre Julio falou para os leitores da *Mais 60* sobre suas origens, família, a importância da convivência com as pessoas em situação de rua, envelhecer na rua, o prêmio Zilda Arns de Direitos Humanos e a ligação do papa Francisco.

MAIS 60 Padre, por favor, vamos começar com o senhor falando sobre suas origens, sua família...

PE. JULIO Então, os meus bisavós são italianos. Já os meus avós são brasileiros. O paterno, eu não conheci, mas o meu bisavô materno tinha Ferrari no sobrenome e ele veio de Milão e mexia com metais, era galvanoplasta. Então, ele veio com passagem comprada e o governo brasileiro indicou para ele ir para Juiz de Fora.

Em Juiz de Fora ele foi para trabalhar e o meu avô, chamado Julio – por isso que eu tenho esse nome Julio, Julio Ferrari, era da família Ferrari – recebia as máquinas da Ferrari para correr aqui em São Paulo, não tinha autódromo, era o chapadão de Campinas em que ele corria. Ele morreu cedo, com 42 anos, mas era um grande mecânico, piloto, e a minha bisavó se chama Lúisa Pirelli. Então era Pirelli casada com Ferrari!!! Foi uma mistura interessante.

Os meus avós paternos, eu acredito que são da parte Sul da Itália, assim como a bisavó materna também é do Sul da Itália, que é Campobasso. A turma do Norte da Itália é do meu avô materno. E a parte da Itália de baixo é de minha avó materna e, possivelmente, do meu avô paterno. Então, é toda uma turma que veio na onda migratória da Itália, em 1889.

MAIS 60 E o senhor sempre morou em São Paulo?

PE. JULIO Eu morei sempre aqui em São Paulo, eu nasci no bairro de Belém, a minha primeira escola foi aqui no Belém, daí, quando eu terminei o quarto ano fundamental, naquele tempo a gente fazia admissão no ginásio, fui para o seminário, que era em Araraquara.

Lá era muito rígido, eu apanhei de vara de bambu, fiquei de joelho no milho, aí saí, não aguentei. Também eu tinha pouca idade, doze anos. Fiquei com muita saudade do meu pai, da minha mãe, do meu irmão, daí eu voltei. Terminei o ginásio. Quando terminei o ginásio, voltei para outro seminário. O primeiro era em Araraquara, dos verbitas¹, o segundo era em Bragança Paulista, dos agostinianos². Aí, nos agostinianos, eu fiquei uns cinco anos e cheguei a ser noviço.

MAIS 60 Como foi a sua passagem no último seminário?

PE. JULIO Eu já era frade, mas depois de seis meses de noviciado eles me mandaram embora porque disseram que eu era muito questionador, que eu perguntava muito, que eu não seguia todas as regras, que não podia falar com

1 Missionários do Verbo Divino (*Societas Verbi Divini, SVD*), Verbitas ou Congregação do Verbo Divino – uma congregação religiosa católica.

2 Relativo a Santo Agostinho ou Agostinho de Hipona (354-430), filósofo e teólogo cristão, ou à sua obra. Religioso da Ordem de Santo Agostinho.



esse, não podia falar com aquele, porque a gente tinha convivido três, quatro anos com os outros seminaristas, mas a gente não podia conversar com mais ninguém. E o nosso mestre veio da Espanha, do Escorial, ele era de uma mentalidade muito fechada, e nós tínhamos tido [aulas], os três, quatro primeiros anos com padres mais jovens, de mentalidade muito aberta.

De repente, chegou um que desfez tudo que estava na nossa cabeça. E quis impor um modelo... Para você ter uma ideia, um dia ele me chamou e falou assim: "Você anda de um modo muito altivo, você tem que andar de um jeito mais humilde". Falei, "tá bom". Daí um tempo ele me chamou e falou: "Agora você está andando de um jeito muito humilhado". Daí, eu falei: "Então, o senhor podia me fazer um favor? O senhor anda um pouquinho aqui para eu ver como é que o senhor quer que eu ande?" ((risos)). Acho que foi a gota d'água... Aí ele falou, então vai embora daqui...

No fundo é assim, alguma coisa não batia entre nós, então ele ficava pegando detalhes, coisas que não tinham importância e que eu questionava. Por que nós tomávamos meia caneca de café preto frio com pão amanhecido e eles comiam um lanche todo cheio das histórias? Mas por que isso? Se nós temos que aprender a viver o sacrifício, vocês também.

MAIS 60 Padre, e como o senhor começou a trabalhar com pessoas em situação de rua?

PE. JULIO Eu não chamo de um trabalho, eu chamo de um convívio com as pessoas em situação de rua. Como eu estava explicando, conviver é difícil. Conviver no trabalho, conviver no grupo familiar, conviver numa comunidade, conviver num condomínio..., até costumo dizer para eles agora: "Quando dizem para mim que o povo da rua é muito agitado, vai em uma reunião de condomínio em um sorteio de vaga de gara-



"Eu não chamo de um trabalho, eu chamo de um convívio com as pessoas em situação de rua... conviver é difícil. Conviver no trabalho, conviver no grupo familiar, conviver numa comunidade, conviver num condomínio."

gem. Vai em uma reunião de escola particular discutir uniforme ou discutir se os adolescentes vão ter educação sexual. Aí, o povo se mata, e é tudo gente... Ou vai no sindicato discutir piso salarial".

MAIS 60 Por que é difícil conviver?

PE. JULIO A população em situação de rua é uma população muito heterogênea. Então, na rua, tem tudo que tem na sociedade. Na rua tem terraplanista, machista, racista, tem de tudo. Hoje, por exemplo, tínhamos uma quantidade de xampus, e nós pusemos para as mulheres prioritariamente. O xampu, o absorvente e o papel higiênico. Todos podiam pegar a escova de dentes, a pasta de dentes e o pão. Aí os homens diziam: "Mas por quê? Só as mulheres têm cabelo?". Então, a população de rua reproduz a sociedade, também é machista, vê a mulher como objeto, isso tudo se repete, por quê? A população de rua está submetida à ideologia dominante... agora, eles também são solidários em tudo. Outra coisa que eu digo é que na convivência as dimensões da misericórdia, da compaixão, da empatia, da solidariedade, elas

não são religiosas, elas são humanas, porque os ateus também são solidários, compassivos, misericordiosos, senão a gente fica achando que só os religiosos são. E hoje, no Brasil, a gente vê que os religiosos são os menos solidários, misericordiosos e compassivos.

MAIS 60 Padre, nesta revista a gente fala muito sobre envelhecimento, velhice, longevidade... Como o senhor vê as pessoas que envelhecem na rua?

PE. JULIO Então, o envelhecimento na rua é precoce, porque muitas pessoas que chegam na rua na velhice foram perdendo tudo, inclusive a proteção familiar. Há um processo demencial dos idosos na rua mais acelerado, porque é uma negação muito grande e quem chega já idoso tem muita dificuldade de se adaptar. E quem envelhece na rua não é alguém que fica muito tempo, porque a vida na rua acaba sendo abreviada por comorbidade, por inadequação... por exemplo, quem é que cuida de cortar as unhas dos pés dessas pessoas? De ver se precisa de um tratamento dermatológico? Porque a população de rua tem muito problema dermatológico.

MAIS 60 E na pandemia, o senhor acha que essa situação aumentou?

PE. JULIO Na pandemia nós fizemos uma luta muito grande para que os idosos fossem para a rede hoteleira. Hoje, a prefeitura consegue mil leitos na rede hoteleira, já agora abrindo para mulheres, crianças e casais. A gente não pode pensar o envelhecimento como um fato estanque. Ele vai sendo construído na vida.

MAIS 60 É um processo...

PE. JULIO É um processo, quer dizer, eu não fico velho de repente. Eu vou envelhecendo e vou apresentando necessidades de cuidado, de alimentação... Se uma pessoa que está na rua tiver um problema de dieta, de alimentação, não tem o que comer... Ou se o idoso tem um problema, ele simplesmente vai dizer: "Isso aqui eu não como", mas não tem outra coisa... Depois, tem outras pessoas que têm mais idade e que estão na rua, elas estão muito cristalizadas em uma maneira de ser. É como uma pessoa idosa que está sozinha, mas mora em um quartinho, em uma casinha, ela não quer sair dali, porque ela conhece aquele espaço, então, o que não se leva para a rua para o idoso, para ninguém, é um mundo de significados, de sentidos, de pertença, eles não pertencem a nada, a ninguém, a coisa nenhuma.

MAIS 60 E como é o seu envelhecimento, padre? O que o senhor acha da velhice?

PE. JULIO Olha, a gente vai envelhecendo e... Eu gostei muito uma vez que um bispo, dom Celso Queirós, falou que a gente na vida vai perdendo a acuidade auditiva, vai perdendo acuidade visual, você vai perdendo velocidade, você vai perdendo uma série de coisas. Agora, eu gostei muito, até eu tinha até pegado aqui para te mostrar... gostei demais deste vídeo, que eu até publiquei, dessa senhora³...

A Tarde Chegou

*Leda Fuertes de Casanova
(versão livre editada)*

*Terceira idade!
Que frase maravilhosa! [...]
Velho é o mar e é gigantesco.
Velho é o sol e nos aquece.
Velha é a lua e nos ilumina.
Velha é a terra e nos dá vida.
Velho é o amor e isso nos encoraja [...]
Somos seres cheios de conhecimento.
Graduados na escola.
Da vida e do tempo.
Que nos deu pós-graduação.
Subimos na árvore da vida.
Cortamos o melhor de seus frutos.
Esses frutos são nossos filhos.
Que cuidamos com paciência.
Essa paciência é revertida para
nós com amor.
Eles eram crianças, eles são homens,
eles serão velhos.
A manhã virá e a tarde chegará.
E eles também darão conselhos [...]
Jovem: se em sua caminhada
você encontrar:
Seres com um andar vagaroso.
De olhares serenos e afetuosos [...]
Não os ignore, ajude-os [...]
Dê-lhes sua mão amiga.
Seu carinho.
Leve em consideração que um dia.
A tarde também chegará para você.*

³ A senhora a que o padre se refere é Maria Cristina Camilo - locutora da Rádio Dominicana - que declama no vídeo o poema "A Tarde Chegou", escrito por Leda Fuertes de Casanova.

MAIS 60 Padre, como foi para o senhor receber a ligação do papa Francisco?

PE. JULIO O telefonema do papa me surpreendeu, porque eu tinha escrito algumas cartas para ele, mandado fotografias, mas a gente sabe que isso para nas assessorias. Ele tem assessores por línguas, porque chega carta em inglês, em alemão, em francês, em japonês, em chinês, então, ele não lê todas as línguas, passam pelas assessorias linguísticas. Ele me mandou o solidéu⁴ dele. E da última vez, eu escrevi uma carta muito pessoal para ele e uma pessoa levou em mãos e almoçou com ele.

Eu estava em casa, o celular tocou, só que apareceu assim: sem ID, sem identificação do chamador. Quando eu recebo ligação assim, eu sei que é de jornalista que está ligando, porque aí é telefone corporativo e aparece sem ID. Aí, chamou: "Alô, é padre Julio?". Eu não sabia quem era, respondi que sim. "Você parla italiano ou habla castelhano?" Eu falei: "Le due". Daí, ele continuou falando em italiano. "Sou o papa Francesco." Na hora falei: "Santita!". Eu levei um susto, né? Até me levantei, e ele disse: "Recebi sua carta, sei das dificuldades pelas quais você passa, sei que é difícil..." e ele me perguntou uma coisa que só um jesuíta pergunta: "Como é o teu dia?". Daí, expliquei para ele como era o meu dia e ele falou: "Conviva com os pobres como Jesus e não desanime".

"A população em situação de rua é uma população muito heterogênea. Então, na rua, tem tudo que tem na sociedade. Na rua tem terraplanista, machista, racista, tem de tudo."

⁴ Pequeno barrete usado por alguns eclesiásticos católicos para cobrir o alto da cabeça.

MAIS 60 E como foi ganhar o prêmio Zilda Arns de Direitos Humanos? O senhor foi premiado por seu trabalho aos que nada ou pouco têm, em especial por sua atuação na Pastoral do Povo da Rua, que diariamente acolhe e alimenta milhares nas ruas de São Paulo.

PE. JULIO Receber o prêmio Zilda Arns foi muita alegria, porque eu convivi com a dra. Zilda Arns⁵. Eu a conhecia e quando ela veio implantar a Pastoral da Criança em São Paulo eu estava na catedral e dom Paulo Evaristo Arns, o irmão dela, cardeal, e o dom Luciano, que era da Pastoral do Menor, me chamaram: "Julio venha cá, leva a dra. Zilda para conhecer as favelas". E eu fui. participei de muitos treinamentos com ela, até aqui na comunidade me perguntam: "Como você sabe tanto sobre aleitamento materno?". Eu aprendi com a dra. Zilda, de tanto ouvir a dra. Zilda. Ela era médica, muito comunicativa, ela se divertia, a gente ia para cada lugar, cada situação, e ela falava: "Leite de peito! Tem que mamar leite de peito" ((risos)).

Com a dra. Zilda foi muito bom conviver, preparar todas aquelas pessoas para a Pastoral da Criança, implantar toda a metodologia, e a Pastoral da Criança aqui nessa paróquia é muito forte. Conviver com ela foi muito bom. Ela era muito interessante.

E quando ela morreu, eu que celebrei a primeira missa por ela na Catedral da Sé. Era janeiro, não tinha bispo nenhum em São Paulo, estavam

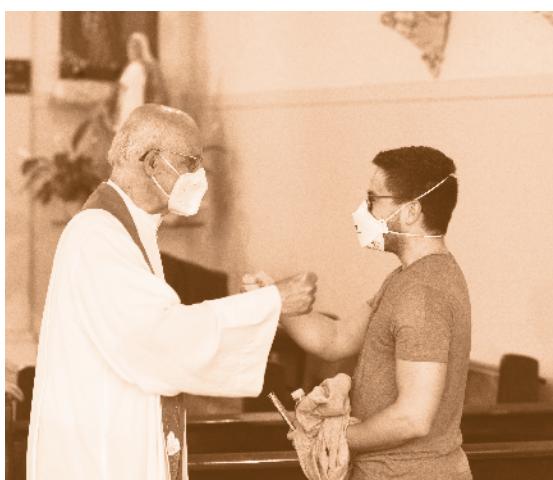
⁵ Irmã de Dom Paulo Evaristo Arns, foi também fundadora e coordenadora internacional da Pastoral da Criança e da Pastoral da Pessoa Idosa, organismos de ação social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Zilda Arns encontrava-se em Porto Príncipe, em missão humanitária, para introduzir a Pastoral da Criança no país. No dia 12 de janeiro de 2010, o país foi atingido por um violento terremoto. A dra. Zilda foi uma das vítimas da catástrofe.

todos em férias, aí eu liguei para arquidiocese e disse: "Nós não vamos fazer uma celebração grande pela dra. Zilda?". Aí disseram para mim: "Os bispos não estão, faça você!". Aí eu falei, "tá bom". Daí eu fui, cheguei na catedral, foi a imprensa inteira, porque ia ter uma missa para a dra. Zilda. Tinha acabado de morrer. Foi uma comoção no Brasil. A família, os próximos dela tinham ido para o Haiti, e eu que celebrei lá na catedral a primeira missa de intenção da dra. Zilda.

MAIS 60 Padre, muito obrigada. Semana que vem voltaremos para acompanhar a missa e a entrega de alimentos para as pessoas do entorno da paróquia.

PE. JULIO Serão bem-vindos!

"'Sou o papa Francesco.' Na hora falei: *Santità!*. Eu levei um susto, né? Até me levantei, e ele disse: 'Recebi sua carta, sei das dificuldades pelas quais você passa, sei que é difícil...' e ele me perguntou uma coisa que só um jesuíta pergunta: 'Como é o teu dia?'. Daí, expliquei para ele como era o meu dia e ele falou: 'Conviva com os pobres como Jesus e não desanime'."



**QUADRINHOS**

Um olhar sobre as pessoas idosas em situação de rua

/por Marília Marz

RAIO-X**Marília Marz**

Ilustradora e quadrinista.

Seu e-mail é: marzmarilia@gmail.com

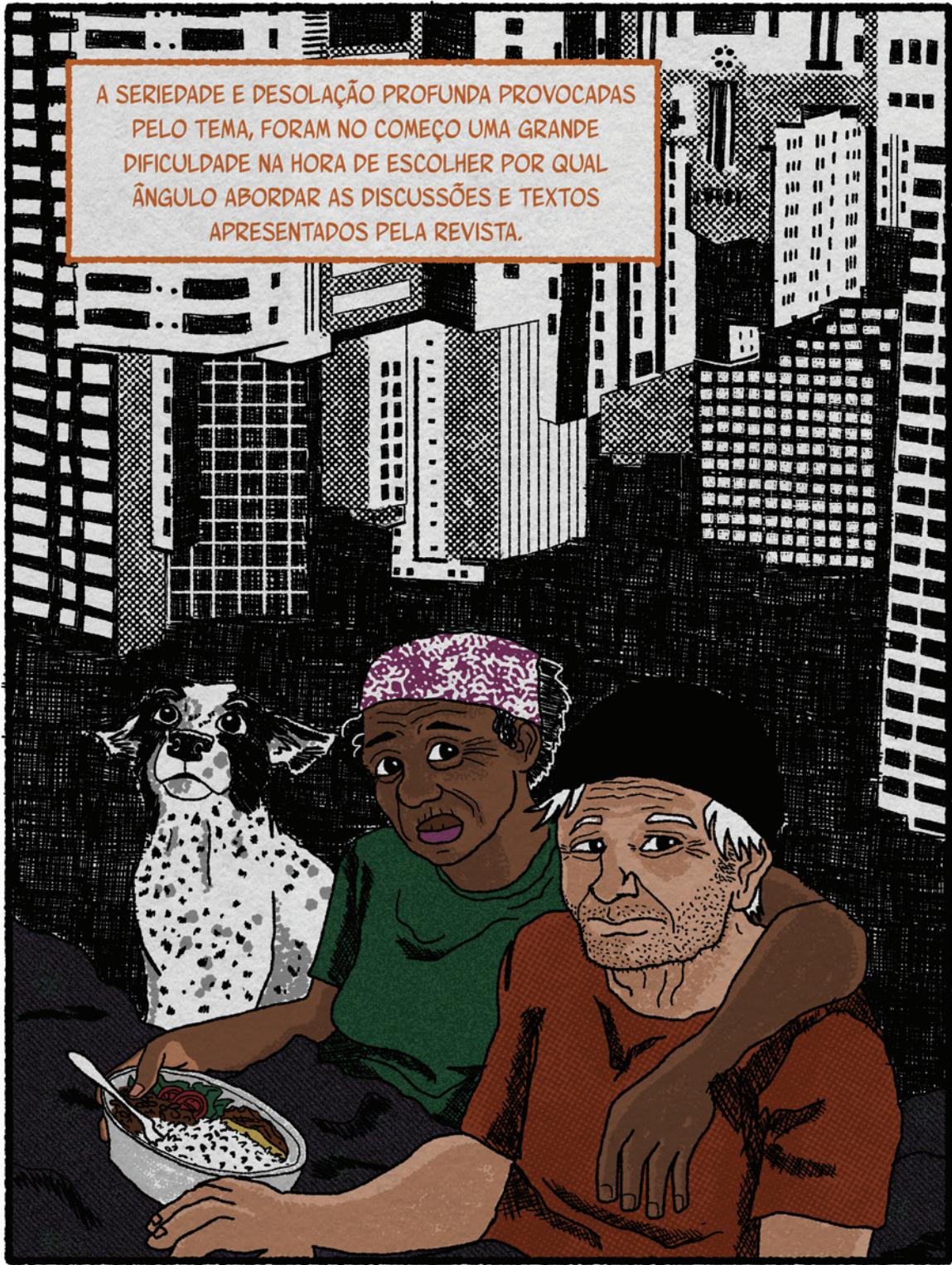


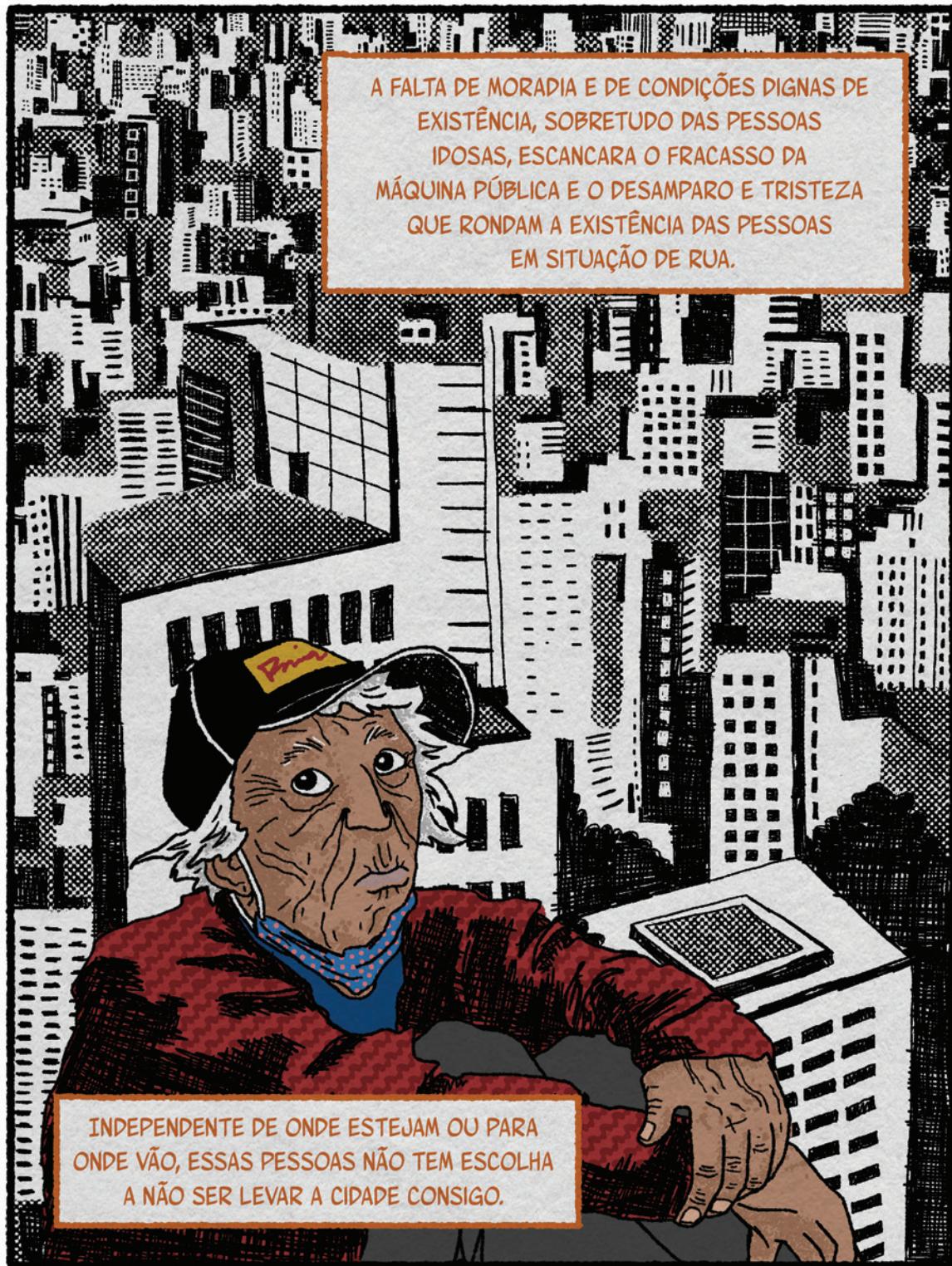


ESPERO, ATRAVÉS DE MINHAS ILUSTRAÇÕES,
CONTRIBUIR COM O PROCESSO URGENTE DE
REFLEXÃO ACERCA DO TEMA DESTA PUBLICAÇÃO.

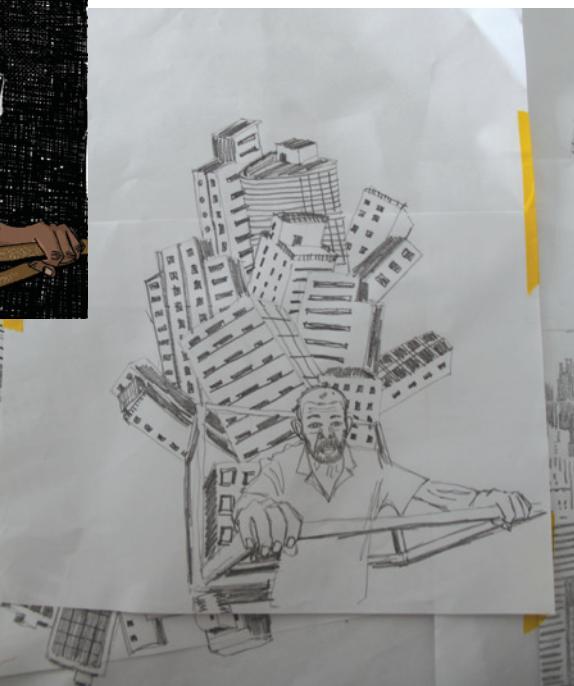


A SERIEDADE E DESOLAÇÃO PROFUNDA PROVOCADAS
PELO TEMA, FORAM NO COMEÇO UMA GRANDE
DIFICULDADE NA HORA DE ESCOLHER POR QUAL
ÂNGULO ABORDAR AS DISCUSSÕES E TEXTOS
APRESENTADOS PELA REVISTA.













PAINEL DE EXPERIÊNCIAS

RAIO-X

Fernanda Silvestre

Pedagoga, letróloga, mestre em linguística pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), pós-graduada em gestão cultural pelo Senac e animadora cultural no Sesc Rio Preto.

fernanda.silvestre@sescsp.org.br

Clube de Leitura do Trabalho Social com Idosos (TSI): Um Convite à Leitura!



Um público comprometido com a leitura é crítico, rebelde, inquieto, pouco manipulável e não crê em lemas que alguns fazem passar por ideias.

Mario Vargas Llosa

Segundo os dados da última pesquisa Retratos da Leitura no Brasil¹, o país perdeu mais de 4,6 milhões de leitores de 2015 a 2019. A porcentagem atual representa 52% da população brasileira e não parece um mal número, mas, se avançarmos na análise do que a pesquisa retrata, descobriremos que a média de livros lidos integralmente é de 2,5 e, para muitos, a Bíblia é a única fonte de leitura.

Há diversas razões pelas quais as pessoas não leem: preço dos livros, falta de acesso e, claro, o desinteresse e a falta de hábito. O hábito de leitura é construído, normalmente na infância, pela introdução de histórias contadas pelos responsáveis e professores, contudo, nem todos passaram por lares em que tiveram esse estímulo. E os motivos para isso acontecer são diversos. Assim, surge uma preocupação latente quanto à carência do exercício de leitura e suas consequências para a sociedade:

¹ Tem como objetivo promover pesquisas e ações de fomento à leitura. Realiza-se periodicamente a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, maior e mais completo estudo sobre o comportamento do leitor brasileiro. Seu principal objetivo é avaliar impactos e orientar ações e políticas públicas em relação ao livro e à leitura, visando melhorar os indicadores de leitura e o acesso ao livro. Em 2019, o Instituto Pró-Livro (IPL), um dos responsáveis pela pesquisa, lançou Retratos da Leitura – Bibliotecas Escolares para identificar o impacto das bibliotecas na aprendizagem dos alunos.

Pessoas que não são leitoras têm a vida restrita à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato com ideias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido, conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles abrir a cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade. (GROSSI, 2008, p. 3)

Quando se fala em hábito de leitura dos idosos, a taxa é menor. E faz-se necessário destacar a baixa ou a falta de escolarização desta faixa etária. Um estudo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) revela que 18,6% dos idosos no Brasil são analfabetos e, dentre os alfabetizados, temos uma média de 3,4 anos de estudo. A Pesquisa Idosos no Brasil II (2020), realizada em uma parceria do Sesc e da Fundação Perseu Abramo, aponta que 37% dos entrevistados têm algum estudo no ensino fundamental, mas destes apenas 9% completaram os estudos até o 8º ano.

Outro fator importante a ser levado em conta quando tratamos acerca da leitura pelos idosos é o próprio livro, que em meio físico costuma ter fontes pequenas, o que dificulta ou torna impossível a leitura, porque não são raros os problemas oftalmológicos na população acima dos 60 anos, e o e-book, que pode ser customizado com fonte aumentada, porém ainda não é uma tecnologia amplamente utilizada pelos idosos.

Como estimular a leitura diante deste cenário? A resposta encontrada foi a criação de um clube de leitura em que os idosos pudessem com-

partilhar suas opiniões sobre as obras e tivessem no grupo e entre pares o incentivo para ler.

CLUBE DE LEITURA PRESENCIAL

O convite à leitura foi feito, cerca de 15 inscrições realizadas e formou-se o grupo. Não foi surpresa termos apenas mulheres interessadas, pois existe um imaginário de que leitura é algo feminino, mas esperávamos que, com o passar do tempo, homens desejassem participar ao ouvir os relatos das participantes.

No início de 2020 começaram os primeiros encontros presenciais. A proposta inicial, dado o público inscrito, era a leitura de histórias de mulheres fortes, a fim de que as idosas pudessem se conectar com as narrativas seja pelas semelhanças ou diferenças entre suas vidas. A primeira obra a ser lida: *Senhora*, romance urbano de José de Alencar.

O Clube da Leitura passou a acontecer mensalmente, na sala de uso múltiplo da unidade, que era preparada carinhosamente para receber o grupo de forma confortável, com puffes, almofadas, luz mais baixa, telão e até uma mesa de café. Em formato de roda sentavam-se, não sem antes pegarem uma xícara de café e bolachinhas. A mediadora contratada iniciava a atividade com um *warm-up* antes de iniciar a conversa sobre a obra. O ambiente intimista ajudava na prosa e as participantes sentiam-se bastante à vontade para partilhar suas impressões, favoráveis ou não, das protagonistas

MUDANÇAS PELA PANDEMIA

Ocorreram três encontros presenciais, mas o fechamento da unidade, por conta da covid-19, impossibilitou outros. Houve a tentativa de fazer o quarto encontro on-line, uma vez que as

participantes haviam realizado a leitura, mas a dificuldade de acesso às plataformas virtuais tornou impraticável a continuidade do clube naquele momento.

As medidas de isolamento impediram o empréstimo de livros e, como a leitura em meio digital ainda se configurava um obstáculo, houve um hiato na ação.

LITERATURA LIVRE

Meses após a pausa, surgiu uma alternativa: o site Literatura Livre (<https://literaturalivre.sescsp.org.br/>), que tornou acessíveis livros digitais e apresentou a seguinte proposta:

Assim, o projeto Literatura Livre traduz para o português, edita e compartilha essas obras em formatos digitais. Essa biblioteca que formou a consciência humana ao longo de mais de dois milênios é cuidadosamente construída por meio de recortes temáticos com vistas ao contemporâneo. Nossa missão é equilibrar o antigo e o novo, ajudar no entendimento e admiração recíprocos por meio da aproximação cultural que as histórias promovem. Se histórias são a melhor maneira que encontramos para transmitir conhecimento desde antes da escrita, por que não usar as imortais para criar e recriar os laços que nos unem como um só povo? (Sesc São Paulo, 2020)

Junto ao Literatura Livre alia-se o tempo transcorrido, que permitiu aos idosos se tornarem íntimos de plataformas de comunicação como Zoom, Meets, Teams e outras. Foram tantos tutoriais compartilhados e atividades feitas por meio delas que propor um Clube de Leitura on-line era uma ação possível, agora que estavam confortáveis com essas novas ferramentas.

Aproveitando então a oportunidade, o projeto foi repensado e adaptado ao contexto pandêmico. A volta do clube se daria com a sugestão de contos pequenos, que requerem menos tempo de atenção e que garantem a leitura íntegra da obra, além de serem uma ótima alternativa para quem nunca teve ou perdeu o hábito de leitura. E buscando um tema para a escolha das obras, decidiu-se fazer um passeio pelo globo, começando com a Tanzânia. Foi selecionado um conto do livro *Contos Folclóricos Africanos*, volume 1, chamado “Por que os Bodes São Animais Domésticos?”, disponível no Literatura Livre. Nesta nova fase, optou-se pela troca de mediador, que contribuiria com a nova dinâmica, apostando na intergeracionalidade.

Um novo convite à leitura fora feito aos grupos de idosos de todas as nossas unidades e assim se iniciou a segunda temporada do projeto com um público misto, tanto de origem quanto de gênero, que passaria a se reunir mensalmente pelo Teams para discutir os diversos assuntos que os contos escolhidos proporcionavam.

“Durante toda minha vida gostei demais de ler. É gratificante participar deste Clube de Leitura onde pude conhecer outros autores, me deliciar com os contos que eu não conhecia, rever on-line os conhecidos do Sesc, me sentir VIVA! GRATIDÃO.”
Silvia Smarra

AS LEITURAS

A proposição de realizar a leitura de contos, um gênero mais breve e propício para a familiarização de todos com a atividade literária, foi a primeira questão pontuada na escolha dos textos. Outra questão muito importante foi deixar todos os participantes confortáveis em ler títulos e autores consagrados pelo cânone, como também autores mais desconhecidos, tornando a literatura um objeto acessível e fonte de novas descobertas. Logo, a leitura de contos ajudou a dar o pontapé de retorno ao âmbito literário e filosófico, além de talhar caminhos para encontros ancorados em autores como Machado de Assis, Borges, Poe, Tchekhov e Sui Sin Far.

Também há outras questões que balizam as escolhas textuais, são elas: a nacionalidade dos escritores, promovendo, assim, a pluralidade de referências culturais; e as narrativas folclóricas e de gênero, que garantem a diversidade, valor tão caro para o projeto. Cada escolha possui o objetivo de imergir os leitores em contextos inusitados, em práticas ainda não experimentadas e propiciar a leitura de novos cenários.

O repertório dos encontros já trabalhou as obras: “Por que os Bodes São Animais Domésticos?”, de Robert Hamill Nassau; “Crianças da Paz”, de Sui Sin Far; “O Gato Preto”, de Edgar Allan Poe; “A Cartomante”, de Machado de Assis; “O Outro”, de Jorge Luis Borges; e “História Alegre”, de Anton Tchekhov. São seis meses de trocas, com a proposta útil de se reconhecer no outro, de se encontrar em um novo ambiente e poder perceber o vasto mundo que permite congruências inimagináveis aos vícios rotineiros nos quais a vida se submerge atualmente.

A ideia é fundamentar o projeto nos princípios da escritora argentina María Teresa Andruetto, que acredita na hipótese de uma boa

leitura ser formada pelo momento oportuno no qual a acessamos. Uma boa leitura pode ser algo muito simples, porém, capaz de nos resgatar ou nos reconectar com algo ou alguém, promovendo, desse modo, uma experiência excepcional.

OS OBJETIVOS

As ações do Trabalho Social com Idosos (TSI) sempre são pautadas em diretrizes bem definidas e que conduzem todo o processo. Com isso em mente, buscou-se o caminho da transversalidade para que fosse possível atingir os objetivos do projeto. Os escopos do projeto presencial eram o estímulo à leitura, a construção de conhecimentos e o incentivo ao protagonismo, mas com o advento da pandemia, tornaram-se secundários, uma vez que os idosos são um dos grupos mais atingidos pelo distanciamento social. Portanto o foco do clube priorizou a socialização pelos encontros virtuais e pelas interações no grupo do WhatsApp e a promoção da saúde mental, tão prejudicada pela conjuntura, por meio do prazer da leitura, das conversas e da mediação do professor.

Dessa maneira, ficam mais claros os objetivos da escolha de cada obra e, principalmente, da importância da literatura como instrumento de socialização e de melhora da saúde mental dos idosos nos contextos pandêmicos. Todorov pontua que a literatura pode transformar o indivíduo e, mais do que isso, tem um papel a cumprir:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de

tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir, mas para isso é preciso tomá-la no sentido amplo e intenso que prevaleceu na Europa até fins do século XIX e que hoje é marginalizado, quando triunfa uma concepção absurdamente reduzida do literário. (2009, p. 76)

É dessa maneira que o Clube da Leitura procura atuar em seus conceitos, práticas e anseios, com a promoção da atividade literária em constante fluxo crítico-reflexivo e com o desenvolvimento de um percurso que faça sentido para o leitor participante e que seja objeto de outras possibilidades, conhecimentos e descobertas.

A DINÂMICA DA AÇÃO

Reunidos em um grupo de WhatsApp, os idosos recebem um material visual para lembrá-los da data do encontro, além do nome da obra e do autor. Recebem também um arquivo em PDF com o conto em duas versões, a original e a com fonte aumentada, a fim possibilitar maior acessibilidade às leituras feitas. Esse grupo também serve para dúvidas, avisos, comentários e socialização, além de ser um espaço de compartilhamento de vídeos, áudios, textos e links que ampliam as conversas que acontecem nos encontros virtuais.

Nas reuniões mensais, o objetivo principal é fomentar a conversa, numa prática de discursos horizontais que oportunizam a fala de todos e o diálogo reflexivo. Tudo acontece por meio de uma breve apresentação do conto e dos autores, realizada pelo mediador, e todos são chamados a apresentar suas impressões ao longo do

"Oferecido gratuitamente para os diversos públicos eu, uma senhora de 65 anos, pude conhecer virtualmente pessoas de várias regiões do estado de São Paulo. Com certeza muitas experiências foram trocadas e somadas, deixando meus dias mais leves, portanto quero aproveitar a oportunidade de agradecer o belíssimo trabalho que as unidades do Sesc nos oferecem."

Irene da Rocha

bate-papo. Os idosos, em suas argumentações, citam as considerações feitas por pares, seja para corroborá-las, seja para refutá-las ou, ainda, para adicionar reflexões, em um exercício de escuta e fala qualitativa. Cada contribuição é valorizada não apenas pelo mediador, mas pelo grupo, o que os estimula a exporem suas ideias sobre a leitura. Este exercício de alteridade contribui de forma substancial para a autoestima de cada participante.

As discussões sempre são direcionadas por análises livres que transitam entre o literário, o afetivo, o imaginário e o crítico, e também captam traços da cultura e da linguagem presentes nos textos. É sempre uma surpresa a direção que os discursos tomam, afinal cada leitor participante parte de seu universo imediato para delinear a leitura que lhe foi possível ao longo do mês.

O exercício parece muito complexo, contudo, não é nada hermético para os membros, que sempre se deixam levar por suas mentes férteis e pela generosidade da partilha. É exatamente essa a dinâmica do clube: a partilha. Todos repartem seus saberes e saem desta experiência de mediação abastecidos pelas transformações que a literatura é capaz de promover.

UM CONVITE:

Encerramos este relato esperando que tenha sido frutífero e que germe novas iniciativas de clubes de leitura voltados para o público idoso em diversas instituições. Ficamos à disposição e estendemos o convite à leitura a todos os interessados em participar dos encontros, saber mais sobre a ação e fazer parte do projeto. Convidamos todos a adentrarem em novos mundos e compartilharem conosco essa viagem!

**Meu clube, nossos livros,
o Sesc de todos e a sabedoria**

O Clube de Leitura TSI foi criado por iniciativa do Sesc pela Fernanda Silvestre no dia primeiro de março de 2021, para que as águas de março fechassem o verão com chave de ouro. Sabedoria poética. Arlete fez a ponte e nos integraram aos contos e às dicas da Fernanda Silvestre. E a literatura me levou às aulas de violão e a outros encontros. Nós embarcamos juntos para, em junho, namorar com textos no contexto. Com toda graça, para dizer o mínimo, de Grazia Deledda. Sabedoria literária. Quando soubemos o porquê de os bodes serem animais domésticos e um gato preto cruzar nosso caminho, passamos a ler Poe, Machado, Borges e até Tchekhov. Cidadãos do mundo. Sabedoria universal. Muita gente conheceu gente, entrou em atividades sugeridas pelo grupo, se encantou com a mediação gene- rosa da Fernanda e a didática instigante do professor João Paulo ao apresentar autores e interpretar textos, ouvindo atento cada uma das opiniões e percepções dos textos. Sabedoria didática. Nos resta agradecer e participar cada vez mais."

João Júlio e Arlete Almeida

“O convite para mediar o clube de leitura foi algo muito inusitado. Minhas experiências como mediador se limitavam à arte-educação para jovens e adultos e também às atividades convencionais de literatura em sala de aula. No entanto, foi incrível e está sendo cada vez mais.

Os participantes sempre estão empolgados e são imensamente bondosos em compartilhar suas análises e experiências com a leitura. Como professor e amante da literatura, me realizo a cada encontro e, para mim, tem sido uma grande válvula de escape na qual eu respiro em meio ao caos dessa pandemia interminável.

É uma ótima prática de escuta e uma oportunidade singular de se reconhecer no outro, ainda que haja fronteiras subjetivas a serem enfrentadas. Os participantes sempre me ensinam muito e fazem com que eu saia cada vez mais questionador de cada texto lido e compartilhado.

Acredito muito que os professores têm o importante papel de mediadores do conhecimento. Assim, como aponta Martins (1984, p. 34):

A função do educador não seria precisamente ensinar e ler, mas a de criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta.

Sendo assim, procuro estender minha base profissional para essa atividade não formal desenvolvida no clube de leitura. Incentivar a leitura através da singularidade de cada um é o a gênese do projeto. Acredito que será cada vez melhor e nos proporcionará grandes e boas surpresas, como já vem acontecendo até então.”

João Paulo Moda Paladino²

2 Licenciado em letras com habilitação em língua espanhola, mestrandando em estudos literários pela Unesp, professor de redação, literatura, língua espanhola e atual mediador do Clube de Leitura no TSI do Sesc Rio Preto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRUETTO, M. T. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- BRASÍLIA. Coordenação Geral dos Direitos do Idoso. Secretaria de Direitos Humanos (ed.). *Dados sobre o envelhecimento no Brasil*. 2020. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/envelhecimento.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.
- GROSSI, G. P. Leitura e sustentabilidade. *Nova Escola*, São Paulo, n. 18, p. 3, abr. 2008.
- MARTINS, M. H. F. *O que é leitura*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- RIO DE JANEIRO. IBGE COORDENAÇÃO DE TRABALHO E RENDIMENTO (ed.). *Educação 2018*: pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalles&id=2101657>. Acesso em: 10 set. 2021.
- SESC São Paulo (org.). *Literatura livre*. 2020. Disponível em: <https://literaturalivre.sescsp.org.br/>. Acesso em: 6 set. 2021.
- TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009, 96 p.
- VENTURI, G.; ROSAS, D. A W. DIAS, R. C. B. (org.). *Idosos no Brasil II*. 2. edição, 2020. Sesc SP. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2020/08/Pesquisa-Idosos-II-Completa-v2.pdf>. Acesso em: 27 set. 2021.

**LIVRO****RAIO-X****Danilo Cymrot**

Mestre e doutor pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e pesquisador do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo.

danilo.cymrot@sescsp.org.br

Lembrar e Ser Lembrado

por Danilo Cymrot



“Reparou como os velhos vão perdendo a esperança com seus bichinhos de estimação e plantas? Já viveram tudo e sabem que a vida é bela.” Os melancólicos versos de Cazuza fazem parte da letra da canção “Só as mães são felizes”, um título irônico que ironicamente serviu também de título para a biografia do cantor (ed. Globo, 1997), escrita por Regina Echeverria e baseada no depoimento de Lucinha Araújo, retratada como uma mãe super-protetora de um filho único morto aos 32 anos de idade. Já é clichê dizer que a pior dor que existe é a morte de um filho, algo visto como antinatural. Chico Buarque escreve em “Pedaço de mim” que “a saudade é arrumar o quarto do filho que já morreu”. O mesmo Chico, no entanto, escreve em “Uma canção desnaturada”, versos em que uma mãe lamenta ter se desdobrado tanto para cuidar de uma filha que nunca deveria ter saído da escuridão do ventre.

Versos aparentemente tão opostos desaguam em *É sempre a hora da nossa morte amém* (Nós, 2021), novo romance de Mariana Carrara, finalista do Prêmio Jabuti com *Se deus me chamar não vou* (Nós, 2019). No seu mais recente romance, conhecemos Aurora que, aos 75 anos de idade, bem longe da aurora de sua vida, é encontrada desmemoriada e desorientada à beira de uma estrada, segurando uma coleira vazia e chamando por uma Camila que pode ser sua filha, sua melhor amiga, sua cachorra, todas as alternativas anteriores ou nenhuma delas. Acolhida em um abrigo público para idosos, Aurora passa a receber visitas de Rosa, uma assistente social em busca do passado da protagonista, para “devolvê-la” para sua casa e sua família. Rosa, em certo sentido, é uma “curadora” de memória, não tanto no sentido de curar Aurora, mas no de selecionar quais pontos da memória caótica e contraditória de Aurora podem ser respaldados pela história que a burocracia estatal, em seus cartórios e arquivos, conta sobre uma pessoa.

Assim como num desenho do Papa-Léguas, em que o Coiote morre com uma bigorna caindo em sua cabeça para logo depois reaparecer vivo, apenas para morrer novamente de uma maneira ainda mais estúpida, Aurora narra diversas versões diferentes da morte de sua filha Camila ao longo do livro. Não só não quer morrer jamais como tenta recorrentemente, exaustivamente e inutilmente antecipar todos os riscos possíveis para a vida de sua filha, tendo em vista que, na sua (falta de) lógica, desde o momento em que nascemos, permanecer vivo é que é profundamente antinatural, o que consequentemente torna sem sentido colocar um filho no mundo. O destino pregárá uma peça, ele morrerá antes da mãe, o esforço de mantê-lo vivo até então terá sido em vão, a dor e a culpa serão insuportáveis.

Somos frágeis, carentes, avessos a despedidas. A vida é um sopro e talvez justamente por não ter controle sobre a vida e a morte é que a ateia Aurora, uma professora de português, se apegue tanto a regras gramaticais que tentam trazer um pouco de segurança e previsibilidade para o mundo, mas que no fim também perdem completamente o sentido diante da inevitabilidade da morte, que pode chegar das formas mais súbitas, inusitadas e absurdas. Essa sensação de vulnerabilidade e falta de controle acentua-se ainda mais na velhice, não tanto pela maior probabilidade de se estar mais próximo da morte (Aurora despreza as estatísticas), mas pelo fato que de idosos, ainda mais institucionalizados em abrigos, muitas vezes perdem o controle de suas próprias vidas: do que comer, do que fazer, das pessoas com quem conviver, do que lembrar, de suas funções fisiológicas.

Da mesma forma, não é garantido que aqueles filhos, a quem as mães dedicam tantos anos de suas vidas, tantas noites mal-dormidas e tantos cuidados, excessivos ou não, irão retribuir cuidando delas quando precisarem de cuidado, companhia e afeto. Ter filhos, nesse sentido, mais do que um investimento a longo prazo, é sempre um salto no escuro. Além do risco de o filho não sobreviver até os 40 anos, a ideia de ideal de um filho-amigo, segundo Aurora, falta muitas vezes “combinar com os russos”. Afinal, o pacto geracional pode ser quebrado unilateralmente pelos filhos, que criam asas e vão viver as próprias vidas, fazendo com que a solidão pareça como uma ameaça permanente para muitos idosos, não apenas para os que não tiveram filhos ou cujos filhos morreram tragicamente.

Na falta de um marido que se foi, vivo ou morto, melhor se socorrer no amor incondi-

Somos frágeis, carentes, avessos a despedidas. A vida é um sopro e talvez justamente por não ter controle sobre a vida e a morte é que a ateia Aurora, uma professora de português, se apegue tanto a regras gramaticais que tentam trazer um pouco de segurança e previsibilidade para o mundo, mas que no fim também perdem completamente o sentido diante da inevitabilidade da morte, que pode chegar das formas mais súbitas, inusitadas e absurdas.

cional de cachorros ou na companhia de um jabuti que, longevo, sobreviverá ao dono. No romance, Aurora disputa a tão ansiada companhia de sua melhor amiga Camila com o marido dela. Não surpreende que seja junto de amigas igualmente viúvas, de marido vivo ou morto, que muitas mulheres idosas encontrem companhia. Se Aurora convive com uma acumuladora no abrigo, de certa forma ela também é uma acumuladora, de amor, precauções e versões de sua história.

A forma como *É sempre a hora da nossa morte amém* é narrada – em primeira pessoa, por uma protagonista com quadro de confusão mental, desmemoriada ou simplesmente com um “distúrbio poético”, como define Rosa – faz não só com que nossa consciência se limite à consciência de Aurora e sejamos enganados ou confundidos, mas que ao longo da leitura sintamos cada vez mais empatia por ela, com suas lembranças, fantasias, angústias e neuroses. Seu drama ganha ares de filme de terror, mas também tem pitadas cômicas. Adentrar na mente de Aurora traz uma experiência profundamente humanista, de certa forma semelhante à que vemos ao assistir ao filme *Meu pai*, dirigido por Florian Zeller, estrelado por Anthony Hopkins e premiado em 2021 com as estatuetas do Oscar

de melhor roteiro adaptado e ator. No filme, vemos o mundo exatamente na perspectiva de um idoso com Alzheimer que, embora tente disfarçar, tem dificuldade de entender onde vive, as mudanças em sua rotina, quem são as pessoas que encontra em sua casa e os planos de sua filha de viver longe, apesar de terem sido repassados com ele tantas vezes.

É simbólico, assim, que a personagem de Anthony Hopkins confunda os rostos de sua filha e de sua cuidadora, por um lado, e que Aurora, por outro, diga que gostaria que a assistente social Rosa fosse a sua filha-amiga de 40 anos de idade. Muitas vezes são esses profissionais que acabam exercendo o papel de filhos, cuidando, dando afeto e fazendo companhia. Abandonados, solitários e vistos como estorvos, muitos idosos sentem-se mortos em vida. Têm medo de esquecer, mas também de serem esquecidos. Não só lembrar do passado, portanto, mas também ser lembrado no presente e ter uma perspectiva de futuro é o que faz alguém se sentir vivo. Na animação da Pixar *Viva – A vida é uma festa* (2017), dirigida por Lee Unkrich e Adrian Molina, a memória é um tema central. Vemos como na cultura mexicana é fundamental lembrar dos mortos de uma maneira festiva para que eles permaneçam vivos no outro plano.



Por outro lado, Inês, a bisavó do protagonista Miguel, apresenta problemas de memória, mas uma canção especial, que marcou sua infância, é capaz de fazê-la lembrar de seu pai, entregando o momento mais comovente do filme.

De fato, muitos idosos com problemas de memória preservam apenas a lembrança de seus anos mais longevos e da música, assim como dos aromas, que têm uma capacidade sinestésica impressionante de despertá-los, acionando sinapses nos caminhos misteriosos do cérebro. Não é à toa, assim, que Aurora investe na releitura de livros para tentar recordar seu passado, lembrando em que fase da vida estava quando os leu pela primeira vez, com quem estava etc. Algumas lembranças, no entanto, podem ser bastante traumáticas e dolorosas. Em algumas ocasiões, a memória de um país pode ser falsificada em Institutos Médicos Legais pela repressão política. Em outras, para nos protegermos, nós próprios as falsificamos e preferimos inventar uma vida que não vivemos para esquecer a que vivemos. Afinal, se lidar com a morte é difícil, é ainda mais assustador saber que é sempre a hora da nossa vida.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS REVISTA MAIS 60: ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

A revista *Mais 60: Estudos sobre Envelhecimento* é uma publicação multidisciplinar, editada desde 1988 pelo Sesc São Paulo, de periodicidade quadrimestral e dirigida a estudantes, especialistas e interessados na área do envelhecimento. Tem como propósito estimular a reflexão e a produção intelectual no campo da gerontologia e das áreas em que o envelhecimento e a longevidade são objetos de estudo. Seu objetivo é publicar artigos de divulgação técnicos e científicos que abordem os diversos aspectos da velhice (físico, psíquico, social, cultural, econômico etc.) e do processo de envelhecimento.

NORMAS GERAIS

Os artigos devem seguir rigorosamente as normas abaixo, caso contrário, não serão encaminhados para a comissão editorial.

- Os artigos devem ser enviados para o endereço eletrônico: revistamais60@sescsp.org.br.
- Os artigos não precisam ser inéditos, basta que se enquadrem nas normas para publicação que serão apresentadas a seguir. Quando o artigo já tiver sido publicado deve-se, obrigatoriamente, informar em nota à parte sob qual forma, onde e em qual data foi publicado (revista, palestra, comunicação em congresso etc.).
- Ao(s) autor(es) será(ão) solicitada a Cessão de Direitos Autorais – conforme modelo Sesc São Paulo – quando da aceitação de seu artigo. Os direitos de reprodução (copyright) serão de propriedade do Sesc São Paulo, podendo ser reproduzido novamente em outras publicações técnicas assim como no Portal Sesc São Paulo (sescsp.org.br), aplicativo e redes sociais desta instituição.
- Os dados, bem como as interpretações dos resultados emitidos no artigo são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo, obrigatoriamente, a opinião da comissão editorial da revista.
- Todos os artigos enviados que estiverem de acordo com as normas serão analisados pela comissão editorial, que opinará sobre a pertinência ou não de sua publicação. No caso de o artigo ser aceito o(s) autor(es) correspondente(s) será(ão) contatado(s) por e-mail e terá(ão) direito a receber 1 (um) exemplar da edição em que seu artigo foi publicado.
- Os artigos devem apresentar uma breve nota biográfica do(s) autor(es) contendo: nome(s); endereço completo; endereço eletrônico, telefone para contato; se for o caso, indicação da instituição principal à qual se vincula (ensino e/ou pesquisa) e cargo ou função que nela exerce.
- Os trabalhos aceitos serão enviados à revisão editorial e apenas modificações substanciais serão submetidas ao(s) autor(es) antes da publicação.

APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

• Os **artigos** devem ser apresentados em extensão .doc ou .docx e devem conter entre 20.000 e 32.000 caracteres, sem espaço, no total. Isto é, incluindo resumo, *abstract* e referências bibliográficas.

• **Categorias de artigos:** resultados de pesquisa (empírica ou teórica), relatos de experiência e revisão de literatura.

• O **resumo** deve ser estruturado e conter, nesta ordem: introdução, materiais e métodos, resultados e conclusão. Deve conter cerca de 200 palavras e vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as palavras-chave.

• O **abstract** deve conter cerca de 200 palavras, seguir a mesma ordem do resumo em português e vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as *keywords*.

• O **artigo** deve conter: introdução; hipótese (opcional); materiais e métodos; resultados; discussão; e conclusão ou considerações finais.

• As referências bibliográficas, notas de rodapé e citações no texto deverão seguir as normas da **Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)**.

• A quantidade máxima é de 30 (trinta) referências bibliográficas por trabalho. Revisões de literatura poderão conter mais referências. A autenticidade das referências bibliográficas é de responsabilidade única e exclusiva dos autores.

• **Gráficos e figuras** devem ser utilizados quando houver necessidade para entendimento do texto. Constar sob a denominação “Figura” ou “Gráfico” e possuir boa qualidade técnica e artística. Devem ser enviados separadamente e ter resolução mínima de 300 dpi, tamanho mínimo de 10cm x 15cm, no formato JPG ou PDF. As imagens devem ser numeradas no texto e trazer abaixo um título ou legenda, com indicação da fonte/autor. Em hipótese alguma devem ser incorporadas no próprio texto do artigo. Os gráficos devem ser enviados separadamente no formato XLS/XLSX (Microsoft Office Excel) ou PDF.

• **Tabelas ou quadros:** devem ser autoexplicativos, constar sob as denominações “Tabela” ou “Quadro” no arquivo eletrônico e ser numerados. A legenda deve acompanhar a tabela ou o quadro e ser posicionada abaixo deles. Siglas ou sinais apresentados devem estar traduzidos em nota colocada abaixo do corpo da tabela/quadro ou em sua legenda. Devem ser citados no corpo do texto, na ordem de sua numeração.

• **Fotos:** no caso de utilização de fotos (necessariamente em alta resolução, mínimo de 300 dpi), elas devem vir acompanhadas de autorização de veiculação de imagem do fotografado e com crédito e autorização de publicação do fotógrafo (segundo o modelo do Sesc São Paulo). Só devem ser utilizadas quando houver necessidade para entendimento do texto.

• A **quantidade de imagens**, tabelas e quadros deve ser limitada em 4 tabelas ou quadros e 2 imagens por artigo.

• **Citações de referências bibliográficas:** no texto incluir autor, data e página (quando necessário). Ex: Segundo Silva (2019). Se a citação for entre parênteses: (SILVA, 2019). Neste último caso utilizar a fonte Arial número 10.

• As **referências** devem ser organizadas em ordem alfabética, pelo sobrenome do autor. Devem aparecer alinhadas à margem esquerda e de forma a se identificar individualmente cada documento, em espaço simples e separadas entre si com espaço de 1,5.

• **Materiais extras** do artigo podem ser aceitos para a inclusão no aplicativo do Sesc São Paulo, onde a revista também está inserida. Estão incluídos fotos e vídeos em boa resolução e com as devidas autorizações de uso de imagem. Formato das imagens: JPEG, PNG, PDF e TIFF. Vídeos: MPEG4, MP4 e MOV. Áudios: MP3. Também são passíveis de aceitação conteúdos incorporados do YouTube, desde que haja autorização do responsável da conta para sua divulgação.

Em caso de dúvida, entre em contato pelo e-mail:
revistamais60@sescsp.org.br.



O Sesc – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio, serviços e turismo, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O Sesc de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o Sesc São Paulo conta com uma rede de 40 unidades, disseminadas pela capital, grande São Paulo, litoral e interior do estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em odontologia e cinema.

CONSELHO REGIONAL DO SESCI - 2018-2022

Presidente Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional Danilo Santos de Miranda

Membros Efetivos Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva, Valterli Martinez

Membros Suplentes Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes, William Pedro Luz

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Membros Efetivos Abram Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior, Rubens Torres Medrano

Membros Suplentes Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre, Vicente Amato Sobrinho

mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

Volume 32 | Número 81 | Dezembro de 2021

NESTA EDIÇÃO:

Haverá *Futuro para quem Vive nas Ruas das Cidades Brasileiras?* O artigo de capa da assistente social Fernanda Almeida aborda e faz uma reflexão sobre o aumento significativo da população em situação de rua nas cidades brasileiras, especialmente as que estão envelhecendo. Quem ilustra este conteúdo é a quadrinista e ilustradora Marília Marz.

Já o psicanalista Jorge Broide apresenta uma análise sobre as pessoas idosas e as equipes sem apoio diante desse problema social em seu artigo *Envelhecer Vivendo nas Ruas: A Experiência Radical do Desamparo*.

Os artigos *Comparação entre os Benefícios da Dança e do Exercício Físico para Idosos: Uma Revisão Sistemática; Envelhecimento Humano: A Perspectiva de Filósofos e Pintores da Antiguidade; Conhecimento e Atitudes de Idosos Brasileiros com Relação às Práticas Sexuais; e A Experiência do Ócio na Velhice: Contribuições Teóricas para Reflexões sobre Sua Função Social* também compõem esta edição.

Padre Julio Lancellotti, coordenador da Pastoral do Povo de Rua da Arquidiocese de São Paulo, reconhecido pelo seu trabalho fundamental principalmente no período da pandemia, é o entrevistado desta edição.

O painel de experiências apresenta o trabalho do Sesc Rio Preto *Clube de Leitura do Trabalho Social com Idosos (TSI): Um Convite à Leitura!* Já a resenha *Lembrar e Ser Lembrado* trata sobre o livro *É Sempre a Hora da Nossa Morte Amém*, romance de Mariana Carrara, e o filme *Meu Pai*, estrelado por Anthony Hopkins.

sescsp.org.br



8 1

Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



DISPONÍVEL NO
Google Play